

**DANYTIELE CRISTINA FERNANDES DE PAULA**

**O SINTAGMA VERBAL EM PORTUGUÊS: CONSTRUÇÕES  
PERIFRÁSTICAS E NÃO-PERIFRÁSTICAS**

São José do Rio Preto  
2014

DANYTIELE CRISTINA FERNANDES DE PAULA

**O SINTAGMA VERBAL EM PORTUGUÊS: CONSTRUÇÕES  
PERIFRÁSTICAS E NÃO-PERIFRÁSTICAS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti  
Bolsa: FAPESP (Processo no. 2012/14227-4)

São José do Rio Preto  
2014

Paula, Danytiele Cristina Fernandes de.

O sintagma verbal em português : construções perifrásticas e não-perifrásticas / Danytiele Cristina Fernandes de Paula. -- São José do Rio Preto, 2014

152 f. : il.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Gramática discursivo funcional. 4. Gramática comparada e geral - Sintagma verbal. 5. Língua portuguesa – Verbos. I. Pezatti, Erotilde Goreti.

II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

## COMISSÃO JULGADORA

### Titulares:

---

Profa. Dra. EROTILDE GORETI PEZATTI – Orientadora

UNESP – Universidade Estadual Paulista – *campus* São José do Rio Preto

---

Profa. Dra. HELLA OLBERTZ

UvA - Universidade de Amsterdã

---

Profa. Dra. MARIZE MATTOS DALL'AGLIO HATTNER

UNESP – Universidade Estadual Paulista – *campus* São José do Rio Preto

### Suplentes:

---

Profa. Dra. VÂNIA CRISTINA CASSEB GALVÃO

UFG - Universidade Federal de Goiás

---

Profa. Dra. SANDRA DENISE GASPARINI BASTOS

UNESP – Universidade Estadual Paulista – *campus* São José do Rio Preto

A meus pais, *Donizeti* e *Aparecida*, primeiramente, por serem a maior fonte de amor da minha vida. Também, por todo exemplo, paciência, apoio e compreensão incondicionais mesmo nos momentos mais difíceis.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho encerra uma caminhada de mais de dois anos, além de representar um novo marco para a caminhada de toda uma vida. Caminhada que não seria possível sem a companhia de pessoas essenciais que permaneceram ao meu lado, tornando o caminho sempre mais feliz e os passos mais leves. Por isso, impossível chegar até aqui e não agradecer...

A *Deus*, primeiramente, pelo dom da vida, pela força e por ser presença constante por meio das maravilhas e das dádivas diárias que recebo.

A meus pais, *Donizeti e Aparecida*, que tanto sofreram com minhas ausências, minha impaciência, minha ansiedade. Agradeço, especialmente, pela paciência, pela fé, pelo exemplo de vida, pelos ensinamentos e por todo o amor. Sou o que sou e cheguei onde cheguei por vocês e para vocês.

A minha querida “mãe acadêmica”, Profa. Dra. *Erotilde Goreti Pezatti (Erô)*, também por toda paciência, por todos os ensinamentos, por todos os conselhos e, especialmente, por acreditar e confiar no meu trabalho, na minha dedicação. Somam-se sete anos de orientação sob sua luz e sua sabedoria e serei sempre grata pelas lições de linguística e também de vida.

Ao meu namorado e grande companheiro, *Gabriel*, que suportou com muita fé e serenidade a distância dos meus seis meses no exterior e que sempre esteve presente com atos e palavras de carinho, apoio e confiança, além de muito amor.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. *Daniel García Velasco*, por ter contribuído tão valorosamente para a pesquisa e, principalmente, por toda gentileza, carinho e acolhimento nos seis meses em que estive sob sua orientação na Universidade de Oviedo, Espanha.

A minhas lindas avós, *Regina e Maria*, uma que me encheu de bênçãos aqui na terra e outra que, tenho certeza, esteve sempre me abençoando do céu. Também ao meu avô, *Lourenço*, pelo amor, pelas primeiras lições de espanhol e por me acompanhar também do céu.

A minha grande e amada *Família* pelo apoio incondicional e por ser minha fonte de amor e fé. Em especial, aos meus primos *Lara e André*, por renovarem minhas forças todos os dias; aos meus tios e tias *José Camargo, Dora, Cleonice, Elias, Francisco, Paula, José de Paula e Helena*, por todo carinho e por permanecerem ao meu lado sempre.

Aos meus *Amigos* queridos, sem os quais a vida seria certamente menos emocionante. Especialmente, a minha amiga, irmã de alma, *Tainara*, que dividiu todas as alegrias e tristezas dos últimos sete anos ao meu lado, por ser um presente de Deus na minha vida; aos meus amigos-irmãos, *Mauro e Luis Fernando*, pelas grandes companhias em São Paulo e na Espanha, pelo apoio, pelo carinho e por sempre me impulsionarem; as minhas queridas *Elaine, Ariane e Tailene*, que também estão nessa caminhada há sete anos e que são sempre o

mais seguro porto nas horas de tempestade; também aos queridos *Christian, Giuliarde e Isa*, que sempre foram presença nos mais diversos momentos; e ao amigo de infância *Ken*, por ser muito presente na distância.

As Professoras Dras. *Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher e Sandra Denise Gasparini Bastos*, pelos comentários e sugestões feitos na Qualificação e, principalmente, pelos valiosos ensinamentos em sala de aula que contribuíram para a abertura de novos horizontes.

Aos colegas do *Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF)*, pelas discussões, estudos e pesquisas na GDF que tanto contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa. Em especial, as amigas *Norma e Aliana*, pelas inúmeras conversas acadêmicas ou não e pelo incentivo de sempre.

Ao Professor Dr. *Lachan Mackenzie*, pelos comentários, sugestões e ajuda no desenvolvimento das análises aqui apresentadas e por toda a atenção gentilmente dispensada à minha pesquisa.

A *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)*, pela concessão das bolsas no país e no exterior, que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa.

*“O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor”.*

*(Madre Teresa de Calcutá)*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I: AS PERÍFRASES VERBAIS NA LITERATURA .....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 Sintagma verbal .....</b>	<b>21</b>
1.1.1 O verbo e as categorias verbais .....	21
1.1.2 A constituição do sintagma verbal .....	25
<b>1.2 Categoria Aspecto .....</b>	<b>27</b>
1.2.1 A categoria de Aspecto na literatura .....	28
1.2.2 Perífrases aspectuais .....	30
<b>1.3 Categoria Modalidade .....</b>	<b>36</b>
1.3.1 A categoria de Modalidade na literatura .....	36
1.3.2 Perífrases modais .....	38
<b>1.4 Categoria Tempo .....</b>	<b>39</b>
1.4.1 A categoria de Tempo na literatura .....	40
1.4.2 Perífrases temporais .....	42
<b>CAPÍTULO II: PERSPECTIVA FUNCIONAL .....</b>	<b>47</b>
<b>2.1 Gramática Discursivo-Funcional .....</b>	<b>48</b>
<b>2.2 O Nível Representacional .....</b>	<b>51</b>
2.2.1 O Tempo .....	57
2.2.2 O Aspecto .....	59
2.2.3 A Modalidade .....	62
<b>2.3 Nível Morfossintático .....</b>	<b>67</b>
2.3.1 O sintagma verbal .....	69
<b>CAPÍTULO III: DEFININDO AS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS E NÃO- PERIFRÁSTICAS NO PORTUGUÊS .....</b>	<b>71</b>
<b>3.1 A questão da auxiliaridade .....</b>	<b>71</b>

3.1.1 Sujeito da expressão .....	72
3.1.2 O escopo da negação .....	75
3.1.3 Perda semântica .....	78
<b>3.2 A questão da ordem .....</b>	<b>82</b>
<b>CAPÍTULO IV: CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS .....</b>	<b>92</b>
<b>4.1 Construções perifrásticas aspectuais .....</b>	<b>93</b>
<b>4.2 Construções perifrásticas modais .....</b>	<b>100</b>
<b>4.3 Construções perifrásticas temporais .....</b>	<b>103</b>
<b>CAPÍTULO V: CONSTRUÇÕES NÃO-PERIFRÁSTICAS .....</b>	<b>112</b>
<b>5.1 Construções aspectuais .....</b>	<b>113</b>
<b>5.2 Construções modais .....</b>	<b>128</b>
<b>CAPÍTULO VI: CONSTRUÇÕES COMPLEXAS: PERÍFRASES E NÃO- PERÍFRASES .....</b>	<b>139</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>151</b>

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### CAPÍTULO I

<b>Quadro 1:</b> Aspectos (CASTILHO, 1968, p. 49) .....	31
---	----

### CAPÍTULO II

<b>Figura 1:</b> Layout geral da GDF (cf. HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. 2008, p. 13) .....	49
<b>Quadro 2:</b> Subtipos modais (HENGEVELD, 2004, p.1193) .....	65

### CAPÍTULO III

<b>Quadro 3:</b> Critérios de auxiliaridade .....	81
<b>Figura 02:</b> Ordenação hierárquica (HENGEVELD, 2012) .....	83
<b>Quadro 4:</b> Posição de constituintes hierárquicos e não-hierárquicos. (PEZATTI, 2014, p. 91) .....	85

## RESUMO

Baseado em um trabalho de pesquisa anterior, denominado *Ordenação de constituintes do sintagma verbal nas variedades portuguesas* (FAPESP – Processo no. 2010/19767-1), a presente pesquisa tem como proposta esclarecer a natureza das construções perifrásticas e não-perifrásticas da língua portuguesa, por meio da aplicação de testes de auxiliaridade e, especialmente, da ordem de constituintes do sintagma verbal no português. Para tanto, toma-se como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008), assumindo uma perspectiva funcional para a ordenação de constituintes e para a análise das construções verbais em português. Como universo de pesquisa são tomadas ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha, do qual foram selecionadas as amostragens referentes às variedades que constituem língua oficial do país, ou seja, a brasileira, a portuguesa e as africanas. Após a seleção, os dados são analisados de acordo com a aplicação de testes de auxiliaridade, conforme apresentados em Castilho (2010): i) compartilhamento do sujeito da expressão; ii) escopo da negação; iii) alteração semântica do verbo auxiliar; (iv) inserção de expressões entre o verbo auxiliar e o pleno. O quarto teste diz respeito à ordem de constituintes, fator que se mostrou essencial para a definição das construções perifrásticas e não-perifrásticas em português, visto que revela a impossibilidade de tratar construções com os verbos *começar, continuar, acabar, passar, dever, poder, querer, etc.* no domínio do Sintagma. Os resultados ressaltam, portanto, a característica auxiliar dos verbos *ter, haver, e ir* (quando indicador de futuridade) para a formação do *tempo composto; estar e ir* para a indicação de *aspecto progressivo* (construções formadas com gerúndio); *ter de/que* para construções de modalidade deôntica; mostrando que esses auxiliares não permitem a ocorrência de sujeitos diferentes na perífrase, possuem fortes restrições quanto ao escopo da negação e quanto à inserção de elementos na adjacência entre auxiliar e verbo pleno, além de esvaziamento semântico, configurando, assim, uma construção perifrástica, cuja ordenação ocorre na camada do Sintagma. Quanto às construções consideradas tradicionalmente como perífrases aspectuais e modais, a análise funcional das ocorrências mostrou que são, na realidade, construções subordinadas e não perífrases. Os dados revelam que verbos como *começar, acabar, continuar, passar, poder, querer, costumar, etc.* permitem a existência de sujeitos distintos na construção, apresentam baixa restrição quanto a diferentes escopos da negação, mantêm seu conteúdo semântico e não apresentam restrições quanto à inserção de elementos na adjacência dos verbos envolvidos na construção. Consequentemente, essas construções não-perifrásticas são compostas por dois verbos plenos, núcleos de duas Propriedades Configuracionais, que configuram uma relação de subordinação: a segunda propriedade é argumento da primeira. Desse modo, a ordenação só é possível considerando a camada da Oração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções perifrásticas e não-perifrásticas, Gramática Discursivo-Funcional, Ordenação de constituintes.

## ABSTRACT

Based on a previous research, denominated *Ordering of constituents in a verb phrase in portuguese varieties* (FAPESP – Process 2010/19767-1), the proposal of this research is clarify the nature of periphrastic and non-periphrastic constructions of Portuguese language, by the application of auxiliary tests and especially of the order of constituents in Portuguese verb phrase. For this, we consider the theoretical framework of *Functional Discourse Grammar* developed by Hengeveld and Mackenzie (2008), assuming the functional perspective to the ordination of the constituents and for the analysis of verbal constructions in Portuguese. The research universe are actual occurrences extracted of oral *corpus* organized by Linguistics Center of University of Lisbon in partnership with University of Toulouse-le-Mirail and the University of Provença-Aix-Marselha, which were selected samplings referred to the varieties that constitutes countries official language, in this case, brazilian, portuguese and africans. After the selection, the occurrences are analyzed according to the application of the auxiliary tests, as presented in Castilho (2010): i) sharing the subject of the expression; ii) scope of negation; iii) semantic alteration of the auxiliary verb; (iv) insertion of expressions between the auxiliary verb and the main verb. The fourth test is related to the order of constituents, a factor that proved essential to the definition of periphrastic and non-periphrastic constructions in Portuguese, seeing that it shows the impossibility of treating the constructions with the verbs *begin, continue, finish, pass, must, want*, etc. as verb phrase. Thus, the results emphasize the features of the auxiliary verbs *have, there to be* and *go* (when indicates futurity) for the formation of the *composite time*; *be* and *go* for the indication of the *progressive aspect* (constructions formed with gerund); *have to/for* for constructions with deontic modality; showing that this auxiliaries don't allow the occurrence of different subjects in periphrases, have strong restrictions related to the scope of negation and the insertion of elements in adjacency between auxiliary and main verb, beside the semantic deflation, thus configuring a periphrastic construction whose ordering occurs in Phrase layer. As to the constructions traditionally considered as aspectual and modal periphrases, the functional analysis of the occurrences showed that they are, in fact, subordinate constructions and not periphrases. The occurrences reveal that verbs as *begin, finish, continue, pass, can, want, accustom*, etc. allow the existence of distinct subjects in the construction, have low restriction to different negation scopes, keeping their signification of full verb and don't have restrictions related to the insertion of adjacency elements of the verbs involved in the constructions. Consequently, these non-periphrastic constructions are composed by two full verbs, two Configurational Properties' heads that constitutes a subordination relationship; the second Configurational Property is the argument of the first property. Thus, the ordering is only possible considering the Clause layer.

**KEYWORDS:** Periphrastic and non-periphrastic constructions, Functional Discourse Grammar, Ordination of the constituents.

## INTRODUÇÃO

Em trabalho de pesquisa anterior, denominado *Ordenação de constituintes do sintagma verbal nas variedades portuguesas* (FAPESP – Processo no. 2010/19767-1), observou-se a existência de sintagmas verbais complexos, que, além dos constituintes verbais propriamente ditos (verbo principal e verbo auxiliar), compreendem também operadores e modificadores, conforme tratados pela Gramática Discursivo-Funcional, ou seja, constituintes gramaticais ou lexicais que restringem e especificam o sintagma. Buscou-se, então, fornecer uma descrição da ordenação de constituintes da camada do sintagma verbal nas variedades do português, relacionando dados empíricos a bases teóricas de natureza funcional, de acordo com o modelo teórico-metodológico de Dik (1981a, 1989 e 1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008).

Nesse estudo, foram identificados três tipos de sintagma verbal:

- (i) o constituído de uma única palavra verbal, como em (01);

(01) também na escola o ensino fica unificado, **acabou** o ensino rudimentar  
(Ang97:EnsinoAngola:46)

- (ii) o constituído de verbo auxiliar temporal e verbo principal, para designar tempo composto, como no exemplo abaixo;

(02) e diga-me uma coisa: portanto nunca **tinha vivido**, eh, assim uma situação de vulcão, ouvia falar. s[...], tinha algum sentimento de medo, de perigo que acontecesse isto um dia, ou não? ou para si, nunca pensava neste assunto? (CV95:IlhaFogo:19)

(iii) o constituído de verbo com significado aspectual ou modal e um segundo verbo pleno, para assinalar aspecto e modo, como nos casos de (03) e (04), respectivamente:

(03) então emprestaram o colar e a criança **começou a usar**, até melhorar... os olhos.  
(Ang97:Conto Tradicional:39)

(04) principalmente em zonas onde havia regadio onde através de uma pequena parcela de terra as pessoas **podiam tirar** uma rentabilidade maior. (PT97:TrabalhoPosseTerra:116)

Os resultados da pesquisa mostraram padrões de ordenação que foram determinados por fatores do Nível Representacional, especialmente no que diz respeito à linearização de perífrases verbais, que distinguem fatores de Propriedade Configuracional e de Estado-de-coisas.

Além disso, essa pesquisa mostrou ocorrências que apresentam sintagmas verbais mais complexos, como (05) e (06), em que se observa a presença de constituintes como - *no Imoca; não é?*; *por exemplo* - entre os verbos envolvidos nas construções:

(05) comecei a minha experiência de hotelaria e três meses depois fiz o curso de hotelaria, aprovei, não é, como um dos melhores empregados, e fui para o, o Afrodisiáco funcionar como empregado de mesa e depois passei para o Farol Velho durante cinco meses e agora **continuo no, no Imoca, não é?, a trabalhar**, normalmente. (Ang97: JovemGaspar:36)

(06) eu **posso, por exemplo, estar** cansada ou, hum, hum, necessitada de, de umas férias, e se tiver pessoas capazes para me, para me substituir, essas pessoas podem ficar no meu lugar (To-Pr96:Costureira:93)

Por limitações na pesquisa de Iniciação Científica, consideramos adequado tratar desses casos em uma pesquisa maior que atendesse à necessidade de um trabalho mais aprofundado com relação aos sintagmas verbais complexos das variedades do português e que são, na maioria das vezes, ignorados pela tradição linguística.

Dessa forma, a proposta inicial do trabalho era tratar dos sintagmas verbais complexos que expressam as categorias verbais de aspecto, modo e tempo, buscando determinar seu padrão de ordenação e explicitar os fatores que estão envolvidos na linearização dos constituintes desse sintagma. No entanto, com a análise dos dados, constatamos a impossibilidade de realizar a linearização de ocorrências como as exemplificadas acima apenas considerando a camada do Sintagma.

Essa constatação revelou um quadro mais complexo de construções e suscitou diversas dúvidas: por que constituintes hierárquicos podem aparecer em determinadas construções e não em outras?; por que as construções conhecidas como *tempo composto* apresentam maiores restrições quanto à modificações e inserções em sua estrutura?; o que são, então, perífrases? Buscar a resposta para essas perguntas levou o trabalho para outro questionamento: quais são, portanto, as construções perifrásticas e as não-perifrásticas em português?

Partindo dessa nova perspectiva, a proposta da presente dissertação é discutir, por meio da aplicação de testes de auxiliaridade e, especialmente, da ordenação dos constituintes, quais são as construções verbais perifrásticas do português, propondo uma nova análise das construções tradicionalmente conhecidas como tempo composto, perífrases aspectuais e perífrases modais, tomando, para tanto, o arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), conforme proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Ao assumir uma perspectiva funcional para a ordenação de constituintes e para a análise das construções verbais perifrásticas, o que propomos é explicar essas construções em termos de alguns princípios gerais com validade trans-sistêmica, que se apliquem ao português (cf. Dik, 1981a e b e 1989; Hengeveld e Mackenzie, 2008), esperando que, além de abrangente, seja essa abordagem também tão exaustiva quanto possível e coerente com o quadro teórico que a sustenta.

### ***Corpus e Metodologia***

Esta pesquisa relaciona-se também aos projetos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisas em Gramática Funcional (GPGF), coordenado pela Professora Doutora Erotilde Goreti Pezatti e sediado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE – UNESP), São José do Rio Preto, que tem investigado as variedades do português falado e escrito sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, utilizando um *corpus* que compreende as variedades faladas brasileira, europeia, africanas e timorenses.

Assim, tomam-se, como universo de investigação, ocorrências reais de uso, extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha, e adotado pelo Grupo em seus estudos sobre o português falado. Tal amostragem recebe o nome de “Português oral” e desenvolveu-se no âmbito do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, do qual resultou um *corpus* de amostragens de variedades do português falado, publicado em CD-ROM, com o apoio editorial exclusivo do Instituto Camões, sob o título *Português Falado - Documentos Autênticos: Gravações de áudio com transcrição alinhada*. Os CD's são distribuídos pelo Instituto Camões para o estrangeiro e pelo CLUL para Portugal.

O *corpus* é constituído por 86 gravações, incluindo conversas informais entre pessoas conhecidas ou entre amigos e familiares e intervenções mais formais como, por exemplo, as de programas de rádio. São textos do português falado em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, em Macau, em Goa e em Timor-Leste. As gravações abrangem um período de tempo que vai de 1970 a 2001, com uma incidência de cerca de 70% na última década.

Para este estudo, selecionaram-se as amostragens referentes às variedades que constituem língua oficial do país, ou seja, a brasileira, a portuguesa, as africanas (de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) e a timorense. Não se pretende, no entanto, assumir um tratamento variacionista e/ou sociolinguístico; com o uso desse material, pretende-se observar como o fenômeno da ordenação ocorre nos sintagmas verbais complexos do português.

A unidade de análise, obviamente, é o sintagma verbal (doravante, Vp) que, no Nível Representacional, corresponde a um predicado verbal (f). Um Vp, como já observado, pode ser constituído de apenas uma palavra verbal, ou de um auxiliar e uma palavra lexical, podendo também conter operadores e modificadores. Os auxiliares fazem parte de um conjunto de “primitivos” relevantes no Nível Morfossintático, ocupando lugares determinados pela configuração desse nível.

Neste estudo são tabulados os Vp complexos com núcleo lexical verbal, constituindo-se em perífrases verbais, sendo descartadas as construções de voz passiva e as construções com clíticos por acreditarmos que esses fenômenos merecem um estudo individual que possa contemplar sua complexidade. Além do que, para alcançar o objetivo pretendido de esclarecer a natureza das construções perifrásticas e não-perifrásticas em português, a análise dessas construções não constitui elemento crucial de distinção.

Após a seleção dos dados, a estrutura de cada Vp será determinada de acordo com os testes de auxiliaridade, tal como considerados em Castilho (2010):

- (i) compartilhamento de sujeito;
- (ii) escopo da negação;
- (iii) perda semântica;
- (iv) ordem dos constituintes.

Para a investigação da ordenação dos constituintes, foram observados:

- (i) Palavras verbais que especificam o núcleo verbal com relação a tempo, aspecto e modo;
- (ii) Palavras lexicais que restringem o núcleo verbal;
- (iii) Natureza da preposição, nos casos em que há preposição;
- (iv) Posição dos constituintes dentro do sintagma e da oração, considerando-se as posições potenciais dos constituintes, conforme o esquema:  $P^I$   $P^{I+n}$   $P^{M-n}$   $P^M$   
 $P^{M+n}$   $P^{F-n}$   $P^F$ .

São analisados os fatores que determinam a possibilidade de inserção de constituintes hierárquicos em cada construção e como esse traço se relaciona com os demais testes aplicados. Dessa forma, relacionando os testes, como propostos em Castilho (2010), os dados coletados e a teoria de camadas, conforme apresentada pela GDF, objetiva-se esclarecer as propriedades das construções perifrásticas e não-perifrásticas em português, estabelecendo padrões de ordenação coerentes com cada construção, contribuindo, assim, para um tratamento mais adequado dessas construções, que considere sua complexidade e sua produtividade em português.

Para tanto, esta dissertação está dividida em seis capítulos. No capítulo 1, trazemos um panorama geral de como são consideradas as perífrases na literatura, tratando das categorias verbais e das construções aspectuais, modais e temporais de acordo com gramáticos e linguistas da tradição portuguesa. Já no capítulo 2, expomos a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, tal como apresentada por Hengeveld e Mackenzie (2008), tendo como foco principal os níveis Representacional e Morfosintático, essenciais para a análise dos dados. O

capítulo 3 abre a discussão acerca das construções perifrásticas e não-perifrásticas em português por meio da aplicação de testes de auxiliaridade, distinguindo essas duas categorias. A partir da discussão levantada no capítulo 3, o capítulo 4 trata da análise das construções perifrásticas, apresentando os padrões de ordenação das construções perifrásticas aspectuais, modais e temporais. Em contraponto, o capítulo 5 discute as propriedades e a ordenação das construções não-perifrásticas, chamando a atenção para a presença de constituintes de camadas mais altas e para padrões de ordenação que diferem das construções perifrásticas. Por fim, o capítulo 6 destaca a existência de construções complexas, nas quais notamos a ocorrência de perífrases e não-perífrases juntas, enfatizando a importância de um estudo mais detalhado dessas construções a partir da nova perspectiva apresentada.

## CAPÍTULO I

### AS PERÍFRASES VERBAIS NA LITERATURA

Definir o conceito de sintagma verbal e especialmente de construções perifrásticas verbais pode parecer, à primeira vista, tarefa fácil, visto que comumente são definidos como construções nucleadas por um verbo. No entanto, uma rápida pesquisa na literatura gramatical e linguística mostra que a tarefa é tão complexa quanto a longa e acalorada discussão que a permeia.

O processo de definição dessas construções passa necessariamente por discussões que envolvem questões semânticas e pragmáticas, para além da morfossintaxe. Por esse motivo não se observa um consenso entre os gramáticos e linguistas, pois, alguns consideram essas construções como um grupo definido e fechado de junções entre um verbo auxiliar e um verbo principal; outros consideram que a variedade de construções é tão grande quanto as combinações possíveis que o falante pode enunciar.

Neste capítulo, buscamos discutir o tratamento dado ao conceito de sintagma verbal e das perífrases aspectuais, modais e temporais na tradição gramatical e linguística, destacando autores que consideramos fundamentais para o desenvolvimento da presente dissertação. Desse modo, a seção 1.1 traz a discussão do conceito de sintagma verbal, passando pelo conceito de verbo e das categorias verbais; a seção 1.2 apresenta a discussão a respeito das perífrases aspectuais; já a seção 1.3 centra-se nas perífrases modais e, por fim, a seção 1.4 apresenta as perífrases temporais.

## 1.1 Sintagma verbal

### 1.1.1 O verbo e as categorias verbais

Definir o conceito de *verbo* talvez seja um dos primeiros trabalhos das gramáticas portuguesas, dada sua importância em nossa língua. No entanto, trata-se de um trabalho que, contrariando as aparências, não é simples, justamente pela complexidade dessa categoria verbal.

Kury, em sua obra *Pequena Gramática – para explicação da nova nomenclatura gramatical* (1970, p. 66-67), define verbo, do ponto de vista semântico, como a palavra que designa certos aspectos da natureza (fenômenos, ações, estados e mutações, acidentes, etc.) que são concebidos dinamicamente e caracterizados por trazerem uma noção temporal, que pode ser da duração do processo ou do resultado deste, ou ainda do momento de sua ocorrência.

Azeredo (2008, p. 180), por sua vez, apresenta-nos o verbo a partir de um ponto de vista morfológico, destacando que “verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa”.

Tanto a definição de Kury como a de Azeredo parecem-nos um tanto parciais, pois captam apenas distinções semânticas e morfológicas do verbo. Como uma categoria fundamental na língua portuguesa, o verbo ultrapassa as noções de dinamicidade e das categorias apresentadas por esses dois gramáticos. Como exemplo de uma definição mais completa e funcional, encontra-se a de Bagno (2011, p. 509) e a de Castilho (2010, p. 396), que definem o verbo de acordo com suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas,

de modo a cobrir a amplitude representada por essa categoria. Assim, o verbo, do ponto de vista:

- a) Morfossintático: é a palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoal.
- b) Semântico: expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos.
- c) Discursivo: palavra múltipla que, de acordo com Castilho (2010, p. 396), “(i) introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos”.

No presente trabalho, focalizamos as propriedades semântica e morfossintática, mas ressaltamos a importância da face discursiva para as análises que serão aqui apresentadas, visto que dela decorrem decisões, por parte do falante, que serão refletidas nas outras faces consideradas.

Como descrito acima, morfossintaticamente, o verbo se constitui de radical e sufixos próprios, ou seja, é uma palavra eminentemente flexional, como herança tipológica da origem latina da língua portuguesa. Isto é, o processo expresso pelo verbo pode ser dimensionado de diferentes formas por meio das *categorias verbais*, veiculadas em suas flexões: aspecto, modo, tempo, voz, pessoa e número.

O verbo, assim como outras palavras variáveis, admite dois *números*: *singular* e *plural*. Como definem Cunha e Cintra (2008, p. 394), “dizemos que o verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa”.

A categoria verbal de *pessoa* está, por seu lado, diretamente relacionada com a pessoa gramatical do sujeito do verbo em questão, ou seja, “responde pela tarefa de identificar os

participantes referidos na sentença com base nos papéis que eles assumem na enunciação em curso” (ILARI, 2008, p. 165), sempre tendo o sujeito como ‘ponto de partida’. O português distingue três pessoas: i) primeira pessoa: aquela que fala, locutor do ato de fala e que faz autorreferência em seu discurso (*eu/nós*); ii) segunda pessoa: aquela a quem se fala, o alocutário do ato de fala (*tu/vós/você*); iii) terceira pessoa: aquela de quem se fala, é uma entidade referida no discurso e que não corresponde nem ao locutor nem ao alocutário (*ele/ela/eles/elas*).

A categoria de *voz* torna possível esclarecer o papel do sujeito dentro do discurso, ora como quem pratica a ação (*Agente*) na *Voz Ativa*, ora como quem sofre a ação (*Paciente*) na *Voz Passiva*. Para além do sujeito, essa categoria permite também colocar em evidência um dos participantes do processo expresso pelo verbo.

Já a categoria de *aspecto* designa o ponto de vista pelo qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo, isto é, expressa uma opção do falante de representar o processo de acordo com uma determinada perspectiva. Assim, o falante pode considerar o processo como concluído, não concluído ou ainda em desenvolvimento, tomando uma de suas fases como perspectiva para o ato de fala. Tratamos mais detalhadamente da categoria de *aspecto* na seção 1.2.

O *modo*, sobreposto à categoria de modalidade, assinala a atitude (de certeza, dúvida, ordem, etc.) do falante em relação ao que ele enuncia, ou seja, permitem ao falante expressar sua atitude com relação ao estado de coisas, que “pode ser apresentado como real (indicativo), irreal (subjuntivo), desejável (optativo), sujeito a condições particulares (condicional), exigido ou solicitado a outrem (imperativo e causativo)” (BAGNO, 2011, p. 555). Na seção 1.3, detalhamos a categoria de modalidade e sua relação de sobreposição com o modo verbal.

Por fim, o *tempo* é uma categoria que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo, localizando o processo temporalmente, tomando como referência o momento de

fala, o próprio falante e até mesmo o momento em que se desenvolve outro processo. Do mesmo modo como faremos com as categorias de aspecto e modo, tratamos também mais detalhadamente da categoria de *tempo* na seção 1.4.

Portanto, em *come/comia/comeria* há diferentes tempos verbais veiculados pela desinência; em *come/coma* ou *comia/comesse*, diferentes modos verbais; em *come/está comendo/começa a comer/acaba de comer/volta a comer*, diferentes aspectos embora o tempo seja o mesmo (presente).

Desse modo,

a função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, assunto) e quantidade dessas entidades (número). (CASTILHO, 1968, p. 13-14)

Assim como no latim, a desinência de número-pessoa é o constituinte final da flexão sofrida pelo verbo. Antes dela, apresenta-se a flexão modo-temporal, que veicula, essencialmente, três noções: aspecto, modo e tempo. Como observa Câmara Jr. (1979, p. 126), em latim, destacava-se primeiro:

o “aspecto” conclusivo ou inconclusivo que se comunicava [...]. Depois a ocasião da ocorrência, vista do momento em que se fazia a comunicação: “presente”, coincidente com ele [...]; “pretérito”, anterior a ele, já no passado do falante; “futuro”, quando em expectativa, a se verificar mais tarde. Finalmente podia se exprimir uma tal ou qual apreciação do falante a respeito do que dizia, ou seja, o “modo” porque encarava a sua própria comunicação.

Ainda como herança latina, ao lado dessas estruturas verbais, encontramos também formas com estrutura nominal: infinitivo, gerúndio e participípio. Tais formas “têm seu estatuto categorial ancorado num ponto de indecisão”, como ressalta Castilho (2010, p. 409), pois se situam entre a classe dos verbos plenos e a classe dos substantivos, adjetivos e advérbios. Ou seja, são formas verbais não prototípicas, que têm seu uso subordinado à existência de uma

outra forma verbal que possa lhes fornecer as flexões necessárias para a especificação do processo, formando assim sintagmas verbais.

### 1.1.2 A constituição do sintagma verbal

Saussure (1975, p. 142) define sintagma como um termo estabelecido para designar a combinação de formas mínimas em uma só unidade. Assim, sintagma é um conjunto binário formado por um elemento que é *determinante* e que estabelece uma relação de subordinação com um *determinado*. Atualmente entendemos que essa combinação pode não ser apenas binária, mas também complexa de tal modo a envolver múltiplas formas para a formação de uma única unidade linguística.

Em português, podemos distinguir uma série de sintagmas, nomeados de acordo com seu núcleo: *sintagma nominal*, *sintagma verbal*, *sintagma adjetival*, *sintagma preposicional* e *sintagma adverbial*. O que interessa particularmente a este trabalho é o sintagma verbal e sua constituição, ao qual nos dedicaremos a partir de agora.

De forma bem simples e direta, o sintagma verbal pode ser definido como uma formação nucleada por um verbo. No entanto, essa definição tão simples suscita desde já um primeiro questionamento: sendo a sentença uma formação também nucleada por um verbo, o que distingue então sintagma de sentença? Para Castilho (2010, p. 391), a distinção entre sintagma verbal e sentença é que no primeiro não figura o sujeito, componente que aparece na constituição da sentença.

Percebe-se, por essa distinção, que os sintagmas verbais guardam a função predicadora da sentença, isto é, possibilitam que as entidades referidas pelos sintagmas nominais se tornem, dentro da sentença, “tema de algum comentário e fiquem sujeitas à temporalidade que

caracteriza a oração e viabiliza a expressão da dinâmica própria dos acontecimentos e do fluxo da vida” (AZEREDO, 2008, p. 199)

Para cumprir essa função, o sintagma verbal concentra as categorias verbais já referidas, *tempo, modo, aspecto, voz, número e pessoa*, que podem ser expressas de diferentes modos de acordo com a configuração do sintagma.

Segundo Castilho (2010, p. 392) e Bagno (2011, p. 513-514), a configuração do sintagma verbal é a seguinte:

SV → (Especificadores) + Verbo + (Complementadores)

Desse modo, três posições podem ser preenchidas na configuração do sintagma. A posição central, *núcleo*, é necessariamente preenchida por um verbo para que o sintagma seja classificado como verbal. À esquerda e à direita do núcleo encontramos constituintes que não são obrigatórios: os *especificadores* e os *complementadores*.

O *núcleo* é necessariamente ocupado por um *verbo pleno*, do ponto de vista semântico, e um *verbo principal*, do ponto de vista sintático, ou seja, um verbo que carrega significado externo, correlacionado ao mundo extratextual.

Os *especificadores*, quando aparecem, geralmente são outros verbos, denominados de *verbos auxiliares*, tanto do ponto de vista semântico, quanto sintático. Tais verbos recebem essa denominação pois exprimem os conteúdos gramaticais que especificam o verbo principal. Desse modo, um *verbo auxiliar* é todo verbo de significação gramatical que forma uma locução com o verbo principal, objetivando situá-lo gramaticalmente, precisando-lhe o sentido.

Os *complementadores*, como o próprio nome nos diz, complementam o sentido do verbo principal e podem ser expressos por constituintes de diferentes funções sintáticas: objeto direto, objeto indireto e complemento relativo (ou oblíquo).

Dado que os especificadores e os complementadores são categorias não obrigatórias a depender do verbo que ocupa a posição de núcleo do sintagma, há, portanto, basicamente dois tipos de sintagma verbal: o *sintagma simples* e o *sintagma complexo*. O sintagma verbal simples é composto apenas pelo verbo pleno, pois este preserva todas as propriedades plenas para a organização do sintagma e, conseqüentemente, da sentença.

Já o sintagma verbal complexo, que é o objeto deste estudo, é formado por um verbo auxiliar e um verbo principal, em que o primeiro atribui os traços de tempo, modo, aspecto, pessoa, voz e número ao segundo, que deve, por sua vez, aparecer em uma forma nominal.

Como veremos mais adiante, consideramos os verbos auxiliares como verbos esvaziados de conteúdo semântico, guardando apenas informações gramaticais, enquanto que o significado é dado pelo verbo principal do sintagma. A Gramática Discursivo Funcional não considera a existência de complementadores, ou seja, o sintagma verbal é constituído apenas pelo verbo auxiliar, se houver, e o verbo principal, podendo contar com a inserção de operadores e modificadores, conforme mostram os dados da presente pesquisa.

## **1.2 Categoria Aspecto**

Tradicionalmente, para a formação das perífrases aspectuais, tem-se a junção de um verbo auxiliar mais lexical com um verbo principal. Por verbo auxiliar mais lexical, entende-se que esse verbo guarda informações lexicais aspectuais, o que não ocorre, por exemplo, com as construções temporais, dado que, como veremos mais adiante, os verbos auxiliares perdem seu significado para guardar apenas as informações gramaticais (tempo, por exemplo).

Nesta seção, apresentamos uma exposição da categoria verbal de aspecto nas gramáticas e nos manuais de linguística do português, e depois passamos à discussão do tratamento dado a essas construções, bem como dos verbos que comumente as compõem.

### 1.2.1 A categoria de Aspecto na literatura

A noção aspectual não é nova para as línguas latinas. Câmara Jr. (1979, p. 126-127), em seu livro *História e estrutura da língua portuguesa*, relata que os gramáticos latinos ainda não tinham depreendido a noção geral do “aspecto”, mas desde o século I a. C., com o gramático Varão, já destacavam a oposição entre o evento concluso e inconcluso que apresentavam as formas verbais. Essas formas foram então divididas em dois grupos: *perfectum* (formas que designavam eventos conclusos) e *imperfectum* (formas que designavam eventos inconclusos).

Castilho (1968, p. 39) enfatiza que as primeiras definições de aspecto consideravam-no como uma “qualidade do tempo”, porém, notaram-se diferenças relevantes que identificaram o aspecto como uma nova categoria. Assim, observou-se que o aspecto representa uma atualização espacial, qualitativa do processo verbal, e não temporal.

Dessa maneira, o aspecto foi definido como:

Propriedade que tem uma forma verbal de designar a duração do processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante (ex.: em seu começo – incoativo; em seu curso e ainda inconcluso – imperfeito; em seu fim já concluso – perfeito; concluso mas permanente em seus efeitos – permansivo) (Câmara Jr., 1973, p. 84).

Dito de outro modo, a categoria de aspecto refere-se à duração do processo, indicando o modo como o falante avalia o estado de coisas que está sendo descrito, ou seja, representa o ponto de vista do falante, sua apreciação pessoal acerca do evento descrito.

Desse modo, o evento pode ser descrito como conclusivo ou inconclusivo, ou ainda como estando em algum ponto da ação: no começo, no meio, no fim. Pode também ser descrito como algo habitual, repetitivo, unitário, etc. Esses exemplos, como veremos a seguir, não esgotam todas as possibilidades de representação aspectual na língua portuguesa.

Para que todas essas nuances aspectuais sejam descritas na língua, a categoria de aspecto tem que ser complexa em sua natureza, sendo, pois, uma categoria que, além de gramatical, é também lexical e sintática, dado que, para a sua caracterização, interagem elementos léxicos, como advérbios e verbos, e sintáticos, como partículas gramaticais que indicam a duração do evento, dos quais tratamos mais detalhadamente na análise dos dados colhidos para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Buscando compreender e descrever essa complexidade categorial, Castilho (1968, p. 40-41) divide a noção de aspecto em *stricto sensu* e *lato sensu*. A compreensão *stricto sensu* está relacionada ao ponto de vista subjetivo do falante a respeito do desenvolvimento da ação, direcionando-se apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza. Dessa forma, as noções aspectuais são reduzidas à bipolaridade tradicionalmente considerada: imperfectivo, caso a ação dure; e perfectivo, caso a ação se complete.

Já a compreensão *lato sensu* envolve o modo de ação das noções aspectuais, colocando em cena um número ilimitado de possibilidades e ultrapassando a bipolaridade “perfectivo x imperfectivo” que, geralmente, caracteriza o aspecto. Nessa compreensão, o modo de ação tem lugar na semântica do verbo, gerando então as infinitas possibilidades de distinções aspectuais. Desse modo, a noção de aspecto *lato sensu* expressa, para além da ideia de completude ou incompletude da ação, os estágios em que se encontra a ação (inicial, em andamento, final, etc.) por meio de estratégias lexicais ou gramaticais.

De um modo mais amplo, tratamos neste trabalho da compreensão *lato sensu* da categoria de aspecto, dado que analisamos diferentes nuances aspectuais como representadas

gramatical e lexicalmente. Por este motivo, na próxima seção, nos dedicamos à descrição dos diferentes valores aspectuais no português, explicitando também o modo como são expressos pelas perífrases verbais, de acordo com o considerado na literatura.

### **1.2.2 Perífrases aspectuais**

As construções verbais aspectuais, como consideradas tradicionalmente, são formadas pela junção de um verbo lexical, indicando aspecto, com um verbo principal em uma forma nominal.

Como destaca Câmara Jr. (1956, p. 84), as línguas românicas têm o impulso para a criação das construções perifrásticas como uma busca por reviver ou acentuar certas tonalidades de aspecto, esvaídas pela predominância da categoria de tempo. Desse modo, a representação do aspecto ficou essencialmente guardada na diferenciação léxica. No entanto, cabe lembrar que a expressão aspectual também se encontra semilatente na expressão do tempo e da voz, por isso construções de tempo composto podem guardar diferenciação aspectual também.

Castilho (1968), por seu turno, apresenta os principais valores aspectuais e suas respectivas construções, conforme consideradas tradicionalmente na literatura. Cada verbo lexical é responsável pelas nuances aspectuais, ou seja, a noção de aspecto reside no significado lexical do verbo. O quadro a seguir, apresentado por Castilho (1968, p. 49), resume os quatro aspectos principais na língua portuguesa e seus respectivos valores:

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

**Quadro 1:** Aspectos (CASTILHO, 1968, p. 49)

O valor durativo, representado pelo aspecto imperfectivo, apresenta três nuances:

a) *Aspecto imperfectivo inceptivo*: designa o evento do qual “[...] se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo” (Castilho, 1968, p. 49). Dentro dessa noção de inceptividade, podem-se ainda distinguir outras duas noções secundárias - *inceptivo propriamente dito* e *inceptivo incoativo*:

i) *Inceptivo propriamente dito*: indica o começo da ação puro e simples. Essa noção de início da ação decorre principalmente ou do semantema do verbo lexical, ou do todo formado pelo verbo lexical + verbo principal (no infinitivo ou gerúndio). As principais construções que apresentam a noção de início são: *começar, principiar* + infinitivo; *passar a, pôr-se a, pop. (a)garrar- a, dar-(se) a/para/em, deitar a, cair a, romper a, desatar a, entrar a, arc. filhar, pegar a, pop. despejar a, desandar a* + infinitivo ou gerúndio, como mostram os exemplos<sup>1</sup>: “E rapidamente, aproximou as cadeiras dos hóspedes, *começando a gesticular* uma resposta”; “*Principiou a falar* pausadamente, depois agitou-se, parecia louco”; “E *passou a reparar* mais nos defeitos de cada um”; “*Despejou a dizer* asneiras”; “Contemplando essa gente do segundo andar, me *ponho imaginando* a classe a que pertence”.

<sup>1</sup> Os exemplos apresentados nessa seção foram extraídos de Castilho (1968).

ii) *Inceptivo incoativo*: indica o começo da ação seguida por uma mudança de estado, geralmente, expressa pela junção do verbo lexical *ir* com verbos terminados em *-ecer* dado que este sufixo indica incoação, como em, “A mata *ia enegrecendo...*”

b) *Aspecto imperfectivo cursivo*: designa o evento do qual não se reconhece nem o princípio nem o fim, ou seja, designa um evento que é apresentado em seu pleno desenvolvimento. Aqui também encontram-se duas variantes secundárias - *aspecto cursivo propriamente dito* e *aspecto cursivo progressivo*:

i) *Cursivo propriamente dito*: indica a duração pura e simples de determinado evento, podendo ser expressa pelas construções aspectuais de *ficar*, *continuar*, *estar*, *ir*, *vir*, *seguir*, *permanecer* + preposição *a* + infinitivo ou gerúndio (neste caso, sem preposição), como nos exemplos: “Vendo-as caminhar, lentamente (...), *fico a imaginar* que mère Blandine tem razão...”, “*Continuava a observar*, mas a observação era instintiva”, “*Estou rezando à* minha padroeira, Santa Isabel, disse a menina”, “*Venho dizendo* isso há tempos”, “*Seguiu falando* de tudo que lhe vinha à cabeça”.

ii) *Cursivo progressivo*: indica a ideia de duração que importa aceleração ou gradação do processo, derivada da construção formada pelos verbos lexicais *ir* e *vir* + gerúndio. Neste caso, o aspecto deriva diretamente do verbo principal que é ou semanticamente progressivo, ou terminado com o sufixo *-ecer*, pois a noção de mudança dos verbos incoativos implica também em gradação. Exemplos: “Realmente não latia: uivava baixinho e os uivos *iam diminuindo*, tornavam-se quase imperceptíveis”, “Um grito de sirene *veio crescendo* de longe”.

c) *Aspecto imperfectivo terminativo*: designa o evento do qual se conhece o término. É expresso por meio das construções: *acabar, cessar, terminar, deixar, vir* + preposição *de* + infinitivo de verbo atélico, pois sendo télico, indicará o aspecto *perfectivo pontual*. Exemplos: “(...) mal sabia ele que *acabava de consolidar* a sua melhor conquista”, “Só de ‘ouvir dizer’, porque, como *acabo de contar*, nunca os vira juntos”, “(...) quando nossos pais já morreram, os amigos da adolescência se dispersaram e as amadas *cessaram de existir...*”.

A noção de completamento, por sua vez, representada pelo aspecto perfectivo, “implica a indicação precisa do começo e do fim do processo, polos estes separados por um lapso de tempo extremamente curto, não significativo” (Castilho, 1968, p. 50). Novamente encontramos nuances que permitem distinguir três tipos de aspecto perfectivo:

a) *Perfectivo pontual*: o perfectivo por excelência. A ideia de processo que é acabado tão logo é começado pode ser expressa por meio das seguintes construções: *acabar* + preposição *de* ou *por* + infinitivo, *acabar* + gerúndio de verbo télico. Exemplos: “O Dr. Borges de Medeiros *acaba de reconhecer* a vitória do Dr. Júlio Prestes”, “*Acabou por vencer* a vontade firme do déspota caseiro”, “Roberto *acabou concordando* em vir conosco”.

b) *Perfectivo resultativo*: designa eventos dos quais se conhece o resultado consequente à conclusão da ação. Essa noção de completamento decorre, frequentemente, da construção *estar* + particípio passado. Exemplos: “não precisa

de visagem, mãe! A coisa se deu, *está dada*. Vim pra me despedir”, “Já agora podes me contar tudo, Lobato. O meu dia já ‘*está estragado*’”.

- c) *Perfectivo cessativo*: designa eventos dos quais se pode depreender, da ação expressa pelo verbo, uma noção de negação que se reporta ao presente; pode ser expressa pela junção do auxiliar *estar* + particípio passado, estando o auxiliar no pretérito. Exemplos: “A Revolução *esteve perdida*. Houve um momento tão duvidoso que Cândido dos Reis se suicidou”, “A cidade *esteve ocupada*”.

A noção de repetição é representada pelo *aspecto iterativo* que apresenta também duas nuances:

- a) *Aspecto iterativo imperfectivo*: designa ações durativas que são repetidas; pode ser expresso por meio das construções: *costumar, habituar-se* + infinitivo de verbo atético; *andar* + gerúndio ou infinitivo e *viver* + gerúndio de verbo atético. Exemplos: “*Costumo passear* às seis horas”, “*Habituou-se a estudar* pela manhã”, “Depois disto o Dr. Carmo *andou espalhando* que rasgaria a batina do padre”, “Disse-me a Lolita, da Chica Menuda, que ele *anda a desinquietar* lá para o bazar”, “Por outro lado, Dr. Auta *vivia chorando* de desgosto”.
- b) *Aspecto iterativo perfectivo*: designa ações pontuais que são repetidas; pode ser expresso por meio das construções: *andar, viver* + gerúndio de verbo tético; *ser de, soer* + infinitivo de verbo tético. Exemplo: “Nosso filólogo *andou falhando* no começo do ano (...)”, “Ele é que *vive provocando* Leleco!”, “Eu *sou de perder* condução, você não me conhece!”.

A nomenclatura apresentada até aqui pode variar de autor para autor nas gramáticas portuguesas e há ainda autores que desconsideram algumas dessas formas como expressões aspectuais ou que consideram outras formas além das apresentadas. O próprio Castilho, em obra de 2010, acrescenta às subdivisões apresentadas o aspecto *semelfactivo*, que indica a ocorrência singular de um evento. A opção por apresentar a nomenclatura dada por Castilho considera a extensão e a importância da obra *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*, que fazem dela uma das mais completas referências no estudo da categoria aspectual.

Cabe ressaltar que as categorias e subcategorias apresentadas não são discretas e homogêneas, ou seja, o sistema verbal, em toda a sua complexidade, permite que mais de uma subcategoria possa ocorrer em uma determinada forma. Desse modo, são muitos os casos em que pelo menos dois valores aspectuais paralelos podem ser encontrados em uma mesma forma verbal.

Nas línguas ocidentais modernas, o tempo tornou-se o centro do paradigma verbal, fazendo com o que aspecto receba uma apresentação secundária, acolhendo-se, principalmente, na diferenciação léxica e em locuções.

Dada a produtividade da expressão aspectual por meio de locuções, vários autores se dedicam ao estudo das perífrases aspectuais, como consideradas tradicionalmente. No entanto, a consideração das construções aspectuais, como apresentadas anteriormente, não é um consenso entre gramáticos e linguistas, alguns desconsideram certos verbos como indicadores de aspecto, outros acrescentam verbos à lista, e há ainda os que consideram os verbos aspectuais como verbos plenos encaixadores de uma oração subordinada.

Nessa perspectiva, nosso posicionamento se aproxima da reclassificação feita por Castilho (2010). Após realizar testes de auxiliaridade, que serão apresentados mais adiante, o

autor conclui que as construções em *começar/continuar/acabar/passar, etc.* + infinitivo “constituem núcleo contíguos de sentenças distintas” (2010, p. 450) e não uma construção perifrástica. Assim, considerando principalmente a ordenação dos constituintes, verificamos que apenas as construções com *estar/ir* + gerúndio constituem perífrases, sendo as demais, construções subordinadas.

### 1.3 Categoria Modalidade

Semelhante às construções aspectuais, nas construções modais, conforme tradicionalmente consideradas, tem-se a junção de um verbo auxiliar mais lexical com um verbo principal. Por verbo auxiliar mais lexical, neste caso, entende-se que esse verbo guarda informações lexicais modais, não tendo, portanto, seu conteúdo léxico esvaziado.

Visando à apresentação dessas construções, como tratadas na literatura, apresentamos uma exposição da categoria de modalidade nas gramáticas e nos manuais de linguística do português, e depois passamos à discussão do tratamento dado a essas construções, bem como dos verbos que comumente as compõem, de acordo com as gramáticas consultadas.

#### 1.3.1 A categoria de Modalidade na literatura

Na literatura, de maneira geral, *modalidade* é confundida com *modo*, sendo que, o último é apenas uma das formas de expressão da primeira. Buscando ressaltar a diferença entre ambos, tratamos primeiro de *modo* e, posteriormente, de sua implicação na *modalidade*.

Voltando à raiz latina, Ilari e Basso (2008) mostram que a palavra *modo* teve origem no latim *modus*, que apresentava vários significados, originando diversas palavras como “módulo” e “módico”. Em comum, os significados apresentavam a ideia de controle, maneira

de fazer que indica um estilo pessoal, uma subjetividade. Considerando esses significados, os gramáticos latinos usaram *modo* para designar processos linguísticos que envolvessem estabilidade, variação e subjetividade, indicando a aplicação desses traços, especialmente, aos verbos.

Atualmente, de maneira mais simples, Azeredo (2008) e Cunha e Cintra (2008) definem a categoria de *modo* como a expressão da atitude do falante em relação ao processo verbal. Assim, o modo é, junto com tempo, aspecto e voz, uma das categorias semânticas dos verbos.

Como categoria, o modo se diferencia do aspecto “por comportar um conjunto de tempos, enquanto o aspecto traduz a apreciação que o falante faz de algo que se passa num único segmento temporal” (BAGNO, 2011, p. 556). Em relação ao tempo, a diferença reside no fato de que o tempo se refere ao momento de ocorrência do processo, visto a partir do momento da enunciação, enquanto o modo apresenta o julgamento do falante a respeito da natureza do estado de coisas comunicado.

Para Ilari e Basso (2008):

Podemos então dizer que, da mesma forma que olhar para a estrutura argumental do verbo nos leva a considerar os mecanismos consagrados pela língua para representar o que percebemos do mundo, e da mesma forma que as opções de tempo nos permitem ancorar deitivamente nossas representações da experiência a partir do momento da fala, olhar para o modo nos faz perceber a fala numa dimensão tipicamente interpessoal. (p. 317, grifo do autor)

No caso do modo verbal, a expressão da atitude subjetiva do falante é indicada por uma variação na forma do verbo – *está/esteja, estava/estivesse, estará/estiver*, e pode indicar algo real, eventual ou necessário, originando os três modos do português, respectivamente, *Indicativo, Subjuntivo, Imperativo*. O *Indicativo* é, na maioria das vezes, o modo que expressa situações reais seja no mundo real ou imaginário. Oposto ao *Indicativo*, o *Subjuntivo* indica fatos não-reais, hipotéticos, que, em sua maioria, estão condicionados à verdade de outro fato.

Por fim, o *Imperativo* expressa a ideia da *ordem*, ou seja, indica que certo estado de coisas é objeto de uma ordem, criando no ouvinte a obrigação de fazer com que esse conteúdo se torne realidade.

No entanto, a expressão da atitude enunciativa do falante é mais ampla e recobre outras noções além de real, irreal e obrigação, passando para os campos da possibilidade, permissão e necessidade. Para indicar essas noções, entramos no campo da *modalidade*, que constitui meios de modalização do estado de coisas, sendo expressa por verbos como *poder*, *dever*, *saber*, *duvidar* e *supor*. Trata-se de recursos de modalização ou modalidade expressa por meios de verbos, que abordaremos a seguir.

### 1.3.2 Perífrases modais

Como mencionado na seção anterior, além da categoria de *modo* prevista no paradigma morfológico da língua, também é possível modalizar um enunciado por meio de outros recursos, como o uso de verbos de caráter modal.

Kury (1973, p. 38) considera como auxiliares os verbos que indicam tempo, aspecto e modo, dividindo os verbos auxiliares em *temporais*, *aspectuais* e *modais*. Quanto aos modais, o autor os classifica de acordo com a nuance que acrescentam à locução, conforme reproduzimos aqui:

- a) volição: *desejar*, *querer*, *haver de*;
- b) possibilidade ou capacidade: *poder*, *saber*;
- c) necessidade: *dever (de)*, *ter de*, *ter que*;
- d) intenção: *tentar*, *buscar*, *ousar*, *pretender*, etc.;
- e) consecução: *conseguir*, *lograr*, etc.
- f) aparência: *parecer*.

Assim, esses verbos lexicais são, de acordo com Kury (1973), empregados em construções com verbos no infinitivo, acrescentando a nuance modal a todo o estado de coisas descrito.

De modo similar ao que acontece com as construções aspectuais, não há consenso entre os autores sobre os verbos que indicam modalidade e que compõem essas construções. Castilho (2010), afirma que construções como *dever* + infinitivo constituem, na realidade, núcleos contíguos de sentenças distintas e não construções perifrásticas como assim considera a maioria dos autores.

Novamente, a análise dos dados e, principalmente, a ordenação dos constituintes, como apresentaremos nos próximos capítulos, apontam para o caminho já apresentado por Castilho (2010). Construções como *dever/poder/querer* + infinitivo são casos de subordinação e não construções perifrásticas como as construções com *ter de/que* + infinitivo.

#### **1.4 Categoria Tempo**

Nesta seção, tratamos das construções temporais, caracterizadas como a junção de um verbo auxiliar temporal com um verbo principal em uma forma nominal (particípio, infinitivo e gerúndio). Tradicionalmente são chamadas de *tempo composto*, pois equivalem a uma forma verbal simples.

Antes de tratar detalhadamente das construções verbais, fazemos aqui uma breve exposição da categoria verbal de tempo, expressa por meio dessas locuções, dado que sua compreensão é necessária para discutir a composição das construções. Posteriormente, discutimos a constituição dessas construções e os verbos auxiliares envolvidos em sua composição.

### 1.4.1 A categoria de Tempo na literatura

Tradicionalmente, esta categoria diz respeito às “[...] relações temporais na medida em que elas são expressas por contrastes gramaticais sistemáticos. Três desses contrastes foram reconhecidos e registrados pelos gramáticos tradicionais para a análise do grego e do latim: *o passado, o presente e o futuro*” (BAGNO, 2011, p. 574).

Porém, é preciso que se entenda que a noção de tempo natural, dividida em passado, presente e futuro, não tem correspondência exata na divisão do tempo gramatical, ou seja, um verbo conjugado no presente pode expressar eventos presentes, mas pode também expressar eventos passados ou futuros sem que isso cause incoerência ou estranhamento. Dito de outro modo, entender a categoria verbal de tempo requer a negação da visão de que o tempo gramatical reflete necessariamente o tempo natural, sendo obrigatória a correspondência entre ambos.

Câmara Jr. (1970) define *tempo* como o nome dado aos grupos flexionais em que se divide a conjugação de um verbo, que situam, em princípio, o processo na sua ocorrência em relação ao momento em que se fala. Assim, como destaca Bagno, o tempo verbal não é o tempo físico, o transcorrer do tempo na realidade, mas trata-se de um tempo que

[...] está sempre ancorado no *momento de fala*, no aqui e agora da enunciação, ou num momento diferente do momento de fala ao qual o contexto linguístico deu saliência. Assim, por exemplo, num diálogo entre duas pessoas, A e B, podemos encontrar a seguinte situação: (A) *Por que você desistiu de namorar o amigo do Rodolfo?* (B) *Porque eu descobri que ele era casado.* Ora, o amigo do Rodolfo ainda é casado no momento presente, mas B emprega um tempo verbal (o pretérito imperfeito) que se refere ao passado estabelecido dentro do ato de fala e não na realidade empírica. (2011, p. 512)

No entanto, como ressalta Castilho (1968, p. 15-16), a categoria de tempo ultrapassa essa função, pois localiza o processo designado pelo verbo em um momento determinado, a

partir de três pontos de referência: “o próprio falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro”. Qualquer desvio em um dos pontos de referência faz com que todo o sistema temporal oscile, afinal, fala-se aqui de uma noção completamente abstrata. Desse modo, o autor apresenta uma divisão de tempos a depender das referências:

- i) Tempos absolutos: primeiramente definidos pura e simplesmente como presente, passado e futuro;
- ii) Tempos relativos: definidos primeiramente como os tempos que se desenvolvem a partir dos tempos absolutos. Seriam, por exemplo, as conjugações do imperfeito, mais-que-perfeito, futuro e perfeito do subjuntivo, futuro perfeito;
- iii) Tempos históricos: tempo em que o sujeito se inclui na história, por exemplo, “Napoleão desembainha a espada”, em que o sujeito narra como se estivesse de fato presente no momento da ação; ou então adota um tom profético de quem não duvida da veracidade do que enuncia, como em “Esta foi a decisão que mudará o curso da história”, dado que o sujeito enuncia uma predição futura como sendo uma verdade absoluta.

Ilari (1997) afirma que localizar o momento do evento, ou seja, o momento em que se desenrola o processo, é o objetivo último dos tempos verbais, pois fornecem instruções para a localização da ação expressa pelo verbo. Mais amplamente, os tempos verbais situam o momento de fala, pois compartilham com os dêiticos a capacidade de identificar realidades localizando-as relativamente ao ato de fala. E por fim, situam o momento de referência que se faz necessário para a compreensão de certas determinações temporais que a sentença sofre no cotexto. Desse modo, a categoria de tempo relaciona o momento da ação com o momento da

enunciação, sendo, pois, uma categoria dêitica que é propriedade da sentença e também da enunciação.

Cabe ressaltar ainda que o tempo é também uma categoria que apresenta certa nuance modal, dado que evoca o sujeito como ponto de referência central para a descrição do processo, referindo-se ao momento de sua ocorrência visto pelo falante a partir do momento da comunicação.

Portanto, lidamos aqui com uma categoria abstrata e complexa, que está muito além das associações tradicionalmente feitas entre forma e cronologia. Considerando essa complexidade objetiva e, ao mesmo tempo, abstrata, pretendemos alcançar uma análise mais ampla das construções sintagmáticas verbais temporais, destacando os reflexos semânticos e morfossintáticos nessas construções nas quais o tempo verbal é inserido por meio de um verbo auxiliar.

#### **1.4.2 Perífrases temporais**

Conforme mencionado anteriormente, as construções verbais temporais são formadas pela junção de um verbo auxiliar, indicando tempo, com um verbo principal em uma forma nominal. Essa junção constitui um sintagma verbal equivalente a formas simples das conjugações verbais, o que lhe confere o nome de *tempo composto*.

Como destaca Azeredo (2008, p. 186), a tradição gramatical classifica como tempo composto apenas dois modelos de composição: a) a locução de voz passiva formada pelo verbo auxiliar *ser*, em todas as suas flexões, e por um verbo principal no particípio perfeito; b) as locuções verbais formadas pelos verbos auxiliares *ter/haver* e por um verbo principal também no particípio perfeito. Essas formas seriam incorporadas às séries de tempos de

formas flexionais simples e por isso teriam a denominação de *tempos* (ou *formas*) *compostos*; assim, tradicionalmente, todas as demais locuções seriam consideradas perífrases.

Castilho (2010, p. 447) enfatiza que essas locuções com particípio foram as primeiras descritas pelos gramáticos, pois, de fato, as composições de tempo composto e voz passiva, nas quais o auxiliar é seguido por um verbo no particípio, são mais gramaticalizadas do que as construções com gerúndio e infinitivo. Além desta característica, essas construções correspondem a formas verbais simples, como é o caso do mais-que-perfeito, por exemplo.

Esse conjunto de fatores fez com que os verbos auxiliares envolvidos nessas construções fossem considerados como auxiliares propriamente ditos, ou seja, *ter*, *haver* e *ser* são os verbos reconhecidos como verbos auxiliares pela tradição gramatical portuguesa, pois são esvaziados de significado, guardando apenas as informações temporais.

Dessa maneira, em uma abordagem tradicional baseada aqui em Kury (1973) e Azeredo (2008), os auxiliares que servem para a formação de tempos compostos (sempre com o verbo principal no particípio) são:

1. na voz ativa: *ter*, *haver* e, hoje mais raramente, *ser*;
2. na voz passiva analítica: i) de ação – *ser*; ii) de estado – *estar*; iii) de mudança de estado – *ficar*. (KURY, 1973, p. 36-37)

De modo geral, *ter* e *haver* são empregados “com o particípio do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 409), como em (01):

(01) os fluxos migratórios que ultimamente se têm registrado, um pouco por toda a África, e também dentro do nosso país **teriam provocado** graves conseqüências ao ambiente (Ang97:Guerra e Ambiente:01)

Cunha e Cintra (2008, p. 416-418) destacam as formas verbais constituídas pelo verbo *ter* (e, mais raramente, pelo verbo *haver*) com o particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: presente do indicativo do verbo *ter* com o particípio do verbo principal: *tenho cantado*;
- Pretérito mais-que-perfeito composto: imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *tinha cantado*;
- Futuro do presente composto: futuro do presente simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *terei cantado*;
- Futuro do pretérito composto: futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *teria cantado*.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito: presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *tenha cantado*;
- Pretérito mais-que-perfeito: imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *tivesse cantado*;
- Futuro composto: futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *tiver cantado*.

Nas formas nominais:

- Infinitivo impessoal composto (Pretérito impessoal): infinitivo impessoal do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *ter cantado*;
- Infinitivo pessoal composto (Pretérito pessoal): infinitivo pessoal do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *terem cantado*;
- Gerúndio composto (pretérito): gerúndio do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal: *tendo cantado*.

Bagno (2011, p. 603-605), em uma visão mais funcional, defende que

na formação de tempos compostos, é obrigatório incluir, pelo menos, os verbos **estar** e **ir** quando seguidos de gerúndio e infinitivo. Afinal, esses dois auxiliares entram na formação de verdadeiros tempos verbais que, embora não relacionados pela TGP [tradição gramatical portuguesa], estão entre os mais empregados no PB [português brasileiro].

Atualmente, o verbo *estar* ampliou sua auxiliabilidade entrando na formação de novos tempos verbais em construções com o gerúndio do verbo principal. Tais construções ainda não são reconhecidas como tempos compostos pela tradição gramatical, mas estão agora entre as mais empregadas da língua portuguesa.

Já o verbo *ir*, empregado até hoje como expressão de deslocamento espacial, transferiu essa expressão de deslocamento para o tempo, já que todo deslocamento espacial também implica um deslocamento temporal. Assim, o verbo *ir* passou a ser empregado em locuções com o infinitivo com sentido temporal, como auxiliar é empregado como partícula de futuro, podendo ser usado inclusive com verbos principais que indicam imobilidade, como por exemplo “Eu *vou ficar* na festa até meia noite”; ou sentido contrário ao de *ir*, como em “Eu *vou voltar* tarde do trabalho hoje”.

O futuro simples *falarei* e o futuro do pretérito *falaria*, hoje restritos a gêneros textuais escritos, perderam seu uso para as formas compostas *vou falar* e *ia falar*.

Desse modo, o autor inclui na lista das locuções verbais temporais as seguintes formações verbais:

- Presente do indicativo contínuo: presente do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estou cantando*;
- Imperfeito do indicativo contínuo: imperfeito do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estava cantando*;

- Condicional/Futuro do pretérito contínuo: condicional do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estaria cantando*;
- Condicional/Futuro do pretérito contínuo: imperfeito do verbo *ir* somado ao infinitivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *ia estar cantando*;
- Perfeito do indicativo contínuo: perfeito do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estive cantando*;
- Presente do subjuntivo contínuo: presente do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *esteja cantando*;
- Imperfeito do subjuntivo contínuo: imperfeito do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estivesse cantando*;
- Futuro do subjuntivo contínuo: futuro do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estiver cantando*;
- Futuro do presente: presente do verbo *ir* com o infinitivo do verbo principal: *vou cantar*;
- Futuro do presente contínuo: presente do verbo *ir* somado ao infinitivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *vou estar cantando*.

Bagno (2011) destaca ainda que, com o particípio passado, é possível formar a voz passiva também com os auxiliares *estar* (“Ana *está acompanhada* do marido), *ficar* (“Fica *decidido* que Ana viaja em julho”), *ir* (“Ana *vai acompanhada* do marido”) e *seguir* (“Ana *segue respeitada* por todos”).

De modo semelhante ao que considera Bagno (2011), analisamos como tempo composto as construções com *ter/haver* + particípio e *ir* + infinitivo (quando indica futuridade). As construções com o verbo *estar* foram analisadas como perífrase aspectual por considerarmos o aspecto a categoria mais relevante veiculada pela construção.

## CAPÍTULO II

### PERSPECTIVA FUNCIONAL

O funcionalismo centra-se primordialmente na função comunicativa da língua, ou seja, a língua é concebida como um instrumento de interação social entre seres humanos, tendo por principal função o estabelecimento da comunicação. Essa premissa implica, essencialmente, em um ponto de vista no qual a pragmática é o componente mais abrangente, dentro do qual estão a semântica e a sintaxe, sendo esta última dependente da semântica, que, por sua vez, é subordinada à pragmática.

Outra implicação de considerar a língua como instrumento de interação social é entender as expressões linguísticas em circunstâncias efetivas de interação verbal, sendo, então, suas propriedades codeterminadas pela informação contextual e situacional.

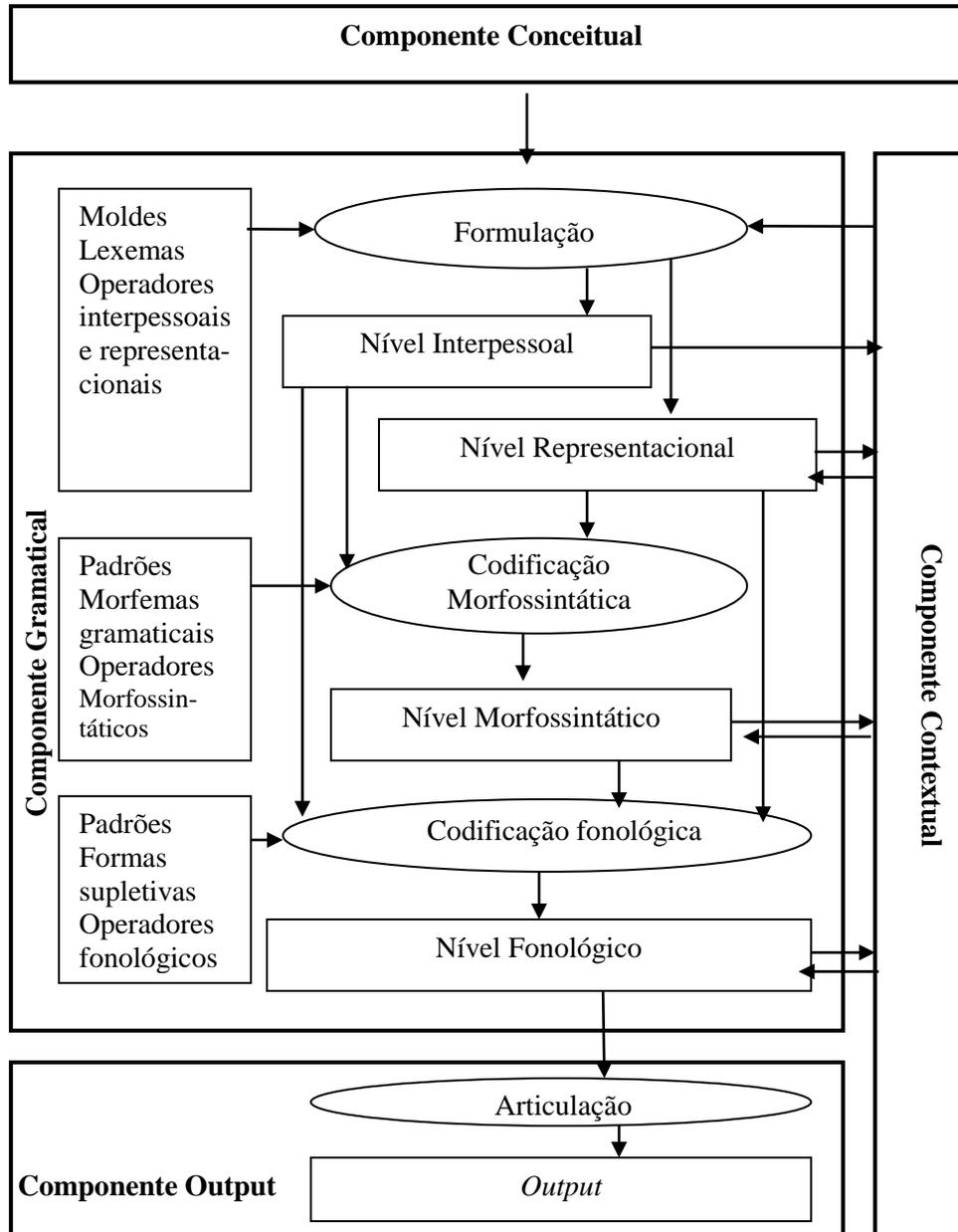
Este trabalho toma como aparato a Gramática Discursivo-Funcional desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008), entendida como uma arquitetura modular, com uma organização de cima para baixo, ou seja, do discurso para a forma das expressões linguísticas, pois considera que a construção de expressões linguísticas se inicia na intenção do falante e termina na articulação, sendo, por isso, uma teoria voltada para o falante e para a produção.

Tomar como aparato teórico uma teoria funcional e, mais que isso, uma teoria de arquitetura modular com estrutura trans-sistêmica permite uma análise centrada nas informações pragmáticas e semânticas que motivam a morfossintaxe, de forma abrangente, possibilitando uma descrição trans-sistêmica da língua.

Nas próximas seções, apresentamos mais detalhadamente a teoria, centrando-nos especialmente nos Níveis Representacional, com as noções de Tempo, Aspecto e Modo; e Morfossintático, com a definição de Sintagma Verbal.

## **2.1 Gramática Discursivo-Funcional**

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) foi proposta por Hengeveld (2004a; 2004b) e Hengeveld e Mackenzie (2008). Trata-se do componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de comunicação. Esse modelo distingue quatro níveis interatuantes de organização na seguinte ordem hierárquica: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfosintático e o Nível Fonológico, conforme se vê na figura 1.



**Figura 1:** Layout geral da GDF (cf. HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. 2008, p. 13)

No Nível Interpessoal (NI), todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. A unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o Movimento (M). Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato Discursivo consiste em uma Ilocução (F), um ou mais Participantes do ato de fala (P) e o Conteúdo Comunicado (C) apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

No Nível Representacional (NR), descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. As camadas desse nível são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam. Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (ep), que são conjuntos de Estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x). Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um Estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

O Nível Morfossintático (NM) trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados pelos princípios de Iconicidade, do qual deriva a Preservação de Relações de Escopo, de Integridade de Domínio e de Estabilidade Funcional. Entretanto, deve-se levar em conta que esse Nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. A camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (EL), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da EL, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a EL são: Orações, Sintagmas ou Palavras.

O Nível Fonológico (NF), por sua vez, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica

– dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas à frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias. Em outras palavras, o Nível Fonológico não mostra a “melodia” do Sintagma Entonacional, mas fornece um número de indicações de cada camada que o Componente de Saída converte em um resultado uniforme e fluente.

## 2.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas. Assim, as estruturas linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade e, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada. Neste nível, podemos reconhecer as seguintes categorias semânticas: Conteúdo Proposicional, Episódio, Estado-de-coisas, Propriedade Configuracional, Propriedade Lexical, Locação e Tempo.

A seguir, passamos à apresentação dessas categorias e seus respectivos modificadores e operadores.

### **Conteúdo Proposicional**

O Conteúdo Proposicional (p) é uma entidade de terceira ordem, pois se trata de um constructo mental, que não pode ser localizado no espaço nem no tempo, mas pode ser avaliado em termos de sua verdade. Pode, portanto, ser factual (quando é parte do conhecimento ou opinião moderada sobre o mundo real), ou não-factual (quando é esperança ou desejo com relação a um mundo imaginário). Dada a sua natureza, os Conteúdos Proposicionais são caracterizados pelo fato de que podem ser qualificados em termos de

atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença), e/ou em termos de sua origem ou fonte (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência).

### *Modificadores e operadores do Conteúdo Proposicional*

Os modificadores de Conteúdos Proposicionais estão relacionados à especificação de atitudes proposicionais. Essas atitudes referem-se ao tipo e grau de comprometimento de um ser racional com o Conteúdo Proposicional, ou à especificação de fonte (não-verbal, já que é inferido de percepção ou conhecimento) do Conteúdo Proposicional.

Geralmente são expressos por advérbios como *provavelmente, evidentemente, indubitavelmente, aparentemente, logicamente, teoricamente*, etc., ou seja, expressões que indicam o grau de comprometimento ou a atitude do falante com relação ao Conteúdo Proposicional.

Já os operadores são estratégias gramaticais utilizadas para marcar a atitude proposicional. Geralmente apresentam modalidade, como: i) a modalidade epistêmica subjetiva, por meio da qual o falante pode indicar que considera o conteúdo proposicional verdadeiro ou indicar que tem dúvidas quanto à verdade do conteúdo proposicional, ou ainda, apresentar um conteúdo proposicional como hipotético; ii) a modalidade evidencial, que indica a fonte do conhecimento contido no conteúdo proposicional, sendo essa fonte uma evidência sensorial ou derivada de conhecimento geral pré-existente.

### **Episódio**

O Episódio (ep) é constituído por um ou mais Estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam uma unidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduo (x). Assim, um Episódio consiste minimamente em um Estado-de-coisas nuclear, que pode ou não contar com outros Estados-de-coisas e desempenhar uma função semântica.

O que difere o Episódio do Estado-de-coisas é que aquele só pode ser localizado no Tempo Absoluto, enquanto este sempre será localizado em um Tempo Relativo.

#### *Modificadores e Operadores do Episódio*

Os modificadores de Episódio são expressões lexicais temporais absolutas, que localizam temporalmente o Episódio como um todo com relação ao Episódio precedente, como as expressões *ano passado, semana passada, ontem*, etc.

De mesmo modo, os operadores também localizam o Episódio no Tempo Absoluto, porém, por meios gramaticais como as conjugações verbais.

#### **Estado-de-coisas**

O Estado-de-coisas (e) é uma entidade de segunda ordem e, como tal, pode ser localizada no tempo relativo e avaliada em termos de seu estatuto de realidade. Desse modo, são entidades que podem ocorrer (ou não), acontecer (ou não) em algum ponto de um intervalo de tempo.

#### *Modificadores e operadores de Estados-de-coisas*

Os modificadores do Estados-de-coisas podem ser qualificados com relação às propriedades de sua ocorrência. As principais modificações referem-se a: tempo (t), lugar (l) e frequência de ocorrência (f), estatuto de realidade (f), causa (e) e propósito (p), como exemplificado em (01a – f):

- (01) a. Sheila trabalha *em Londres*. (Locação - l)
- b. Sheila foi embora *antes do jantar*. (Tempo - t)
- c. Sheila vai a Londres *frequentemente*. (Frequência - f)
- d. Sheila é *de fato/de verdade* um garoto. (Realidade - f)
- e. Sheila ficou doente *por causa da chuva que tomou*. (Causa - e)

f. Sheila ficou em casa *para poder ver TV*. (Propósito - p)

Os operadores, por sua vez, são estratégias gramaticais que indicam: i) Lugar do evento, como *aqui, lá*, etc.; ii) Tempo relativo no qual o Estado-de-coisas ocorre, como na conjugação verbal; iii) Modalidade orientada para o evento, podendo ser Epistêmica, Facultativa, Deôntica e Volitiva, conforme trataremos mais detalhadamente adiante; iv) Percepção de evento - assinala se o Estado-de-coisas foi ou não presenciado/testemunhado pelo Falante; v) Polaridade - negação da ocorrência do Estado-de-coisas; e vi) Quantificação de evento - especificação da frequência de ocorrência de um Estado-de-coisas, como na especificação de *horas, vezes*, etc.

### **Propriedade Configuracional**

As Propriedades Configuracionais (f) constituem o inventário de ‘esquemas de predicação’ relevantes para uma dada língua e caracterizam conjuntos de Estados-de-coisas. Por este motivo, são de natureza composicional: trata-se da combinação de unidades semânticas em uma relação não-hierárquica. As línguas diferem umas das outras na natureza e no número de esquemas de predicação permitidos com respeito tanto à valência quantitativa quanto à qualitativa.

A valência quantitativa refere-se ao número de unidades que formam um esquema de predicação. O português apresenta as seguintes valências:

- (02) a. Propriedade de zero lugar. Ex.: Está *chovendo*.
- b. Propriedade de um lugar. Ex.: O garoto está *nadando*. Esta cor é *feia*. Sua esperança *se apagou*.
- c. Propriedade de dois lugares. Ex.: Carlos *mora* em Antuérpia.
- d. Propriedade de três lugares. Ex.: Sheila *colocou* o livro na estante.
- e. Propriedade relacional. Ex.: Esta *peça* é de *Shakespeare*. *Maria* está em *Londres*. Este *chá* é do *Sri Lanka*.

f. Classificação. Ex.: *Aquele homem é um pintor.*

g. Identificação (as duas variáveis são da mesma categoria semântica). Ex.: *Meu Professor é Pedro.*

h. Existência. Ex.: *Há/tem leões na África.*

Já a valência qualitativa refere-se às categorias semânticas das unidades componentes e ao modo como essas unidades são expressas em termos de funções semânticas.

Para a análise qualitativa, devem ser considerados dois tipos de esquemas de predicação: dinâmicos e não dinâmicos. Os esquemas dinâmicos caracterizam eventos e designam mudança de estado, requerendo para isso um *input* de energia, como em, *O relógio estava batendo rapidamente.* Por outro lado, predicações não dinâmicas caracterizam uma situação que não envolve qualquer mudança, ou seja, as entidades envolvidas são apresentadas como estando ou permanecendo as mesmas durante o tempo que o Estado-de-coisas dura, como em, *A rosa era vermelha.*

Dados esses esquemas de predicação, são possíveis três funções semânticas: Ativo, Inativo e Locativo. O Ativo prototípico é volitivamente envolvido no Estado-de-coisas (Agente), já o Inativo prototípico é não-volitivamente afetado pelo Estado-de-coisas (Paciente). O Locativo é, por sua vez, tipicamente atribuído a um participante com a categoria semântica Locação (l), que inclui tanto Ablativo (origem), Alativo (meta), Perlatoivo (percurso) quanto Essivo (lugar). Assim, em (03), diferenciam-se necessariamente três funções semânticas, em que *comissão* desempenha a função Ativo, *prêmio*, a função Inativo e *candidato*, a função Locativo:

(03) A **comissão** deu o **prêmio** ao mais jovem **candidato**.

### *Modificadores e operadores de Propriedade Configuracional*

Os modificadores agem sobre a predicação e introduzem outros participantes, que estão cognitivamente presentes, como: Beneficiário (pessoa ou instituição para cujo benefício a ação é efetuada), Comitativo (indica companhia), Instrumento (meio físico pelo qual o evento é efetuado), Modo (especifica a maneira como o evento ocorre) e Duração (refere-se aos elementos que quantificam a constituição interna de um evento).

Os operadores qualificam a Propriedade Configuracional gramaticalmente, designando: i) Aspecto, como veremos adiante; ii) Modalidade orientada para o participante, podendo ser Facultativa, Deôntica ou Volitiva, como detalharemos mais adiante também, e iii) Quantidade, como as expressões *continuamente*, *por x horas*, etc.

### **Propriedade Lexical**

As categorias semânticas em geral podem ser designadas por itens lexicais em posição de núcleo e modificador. As Propriedades Lexicais não podem ser caracterizadas em termos dos parâmetros de tempo e espaço, pois não tem existência independente e podem somente ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades ou às situações que elas descrevem em geral. Assim a propriedade *verde*, por exemplo, se aplica a entidades de primeira ordem; a propriedade *bater* a duas entidades de primeira ordem; a propriedade *recente* a entidades de segunda ordem, etc. Essas propriedades são importantes na construção das representações semânticas de outras categorias semânticas, por meio de suas aplicações nos esquemas de predicado nos diferentes níveis de organização semântica.

### *Modificadores e Operadores da Propriedade Lexical*

Os modificadores da Propriedade Lexical são expressões lexicais de modificação de propriedade, modo e grau, como: dançar *lindamente*, *extremamente* famoso, *muito*

surpreendente, etc. Assim, uma Propriedade Lexical pode ser modificada por outra Propriedade Lexical, resultando propriedades complexas.

Os operadores qualificam por meios gramaticais o item lexical e a natureza do operador depende da natureza do núcleo lexical, podendo designar aspecto nominal (conjunto de objetos, coleção), direção (aplicada somente a verbos) e grau (intensificação).

O Nível Representacional conta ainda com as categorias semânticas de Indivíduo, Locação, Tempo, Modo, Quantidade e Razão, que não serão apresentadas aqui, tendo em vista que as camadas que mais nos interessam neste trabalho são as do Episódio, do Estado-de-coisas e da Propriedade Configuracional, justamente porque nessas camadas encontram-se, respectivamente, as categorias de Tempo, Modo e Aspecto, que podem ser expressas por construções perifrásticas.

Por serem parte fundamental do trabalho, passamos a uma descrição mais detalhada dessas categorias, conforme as considera a GDF.

### **2.2.1 O Tempo**

Na GDF, a categoria de tempo é considerada um operador pertencente ao Nível Representacional e, como tal, especifica gramaticalmente a camada na qual está inserido. Similarmente às distinções tradicionalmente feitas e descritas em seção anterior (1.2.1), a GDF difere duas categorias de tempo: o *tempo absoluto* e o *tempo relativo*.

O *tempo absoluto* corresponde ao momento do evento, pois se trata de uma localização temporal independente, não-ancorada em outros tempos ou em outras determinações do contexto, por isso mesmo, é um operador da camada do Episódio (um ou mais Estado-de-coisas tematicamente coerentes, com continuidade ou unidade no tempo).

Já o *tempo relativo* corresponde ao momento de referência, tratando-se de uma localização temporal dependente ou ancorada em outros tempos verbais ou em determinações do contexto. É, por isso, um operador da camada do Estado-de-coisas (entidades que podem ser localizadas em um tempo relativo e avaliadas em termos do seu *status* de realidade).

Resumidamente, os Episódios seriam então diferenciados das outras categorias semânticas por sua localização absoluta no tempo, e os Estados-de-coisas, por sua localização relativa no tempo.

A diferença entre ambos fica clara em casos como o do exemplo dado a seguir:

(04) Saindo, parando para verificar a caixa de correio, olhando para a entrada da garagem e parando para ajustar o seu chapéu, ele foi até seu carro<sup>2</sup>.

Neste exemplo, somente o último verbo da série é finito, codificando a localização temporal absoluta de toda série de Estados-de-coisas, ou seja, o tempo absoluto é dado dentro da camada do Episódios e os Estados-de-coisas que o acompanham têm seu tempo relativo ancorado no absoluto, como indica a representação a seguir:

$$(\text{past ep}_i: [(\text{sim } e_i), (\text{sim } e_j), (\text{sim } e_k), (\text{sim } e_l), (\text{sim } e_m)] (\text{ep}_i))$$

Nota-se ainda, neste exemplo, que a simultaneidade dos Estados-de-coisas apresentados é interpretada por sua ocorrência na mesma zona temporal do tempo absoluto e não como ocorrendo ao mesmo tempo. Desse modo, os Estados-de-coisas são reinterpretados como subsequentes por sua ordem de apresentação, seguindo a ordem cronológica.

---

<sup>2</sup> *Coming out, stopping to check the mailbox, taking a look at the drive-way and pausing to adjust his hat, he walked to his car.* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 158)

A Gramática traz ainda exemplos de línguas em que há uma construção especial de narrativas na qual o tempo absoluto é marcado dentro de um Estado-de-coisas, geralmente o primeiro, e o tempo relativo é marcado em todos os outros Estados-de-coisas subsequentes. Como é o caso da língua Swahili (HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L., 2008, p. 164):

- (05) Ni-li-kwenda soko-ni, ni-ka-nunua ndizi sita,  
 1.SG-PST-go market-LOC 1.SG-SUBS-buy banana six  
 ni-ka-la tatu, ni-ka-mpa mwenz-angu tatu.  
 1.SG-SUBS-eat three 1.SG-SUBS-give companion-1.SG.POSS three  
 ‘I went to the Market, and bought six bananas; I ate three and three I gave to my companion’  
 ‘Eu fui ao mercado e comprei seis bananas; eu comi três e dei três para meu companheiro’

Depois de indicar que o primeiro Estado-de-coisas na série ocorre no passado por meio do prefixo *li-*, os próximos Estados-de-coisas dentro do Episódio serão marcados em tempos subsequentes ao do último mencionado por meio do prefixo *ka-*.

Exemplos como esse são evidências de que o tempo absoluto situa-se na camada do Episódio, portanto em uma posição hierárquica mais alta do que o tempo relativo, pertencente à camada do Estado-de-coisas. Essa distinção explica a existência de diferentes Estados-de-coisas, marcados por tempos relativos, em um mesmo Episódio marcado por um único tempo absoluto que abrange todos os outros.

### 2.2.2 O Aspecto

Para a GDF, distinções aspectuais especificam a constituição temporal interna do Estado-de-coisas e, portanto, operam na camada da Propriedade Configuracional. Neste ponto, aspecto difere de tempo relativo, pois não tem a função de situar, ou seja, um Estado-de-coisas caracterizado aspectualmente ainda pode ser localizado em qualquer ponto do

tempo, por meio do tempo relativo, por exemplo. Isso se reflete no fato de que o operador de tempo relativo, caracterizando o Estado-de-coisas, está em uma camada mais alta que o de aspecto, que é da Propriedade Configuracional.

De modo similar às gramáticas tradicionais, a GDF distingue também entre a oposição Perfectivo-Imperfectivo, por um lado, de uma série de distinções aspectuais fasais, de outro. Aspecto fasal indica a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento de um Estado-de-coisas. Dito de outro modo, representa o Estado-de-coisas em algum ponto do processo (inicial, medial, final). Considere os seguintes exemplos de Galês<sup>3</sup>:

(06) Mae ef ar weld y ddrama.

Is he on seeing the play

‘He is about to see the play.’

‘Ela está para ver o jogo.’

(07) Mae ’r dyn yn gweld y ci.

Is the man in seeing the dog

‘The man is seeing the dog.’

‘O homem está vendo o cachorro.’

(08) Mae ’r dyn wedi gweld y ci.

Is the man after seeing the dog.

‘The man has seen the dog.’

‘O homem viu o cachorro.’

Em (06) o Estado-de-coisas caracteriza-se como estando prestes a acontecer no ponto de referência (aspecto prospectivo), em (07), como acontecendo no ponto de referência (aspecto progressivo), e em (08) como tendo acontecido antes do ponto de referência (aspecto resultativo).

---

<sup>3</sup> Os exemplos dados foram retirados de HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 210.

Em cada exemplo, a especificação aspectual relaciona a Propriedade Configuracional a um ponto de referência temporal.

A oposição perfectivo-imperfectivo indica se um Estado-de-coisas é apresentado como um único todo (perfectivo), ou como visto de dentro, ocorrendo ainda, inacabado (imperfectivo). A combinação dos dois ajuda a mostrar como os diferentes Estados-de-coisas se relacionam entre si em seu desenvolvimento temporal. Considere o seguinte exemplo italiano:

(09)	Gianni	leggeva	quando	entrai.
	Gianni	read.PST.IMPF	when	enter.PST.PFV
	‘Gianni was reading when I came in.’			
	‘Gianni estava lendo quando eu cheguei.’			

Esta combinação de aspecto indica que o Estado-de-coisas de “entrar” estava alocado dentro do intervalo de tempo do Estado-de-coisas de “ler”.

A necessidade de tratar distinções aspectuais como operadores de Propriedade Configuracional do Estado-de-coisas se deve à sua interação com as ações descritas pelos moldes de predicação. Por exemplo, um molde de predicação estática como *alguém conhece alguém*, torna-se dinâmico quando combinado com aspecto ingressivo, como em *alguém vai conhecer alguém*, como é evidente em (10) - (11):

(10) \*John knew his colleagues quickly.      (- Dynamic)  
 \*João conheceu seus colegas rapidamente.

(11) John got to know his colleagues quickly.      (+ Dynamic)  
 João vai conhecer seus colegas rapidamente.

Da mesma forma, a aplicação de um operador Prospectivo, Progressivo ou Resultativo a uma predicação dinâmica, em Inglês, torna-a não dinâmica. Considere os seguintes exemplos:

(12) What he did was run. (+ Dynamic)

O que ele fez foi correr.

(13) \*What he did was going to run/be running/have run. (- Dynamic)

\*O que ele fez foi indo correr/estar correndo/ter de correr.

A distinção perfectivo/imperfectivo pode ainda afetar a momentaneidade de um Estado-de-coisas, como em (14), em que o valor imperfectivo do progressivo anula a momentaneidade de *alcançar*:

(14) a. The soldiers reached the summit. (+ Momentaneous)

Os soldados alcançaram o cume.

b. The soldiers were reaching the summit. (- Momentaneous)

Os soldados estavam alcançando o cume.

Esta propriedade de alteração de traços dos moldes de predicação caracteriza o aspecto, indicando que ele opera internamente no Estado-de-coisas.

### 2.2.3 A Modalidade

Como vimos na seção 1.3, as gramáticas mais tradicionais tratam a categoria de modo de forma um pouco confusa, ora tratando-a como um tipo de conjugação verbal (imperativo ou subjuntivo), ora como expressão de dúvida, capacidade ou desejo por meio de verbos e

advérbios classificados como modais. Diferindo dessa visão, a GDF distingue *Modo*, *Modalidade e Ilocução* como componentes separados.

Segundo Hengeveld (2004), o termo *Modo* é usado em descrições linguísticas para designar uma categoria morfológica que abrange os reflexos gramaticais de uma grande área semântica; por esse motivo, embora esta seja uma categoria comumente encontrada nas línguas, as tentativas de definição nunca foram inteiramente bem sucedidas, pois deixam certas distinções sem explicação.

O autor então propõe que a categoria seja definida de uma maneira negativa, destacando o que a categoria não engloba. A partir dessa definição, a categoria de modo compreende elementos gramaticais que operam na proposição e que não estão diretamente envolvidos na operação de situar um evento no mundo real, tal como concebido pelo falante. Nesse sentido, modo difere fundamentalmente de tempo, aspecto e negação, que tem essa função de situar o evento.

Essa definição permite, então, subdividir a área semântica compreendida no modo em duas partes menores: a *Ilocução* e a *Modalidade*. Em fundamentos semânticos, pode-se afirmar que a *Ilocução* está relacionada com a identificação de sentenças como instâncias de tipos específicos de atos de fala, enquanto a *Modalidade* está relacionada com a modificação do conteúdo dos atos de fala.

Interessa-nos aqui a *Modalidade*, entendida como a modificação do conteúdo dos atos de fala, como ela é expressa no sintagma verbal complexo. Desse modo, tratamos de apresentar a categoria *Modalidade*.

De acordo com Hengeveld (2004), para que se faça uma classificação da categoria modal, é necessário distinguir dois parâmetros: o tipo de *alvo de avaliação*, ou seja, da parte

do enunciado que é modalizada, e o *domínio de avaliação* a partir do qual essa avaliação é feita.

Segundo o primeiro parâmetro (*alvo de avaliação*), podemos distinguir os seguintes tipos de modalidade:

a) *Modalidade orientada para o participante*: esse tipo de modalidade afeta a parte relacional de um enunciado. Diz respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial daquele evento<sup>4</sup>.

b) *Modalidade orientada para o evento*: esse tipo de modalidade afeta a descrição de um evento contida no enunciado, isto é, a parte descritiva de um enunciado<sup>5</sup>.

c) *Modalidade orientada para a proposição*: esse tipo de modalidade afeta o conteúdo proposicional de um enunciado, isto é, a parte do enunciado que representa a visão e a crença do sujeito enunciativo. Diz respeito à especificação do grau de comprometimento do sujeito enunciativo com relação à proposição que ele apresenta<sup>6</sup>.

Já de acordo com o segundo parâmetro (*domínio de avaliação*), diferentes subtipos de modalidade são identificados de acordo com a perspectiva a partir da qual a avaliação modal é executada:

a) *Modalidade facultativa*: relacionada a capacidades intrínsecas ou adquiridas;

b) *Modalidade deôntica*: relacionada ao que é legal, social e moralmente permissível;

c) *Modalidade volitiva*: relacionada ao que é desejável;

d) *Modalidade epistêmica*: relacionada ao que é sabido em relação ao mundo real;

---

<sup>4</sup> *This type of modality affects the relational part of the utterance as expressed by a predicate and concerns the relation between (properties of) a participant in an event and the potential realization of that event (HENGEVELD, 2004, p.1192).*

<sup>5</sup> *This type of modality affects the event description contained within the utterance, i.e. the descriptive part of an utterance, and concerns the objective assessment of the actuality status of the event (HENGEVELD, 2004, p.1193).*

<sup>6</sup> *This type of modality affects the propositional content of an utterance, i.e. the part of the utterance representing the speaker's views and beliefs, and concerns the specification of the degree of commitment of the speaker towards the proposition he is presenting (HENGEVELD, 2004, p.1193).*

e) *Modalidade evidencial*: relacionada com a fonte da informação contida em uma sentença.

A combinatória dos três tipos de modalidade inseridos no *alvo da avaliação* com os cinco tipos do parâmetro de *domínio da avaliação* gera os seguintes subtipos apresentados no Quadro 2:

Domínio \ Alvo	Participante	Evento	Proposição
Facultativa	+	+	-
Deôntica	+	+	-
Volitiva	+	+	+
Epistêmica	-	+	+
Evidencial	-	-	+

**Quadro 2:** Subtipos modais (Hengeveld, 2004, p.1193)

Assim, dentro da *modalidade orientada para o participante*, a *modalidade facultativa* descreve a habilidade de um participante de se engajar em um evento designado pelo predicado, podendo haver a distinção entre a habilidade intrínseca (ser capaz de) e a adquirida (saber como). A *modalidade deôntica*, por sua vez, descreve um participante que se encontra sob uma obrigação ou que tem uma permissão para se engajar no evento designado pelo predicado. Já a *modalidade volitiva* descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado.

Dentro da *modalidade orientada para o evento*, a *modalidade facultativa* caracteriza eventos em termos de condições físicas e circunstanciais de ocorrência. Já a *modalidade deôntica* descreve eventos em termos do que é obrigatório ou permitido de acordo com convenções morais e legais, ou seja, ao contrário do que ocorre com a modalidade deôntica

orientada para o participante, a obrigação expressa por esse tipo de modalidade não é responsabilidade de um participante em particular, mas representa regras gerais de conduta, que podem ser expressas gramaticalmente por meio de expressões impessoais ou perífrases modais. De modo semelhante, a *modalidade volitiva* orientada para o evento também caracteriza eventos que são geralmente desejáveis ou indesejáveis, sem o envolvimento do sujeito enunciador nessa avaliação. Por fim, a *modalidade epistêmica* orientada para o evento caracteriza eventos em termos de sua possibilidade ou impossibilidade de ocorrência, considerando o que é conhecido sobre o mundo, sendo que sua codificação gramatical geralmente é restrita à oposição *realis x irrealis*.

Por último, inseridas na *modalidade orientada para a proposição*, há a *modalidade volitiva*, na qual o enunciador (e não o participante do evento descrito) é a fonte da atitude volitiva descrita na proposição. Por sua vez, a *modalidade epistêmica* orientada para a proposição expressa a certeza ou incerteza do falante com referência a uma proposição, sendo, por isso, uma modalidade epistêmica subjetiva. Encerrando os subtipos elencados, a *modalidade evidencial* está relacionada com o modo como o falante apresenta a fonte da informação contida em sua proposição, podendo ser reportativa ou inferencial a depender do modo como o falante obteve a informação.

Consideramos, para essa pesquisa, especialmente as modalizações que ocorrem sob a forma de palavras verbais, como os verbos *dever*, *querer*, *poder*, etc., que expressam as modalidades facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica, orientadas para o participante, para o evento ou para a proposição, de acordo com as restrições de ocorrência de cada subtipo.

### 2.3 Nível Morfossintático

Na seção anterior, apresentamos o Nível Representacional, bem como suas camadas. Tanto o Nível Representacional como o Interpessoal estão relacionados com a formulação, ou seja, com a tradução das intenções conceituais do falante em estruturas específicas de linguagem, que são subjacentes às formas linguísticas. O Nível Morfossintático, no entanto, trata da codificação das informações formuladas nesses níveis superiores, traduzindo-as para formas linguísticas.

Desse modo, o Nível Morfossintático é alimentado pelas informações vindas dos níveis Interpessoal e Representacional, codificando-os em uma única representação estrutural que será convertida em um constructo fonológico no próximo nível, que, finalmente será *input* para o articulador, o Componente de Saída. Essas informações são de cunho lexical e devem ser preservadas (mesmo quando sujeitas a alteração morfológica) no *output*. Além disso, as informações vindas dos níveis superiores contêm uma gama de informação lexical: (i) informação sobre dependências (núcleo-modificador, núcleo-dependente); (ii) informação sobre funções (relações semânticas entre argumentos e predicados, ou relações pragmáticas entre Atos Discursivos, Nuclear e Subsidiário); (iii) informação sobre operadores, cada um aplicando-se em seu próprio domínio; e (iv) informação abstrata do tipo que deve ser convertida em pró-formas de vários tipos.

Neste nível a unidade linguística é analisada em termos de seus constituintes sintáticos, das mais altas para as mais baixas camadas, podendo-se distinguir as seguintes camadas: Expressão Linguística, Oração, Sintagma de vários tipos e Palavra de vários tipos. Dentro de Palavra distinguem-se Morfemas de vários tipos.

### **Expressão Linguística**

Uma Expressão Linguística (Le) é qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; onde houver mais de uma unidade dentro de uma Expressão Linguística, elas comprovadamente partilharão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam em uma Expressão Linguística podem ser Orações, Sintagmas ou Palavras.

Ao introduzir as Expressões Linguísticas como a mais alta categoria da morfossintaxe, a GDF cria a possibilidade de lidar diretamente com holófrases e expressões não-sentenciais.

### **Oração**

Uma Oração (Cl) simples é um agrupamento de um ou mais Sintagmas e, possivelmente, Palavras (gramaticais), que é caracterizada, em maior ou menor grau, por um padrão para a ordenação desses Sintagmas e, também, em maior ou menor grau, por expressões morfológicas de conexão (em especial, regência e concordância). Além disso, a Oração pode operar como um domínio para vários processos morfossintáticos. Para cada língua, a identificação das Orações será dependente de critérios específicos, no entanto, pode-se postular a Oração como uma categoria universal da estrutura morfossintática.

### **Sintagma**

Um Sintagma (Xp) tem como núcleo um item lexical vindo do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional e consiste basicamente da configuração sequenciada de Palavras (X<sub>w</sub>), outros Sintagmas e Orações. Não há uma correspondência biunívoca necessária entre as classes de lexemas reconhecidas em uma língua e os tipos de Sintagmas e classes de Palavras correspondentes reconhecidas dentro dessa mesma língua. Por ser este nosso objeto de análise, tratamos mais detalhadamente da descrição do Sintagma na seção 2.4.1.

## Palavra

A Palavra propriamente dita ( $X_w$ ), especialmente em línguas polissintéticas, pode ser altamente complexa. Além do fato de poder ser composta de Raízes ( $X_s$ ) e Afixos ( $Aff$ ), em algumas línguas, a Palavra pode, exatamente como qualquer outra camada de análise morfossintática, encaixar camadas superiores, como Sintagmas e Orações, obedecendo à recursividade completa. Dito de outro modo, uma palavra pode consistir maximamente de uma configuração sequenciada de Morfemas ( $X_m$ ), outras Palavras, Sintagmas e até Orações.

### 2.3.1 O sintagma verbal

Na GDF, um sintagma potencialmente consiste de uma configuração sequenciada de palavras ( $X_w$ )<sup>7</sup>, de outros sintagmas ( $X_p$ ) e de orações encaixadas (Cl). Assim, se ignorarmos a ordem específica na qual os constituintes ocorrem, um sintagma em uma língua configuracional, na qual a ordenação dos constituintes é relevante, como o português, tem a fórmula máxima, expressa em (15) em que cada constituinte pode ocorrer mais de uma vez:

$$(15) (X_{p1}: [(X_w) (X_p) (Cl)] (X_{p1}))$$

Em geral, o sintagma se caracteriza pelo fato de, no Nível Morfossintático, ter como núcleo um item lexical vindo do Nível Interpessoal ou Representacional; no entanto, é possível sintagmas sem núcleo lexical. Entre os subtipos de sintagma distinguem-se o

---

<sup>7</sup> Será preservado aqui a notação da GDF, sendo assim, w ‘word’ (Palavra), p ‘phrase’ (Sintagma), Cl ‘clause’ (Oração) e X indica o tipo de cada categoria.

sintagma verbal (Vp), o nominal (Np), o adjetival (Adjp), o adverbial (Advp) e o adposicional (Adpp).<sup>8</sup>

Para a GDF, um Vp é o sintagma que pode consistir de apenas um verbo ou de um auxiliar e uma palavra verbal e não da combinação de verbo e objeto, conforme é tradicionalmente considerado (SV). Os auxiliares fazem parte de um conjunto de “primitivos” relevantes no Nível Morfossintático, ocupando lugares determinados na configuração desse nível. Em holandês, por exemplo, o verbo principal, normalmente, ocorre na segunda posição da oração; quando, no entanto, o verbo auxiliar está presente, ele ocupa a segunda posição e o verbo principal ocorre na posição final. Portanto, é impossível determinar a ordem dos constituintes sem considerar os morfemas gramaticais. Exemplos similares podem ocorrer nas camadas do Sintagma e da Palavra.

A GDF não reconhece uma camada da morfossintaxe entre Sintagma e Oração. No Nível Representacional, não há combinação de argumentos de um predicado que corresponderia a um Vp, nem há um grupo similar de Subatos dentro do Conteúdo Comunicado. Entretanto, pode acontecer que mais de um Subato tenha a mesma função pragmática, o que leva muitas línguas a tratá-los como um grupo sintático (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 299).

---

<sup>8</sup> Sintagma Adposicional é constituído de uma adposição, que pode ser anteposta ou posposta a um nome. No caso do português, a adposição é sempre anteposta, por isso tradicionalmente esse sintagma é denominado Sintagma Preposicional ou, abreviadamente, Pp.

## CAPÍTULO III

### DEFININDO AS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS E NÃO-PERIFRÁSTICAS NO PORTUGUÊS

Tratamos, neste capítulo, da distinção entre construções perifrásticas e não-perifrásticas. Para tanto, abordamos duas questões fundamentais: a questão da auxiliaridade, por meio da qual discutimos os critérios de auxiliaridade; e a questão da ordem, em que tratamos dos princípios de ordenação conforme apresentados pela GDF (2008) e por Pezatti (2014) no português, esclarecendo sua importância para a distinção entre perífrases e não-perífrases.

#### 3.1 A questão da auxiliaridade

Na literatura linguística e gramatical da língua portuguesa, diferentes autores, como Lobato (1975), Pontes (1973), Ilari e Basso (2008), Castilho (2010), entre outros, tratam da questão da auxiliaridade, adotando diferentes critérios e testes a fim de distinguir verbos auxiliares de verbos plenos.

Para o desenvolvimento da análise, seguimos os testes apresentados por Castilho (2010), pelo fato de sua abordagem se aproximar da abordagem aqui pretendida, ao distinguir verbos auxiliares e verbos plenos.

Castilho (2010) retoma quatro testes da literatura linguística para a identificação de verbos auxiliares: (i) compartilhamento do sujeito da expressão; (ii) escopo da negação; (iii) alteração semântica do primeiro verbo da expressão; (iv) inserção de expressões entre os verbos envolvidos.

Discutimos, nesta seção, os três primeiros critérios (compartilhamento do sujeito da expressão, escopo da negação e alteração semântica do primeiro verbo da expressão), testando sua validade nos dados levantados. O quarto critério (inserção de expressões entre os verbos envolvidos) será abordado detalhadamente na próxima seção, em que tratamos da ordem dos constituintes nessas construções.

### 3.1.1 Sujeito da expressão

Segundo Castilho (2010, p. 445), “quando dois verbos ocorrem em adjacência, a seleção de sujeitos diferentes por cada um deles mostra que se trata de dois verbos plenos”, e não de uma perífrase, que terá apenas um sujeito.

Em construções aspectuais, como em (01) a (05), é notável a impossibilidade de sujeitos diferentes para os dois verbos, como demonstram os pares de (01a) a (05a):

- (01) a polícia **estava a fazer** aí a sua patrulha, seu patrulhamento e tal, (Ang97:Meninos de Rua:81)
- (01a) \*a polícia **estava eu a fazer** aí a sua patrulha, seu patrulhamento e tal
- (02) aí **faço**, assim, bastante molho. aí **vou botando** macarrão e a carne (Bra80:Macarronada:60)
- (02a) \*aí **faço**, assim, bastante molho. aí **vou ele botando** macarrão e a carne
- (03) é um método, mas muito deu resultado. e as pessoas depois de três ou quatro meses **acabam por falar** português (TL99:Regras:72)
- (03a) \* e as pessoas depois de três ou quatro meses **acabam por você falar** português
- (04) nós **começamos a apresentar**... artigos de Natal em Setembro, princípios de Setembro. (PT95:SaberVender:10)
- (04a) \*nós **começamos a eles apresentar**... artigos de Natal em Setembro, princípios de Setembro.
- (05) aí sentamos no chão, **ficamos contando** história para as crianças, brincando. (Bra80:Fazenda:125)
- (05a) \*aí sentamos no chão, **ficamos Thiago contando** história para as crianças, brincando.

Como se vê, ter um único sujeito é um traço esperado para perífrases. Esses casos exemplificam perífrases que expressam a categoria aspecto, própria da camada da Propriedade Configuracional. Na GDF, quanto mais baixa a camada, mais nuclear ela será. Desse modo, em construções aspectuais, não é permitida a ocorrência de dois sujeitos distintos, visto que a camada da Propriedade Configuracional é a mais baixa e, portanto, mais nuclear.

Construções modais, como de (06) a (09), por outro lado, apresentam oscilações entre a possibilidade e a impossibilidade de ocorrência de dois sujeitos. Em casos como (06), em que a construção é formada por *ter de/que* não é possível a ocorrência de sujeitos distintos, como mostra (06a). Construções como (07) e (08), formadas com os verbos *poder* e *dever*, da mesma maneira, não permitem a ocorrência de dois sujeitos, como se observa em (07a) e (08a). Já (09), estruturada em torno de *querer*, permite a ocorrência de sujeitos diferentes, conforme mostra (09a).

(06) acontece que as outras crianças **tinham que levar** sempre [marmitas], porque ficavam todo, todo o dia... (Moç86:MeniniceMachamba:62)

(06a) \*acontece que as outras crianças **tinham que eu levar** sempre [marmitas], porque ficavam todo, todo o dia...

(07) o professor está dando aula chega um aluno "ah! dá licença? **posso entrar?**" pega a coisa na metade. (Bra93:FestaEstudante:105)

(07a) \*o professor está dando aula chega um aluno "ah! dá licença? **Posso que você entre?**"

(08) sim, eu penso que **devo promover** e tem, tem, pelo menos eu e o senhor Pinho temos organizado alguns concertos, (To-Pr96:Banda:20)

(08a) \*sim, eu penso que **devo que João promova** e tem, tem, pelo menos eu e o senhor Pinho temos organizado alguns concertos

(09) havia a guarda, a guarda não **quis saber** de nada, ah, "olhe, há d[...], acidentes pessoais?"  
 "não, não." "ah, então resolvam lá isso entre vocês, que é para não haver problemas."  
 (PT72:AoVolante:37)

(09a) havia a guarda, a guarda não **quis que nós soubéssemos** de nada, ah, "olhe, há d[...],  
 acidentes pessoais?"

O que essas construções mostram é que a modalidade deôntica, que se aplica a participantes, como em (06), (07) e (08), não permite sujeitos diferentes, tal como acontece com as aspectuais. A modalidade volitiva, por seu turno, quando voltada para o evento, como em (09), ou para a proposição, como o exemplo em (10), permite a ocorrência de sujeitos distintos.

(10) Quero que todos sejam felizes.

É possível, portanto, concluir que a ocorrência de sujeitos distintos em construções modais está relacionada à orientação da modalidade. Modalidade voltada para o participante exige um único sujeito; já modalidade voltada para o evento ou para a proposição, permite sujeitos distintos, o que nos parece óbvio.

Construções temporais, como em (11) e (12), por sua vez, não permitem a ocorrência de sujeitos distintos, como evidenciam (11a) e (12a):

(11) então ela pensou que eu **tivesse morrido!** (Bra80:Acidente:54)

(11a) \*então ela pensou que eu **tivesse *ele* morrido!**

(12) eles estão a fim de sair fora. então eles **vão fazer** tudo. eles estão doido para entregar na  
 nossa mão isso aí, irmão! (Bra80:SeEuMandasse:21)

(12a) \*eles estão a fim de sair fora. então eles **vão *eu* fazer** tudo.

Essas construções são estruturadas em torno dos verbos tradicionalmente considerados auxiliares, *ter*, *haver*, e *ir* (quando indica futuridadade).

### 3.1.2 O escopo da negação

Adotado por autores, como Lobato (1975) e Ilari e Basso (2008), entre outros, esse teste, nas palavras de Castilho (2010), determina que “se a negação toma por escopo os dois verbos e não apenas um deles, V1 é um verbo auxiliar, V2 é um verbo pleno auxiliado, e o conjunto se constitui numa perífrase”. Dito de outro modo, se o conjunto permite que cada verbo seja negado separadamente, não há perífrase e não há verbo auxiliar, mas sim dois verbos plenos.

No caso das construções aspectuais, notamos que construções com os verbos *estar* e *ir* somente podem ser negadas em conjunto, vetando a negação dos verbos envolvidos separadamente, como observamos em (13), (14) e suas paráfrases em (13a-c) e (14a-c):

(13) eu adoro inglês, adoro. até meu irmão faz, minha cunhada faz, as criança dele faz, já **estão falando** super dez, canta as músicas, já dá para acompanhar.  
(Bra93:FestaEstudante:33)

(13a) já *não* **estão falando** super dez, canta as músicas, já dá para acompanhar.

(13b) \*já **estão não falando** super dez, canta as músicas, já dá para acompanhar.

(13c) \*já *não* **estão não falando** super dez, canta as músicas, já dá para acompanhar.

(14) conforme a gente **foi crescendo**, a partir de, de doze anos, onze anos, não é, aí, o estilo sempre foi igual, mas roupas assim nunca iguais. (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:90)

(14a) conforme a gente *não* **foi crescendo**, a partir de, de doze anos, onze anos, não é?

(14a) \*conforme a gente **foi não crescendo**, a partir de, de doze anos, onze anos, não é?

(14b) \*conforme a gente *não* **foi não crescendo**, a partir de, de doze anos, onze anos, não é?

Observe que a negação antes do V1 escopa todo o Estado-de-coisas e não apenas V1.

Por outro lado, construções com os verbos *acabar*, *começar*, *continuar*, *costumar*, *passar* e *vir* permitem que os verbos envolvidos na construção sejam negados separadamente, como mostram os exemplos (15), (16), (17) e suas paráfrases em (15a-b), (16a-b) e (17a-b):

- (15) a terra, pronto, em meu entender e daquilo que conheço, **acabou por ter** uma exploração mais activa, e racional. (PT97:TrabalhoPosseTerra:05)
- (15a) *não acabou por ter* uma exploração mais activa, e racional.
- (15b) **acabou por não ter** uma exploração mais activa, e racional.
- (16) **comecei a pintar**, principalmente foi com aguarela. (Moç83:CantarPintar:36)
- (16a) *não comecei a pintar*.
- (16b) **comecei a não pintar**.
- (17) a Clarisse, também como está fora, nós **passamos a conhecer**.  
(Moç97:SentimentoDesporto:36)
- (17a) nós *não passamos a conhecer*.
- (17b) nós **passamos a não conhecer**.

Esses exemplos mostram uma primeira distinção entre construções aspectuais: os verbos *estar* e *ir* se comportam diferentemente dos verbos *acabar*, *andar*, *começar*, *continuar*, *costumar*, *passar* e *vir* com relação ao escopo da negação. Ou seja, todos os verbos elencados veiculam nuances de aspecto, no entanto, apenas os verbos *estar* e *ir* não permitem diferentes escopos de negação, o que comprova que esses verbos atuam na camada da Propriedade Configuracional, camada mais baixa que restringe mudanças no escopo da negação.

Já as construções modais, com os verbos *ter de/que*, *dever*, *poder* e *querer*, admitem a negação dos dois verbos separadamente, como demonstram os exemplos de (18) – (21) e seus pares de (18a-b) a (21a-b):

- (18) ó senhor, não era preciso andar atrás de mim, mas ela tinha a ideia que, que **tinha de olhar** por mim, pronto. (PT97:NamoroOutrosTempos:185)
- (18a) mas ela tinha a ideia que, que *não tinha de olhar* por mim, pronto.
- (18b) mas ela tinha a ideia que, que **tinha de não olhar** por mim, pronto.
- (19) eu não posso, ou *não devo punir* uma pessoa que não tem consciência do que está a fazer. (Ang97:Guerra e Ambiente:92)
- (19a) não **devo não punir** uma pessoa.

(20) e acho que, neste momento, as pessoas estão fazendo um bocado só por rotina sem saber efectivamente o que é que deve fazer, o que é que pode fazer, o que é que *não pode fazer*, e, e que contornos dar para... poder resolver minimamente a situação. (To-Pr96:SerProfessor:21)

(20a) o que é que pode fazer, o que é que *não pode não fazer*.

(21) há pessoas que por exemplo **querem ser** cantores e essas coisas. (GB95:JuventudeGuineense:30)

(21a) há pessoas que por exemplo *não querem ser* cantores e essas coisas.

(21b) há pessoas que por exemplo **querem não ser** cantores e essas coisas.

O mesmo acontece com os verbos *ter*, *haver* e *ir*, que formam construções temporais.

Nesses casos também é possível negar os dois verbos separadamente, como podemos observar nos exemplos (22), (23) e suas paráfrases (22a-b) e (23a-b):

(22) agora **tenho feito** várias músicas, feitas por mim, portanto, com várias letras. (Moç83:CantarPintar:14)

(22a) agora *não tenho feito* músicas.

(22b) agora **tenho não feito** músicas

(23) os jovens deviam pensar antes, ter uma consciência do que **vão fazer**. (GB95:Aborto:39)

(23a) ter uma consciência do que *não vão fazer*.

(23b) ter uma consciência do que **vão não fazer**.

Cabe aqui destacar que, tanto no caso das construções modais como das temporais, estamos lidando com camadas mais altas. Desse modo, são possíveis sujeitos diferentes e negação dos dois verbos das construções. Quanto mais alta a camada, mais flexíveis são as construções.

### 3.1.3 Perda semântica

Perda semântica ocorre em consequência do processo de gramaticalização pelo qual o verbo passa. Esse critério é usado por autores, como Lobato (1975), Ilari e Basso (2008) e Castilho (2010), para definir um verbo auxiliar. De acordo com Castilho (2010, p. 445), “durante o processo de gramaticalização (melhor se diria semantização), o vocábulo sofre alterações semânticas”. Em outras palavras, o verbo perde seu significado original, tornando-se um vocábulo vazio, responsável apenas por veicular as informações gramaticais de aspecto, modo, tempo, número e pessoa.

Em construções aspectuais, os verbos *estar* e *ir*, conforme empregados nos exemplos (24) e (25), perdem seus significados originais, sendo utilizados apenas como suporte de informações categoriais do Nível Representacional:

(24) senhora Neli Elias, já **está a participar** no programa (Moç97:Maternidade:10)

(25) são muito bons vizinho. são ótimo mesmo, sabe, são vizinho antigos. então, você, quando **vai ficando** numa certa idade, você tem que, você não depende de tudo, mas de um você depende. (Bra80:ViverComOutros:39)

Em (24), o verbo *estar* deixa de indicar um estado ou uma locação e passa a indicar o aspecto progressivo, em curso. O mesmo pode ser observado em (25), em que o verbo *ir* perde seu significado de deslocamento espacial, passando a designar também um aspecto progressivo. Essa perda é que permite que o verbo *ir* seja associado a um verbo estático como *ficar*, em (25).

Já em construções aspectuais com os verbos *acabar*, *começar*, *continuar*, *ficar*, etc., esses verbos se comportam como verdadeiros predicados, conservando sua valência, tanto quantitativa quanto qualitativa. Isso lhes permite serem complementados por nominalizações como mostram as paráfrases em (26a) a (28a):

- (26) as pessoas saíam, [...] **acabavam de ter** o bebê, normal, sem problema de rasgos, sem, sem fortes contracções, e... iam para a cozinha fazer o... pequeno-almoço. (CV95:ColherPanela:148)
- (26a) as pessoas saíam, [...] **acabavam** *o parto do bebê*.
- (27) aí, **começámos a brincar**, aí, depois de três ano aí, começámos aí, pá, não sei o quê, se distraímos, aí, punft! aí, veio uma garota, não é (Bra80:CriarFilhos:93)
- (27a) aí, **começámos** *a brincadeira*.
- (28) de qualquer das formas, houve... aqui questões político-partidárias, eh, havia interesses por trás disso, os trabalhadores **continuaram a trabalhar** com investimento, com afinco, enfim, com, com dedicação à terra (PT97:TrabalhoPosseTerra:11)
- (28a) os trabalhadores **continuaram** *o trabalho* com investimento, com afinco, enfim, com, com dedicação à terra.

Em construções modais, há também distinção entre as formadas com o verbo *ter* e as formadas com os verbos *dever*, *querer*. Assim, em (29), o verbo *ter* indica modalidade deôntica, graças à formulação *ter que/de* + infinitivo, perdendo seu significado original de posse:

- (29) [o carro] ficou todo raspado, do, do meu lado, do lado que eu conduzia com o lado em que ele conduzia, **tiveram que tirar** portas, foi um friso todo novo, aquilo ficou tudo bonito! (PT72:AoVolante:61)

Em (30) e (31), no entanto, os verbos modais deôntico e volitivo, respectivamente, preservam seu significado original e sua valência, por isso, aceitam complementos nominalizados, conforme exemplificam (30a) e (31a):

- (30) e, portanto, foi a família que me pegou e levou-me ao hospital, fiquei três meses lá, então, eu também **devo agradecer** a essas pessoas (Ang97:JovemGaspar:108)
- (30a) então, eu também **devo** *um agradecimento* a essas pessoas.

(31) conheço mui[...], muita mulher que ganha mais que o marido, e, e, e eles ficam assim enciumados, porque eles querem ser sempre os machões, não é, **querem controlar** ali. mas o, mas eu acho certo, sabe, a mulher ser independente, não depender de marido, não. (Bra80:NadaCiumenta:108)

(31a) **querem o controle** dali.

Em construções temporais, os verbos *ter*, *ir* e *haver* sofrem perda semântica, ocorrendo um completo esvaziamento. Esses verbos passam a guardar apenas as informações temporais necessárias à construção, como observamos em (32), (33) e (34):

(32) não todas as religiões desapareceram na altura. eh, os portugueses, conforme o que eu **tinha ouvido**, os pais me contaram de que conseguiram não fazer desaparecer a, a religião tradicional, mas a, conseguiram assim introduzir o cristianismo em Timor (TL99:IdentidadePovo:63)

(33) então tu para chegares lá para informar a população que a SIDA é uma doença contagiosa, e pode-se transmitir através aquilo, tu não **vais ter** um meio de lhe explicares, se não saber a base, como entrar... (GB95:SIDA:67)

(34) os anos passaram, a criança cresceu, e até que atingiu mais ou menos dois anos, a outra família, foi a, a família que **havia emprestado** a pulseira, foi buscar a pulseira. (Ang97:Conto Tradicional:15)

Em (32), o verbo *ter* perde completamente seu sentido de posse; em (33), por sua vez, *ir* perde o sentido de deslocamento espacial; e em (34), *haver* é o suporte de categorias verbais. Desse modo, os três verbos, esvaziados de significação, carregam apenas as informações temporais, compondo construções que a tradição gramatical denomina *tempo composto*.

O quadro a seguir resume os resultados obtidos com a análise, destacando as distinções observadas entre os verbos envolvidos nas construções que são objeto do presente estudo:

	<b>Verbos</b>				
	<b>Aspecto</b> <i>estar e ir</i>	<b>Modalidade</b> <i>ter que/de</i>	<b>Tempo</b> <i>ter, haver e ir</i>	<b>Aspecto</b> <i>começar, continuar, acabar, passar</i>	<b>Modalidade</b> <i>dever, poder, querer</i>
<b>Sujeito da expressão</b>	-	-	-	-	+/-
<b>Escopo da negação</b>	-	+	+	+	+
<b>Perda semântica</b>	+	+	+	-	-

**Quadro 3:** Critérios de auxiliaridade

Como se observa, os verbos *estar, ir, ter que/de, ter, haver, começar, continuar, acabar e passar* não permitem a existência de sujeitos diferentes na sua constituição, já os verbos *dever, poder e querer* permitem a existência de dois sujeitos apenas em construções modais de camadas mais altas, que envolvem modalidades orientadas para o evento ou para a proposição. Além disso, apenas os verbos aspectuais, de camada mais baixa, a da Propriedade Configuracional, não permitem diferentes escopos de negação, o que não ocorre com os demais. A perda semântica, no entanto, constitui um dos traços mais reveladores, já que em todas as construções com os verbos *estar, ir, ter que/de, ter e haver* ocorre a perda semântica, originando elementos vazios; enquanto com os verbos *começar, continuar, acabar, passar, dever, poder e querer*, o conteúdo semântico e as valências qualitativa e quantitativa são preservados.

No entanto, essas primeiras distinções entre construções com verbos como *estar, ir, ter que/de, ter e haver* e com verbos como *começar, acabar, continuar, passar, dever, poder e querer* não são suficientes para tratar das construções perifrásticas e não perifrásticas. Por isso, passamos à discussão da questão da ordem e da possibilidade de inserção de expressões entre os verbos envolvidos nas construções, já que essa é uma discussão importante para o trabalho e central para a diferenciação entre perífrases e não perífrases.

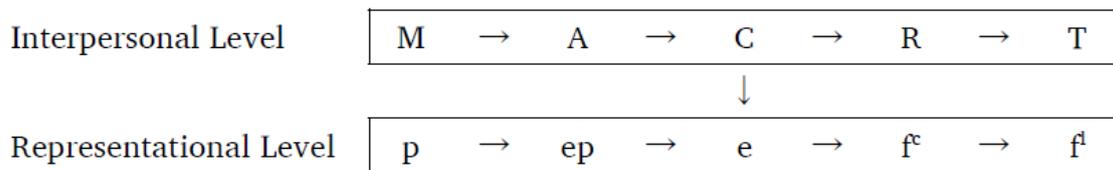
### 3.2 A questão da ordem

Além das distinções observadas entre os dois grupos de verbos (*estar, ir, ter que/de, ter e haver* x *começar, acabar, continuar, passar, dever, poder e querer*), já constatadas por autores como Castilho (2010) e Ilari e Basso (2008), um outro aspecto nos chamou a atenção na análise dos dados ao tratarmos da ordenação dos constituintes dessas construções, que, como observado na Introdução, era o objetivo primeiro desse estudo.

Como se sabe, sob a luz da GDF, a ordenação de constituintes está relacionada ao Nível Morfossintático, cuja tarefa é tomar o *input* duplo vindo dos níveis Interpessoal e Representacional e fazê-lo emergir numa única representação estrutural, que, por sua vez, se converterá, no Nível Fonológico, num construto fonológico, que será, finalmente, o *input* para o articulador, o Componente de Saída de todo o modelo.

Dada a sistemática organização descendente da GDF, a ordenação de elementos começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e aos moldes de predicação. Dessa maneira, a colocação de constituintes no Sintagma, assim como na Oração e na Palavra, começa pelo Nível Interpessoal, com o posicionamento das funções, modificadores e operadores de Movimento

em lugares apropriados e termina com o posicionamento de operadores e modificadores de Estados-de-coisas e de Propriedade Configuracional, como destaca a figura 02. Dentro de cada grupo, as funções são expressas antes de operadores e modificadores, uma vez que são externas às unidades às quais se aplicam, obedecendo assim ao Princípio de Iconicidade das unidades hierarquicamente relacionadas.



**Figura 2:** Ordenação hierárquica (HENGEVELD, 2012)

Pode-se notar que o processo de ordenação hierárquica lida com o fato de que as posições de modificadores e operadores reflete iconicamente a relação de escopo entre eles. Após ordenados os elementos hierárquicos, são, então, ordenados os não-hierárquicos com base nas relações de alinhamento estabelecidas entre elementos que se encontram em uma relação configuracional, como, por exemplo, predicado-argumento ou núcleo-modificador. Esses constituintes são ordenados com base em fatores pragmáticos (funções pragmáticas e referência), semânticos (funções semânticas e designação) e/ou morfossintáticos (funções sintáticas e complexidade), a depender da língua.

Assim sendo,

se em uma língua a colocação de constituintes é determinada por funções pragmáticas, a colocação desses constituintes precede a de outros constituintes, tendo os constituintes pragmáticos preferência para as margens da oração. Nesse caso, o alinhamento interpessoal mascara a expressão de função semântica. (PEZATTI, 2014, p. 86)

Para tratar da ordenação de constituintes, Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem quatro posições a que denominam absolutas: a posição inicial (P<sup>I</sup>), a P<sup>2</sup>, que segue

linearmente a inicial, a posição medial ( $P^M$ ) e a posição final ( $P^F$ ). Essas posições não são obrigatórias em todas as línguas. Além dessas posições absolutas, há várias posições relativas delas derivadas. Assim, as línguas podem fazer uso da posição inicial ( $P^I$ ) e suas expansões para a direita, da segunda posição ( $P^2$ ) e suas expansões para a direita, da posição final ( $P^F$ ) e suas expansões para a esquerda e da posição medial ( $P^M$ ) e suas expansões para a direita, para a esquerda ou para ambas as direções, conforme mostra o esquema a seguir:

$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{I+n}$	$P^2$	$P^{2+1}$	$P^{2+n}$	$P^{M-n}$	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+n}$	$P^{F-n}$	$P^{F-1}$	$P^F$
-------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------

As duas posições periféricas ( $P^I$  e  $P^F$ ) são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma Oração, Sintagma ou Palavra podem conter. As posições relativas ( $P^{I+n}$ ,  $P^{M+/-n}$  e  $P^{F-n}$ ) só podem ser preenchidas quando a posição absoluta já estiver preenchida.

Iniciando pela ordenação hierárquica, lidamos primeiramente com a colocação de constituintes com função pragmática. A Pragmática é entendida como o estudo do modo como os falantes modelam as suas mensagens em relação às expectativas que têm do estado mental do ouvinte. Isto determina as partes de uma unidade linguística que serão apresentadas como particularmente salientes, as que serão escolhidas como ponto de partida do falante e as que serão consideradas compartilhadas pelo falante e pelo ouvinte. A influência desses aspectos sobre a estrutura das unidades linguísticas recebe o nome de *função pragmática*.

A GDF distingue três diferentes funções pragmáticas: *Foco*, *Tópico* e *Contraste*. *Foco* sinaliza a seleção estratégica do falante de informação nova; *Contraste* assinala o desejo do falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais Conteúdos Comunicados; e *Tópico* é a função atribuída a um Subato não-focal, cuja função é assinalar como o Conteúdo Comunicado se relaciona ao comentário construído gradualmente no Componente Contextual.

O Conteúdo Comunicado sempre terá um Foco mas não necessariamente um Tópico, isto é, o Tópico não é obrigatório.

A GDF considera a função Foco quando é codificada morfossintática ou fonologicamente, ou seja, quando são usados meios linguísticos para indicar a existência de uma informação nova relevante. Como destaca Pezatti (2014, p. 87), “essa função, em português, assume sempre a posição absoluta  $P^F$ ; em outras palavras, o mecanismo de marcação dessa função é a posição que ocupa na oração, a posição final”.

Ainda segundo Pezatti (2014), o português é uma língua orientada para o Tópico. Desse modo, tal como ocorre com Foco, a marcação de Tópico ocorre por meio da posição que o constituinte topical ocupa dentro da Oração. No entanto,

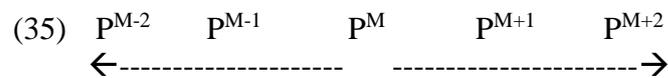
diferentemente da função Foco, o constituinte exercendo a função de Tópico ocupa posições dos domínios de  $P^I$  ( $P^I$  e suas relativas  $P^{I+1}$ ,  $P^{I+2}$ ). Dessa forma, essas duas funções pragmáticas caracterizam-se, em português, por ocuparem os dois extremos da Oração, como contrabalanço pragmático, já que o Tópico se coloca em  $P^I$  e o Foco, em  $P^F$ . (PEZATTI, 2014, p. 88)

Pezatti (2014), analisando a Oração em português, propõe três posições  $P^I$ ,  $P^M$  e  $P^F$ , necessárias para a descrição desse domínio. Assim, considerando que funções, operadores e modificadores são colocados centripetamente, partindo das margens para o centro, Pezatti (2014, p. 91) propõe que, em português, “as posições dos domínios de  $P^I$  e  $P^F$  são reservadas para constituintes hierárquicos (funções, operadores e modificadores) das várias camadas, ficando a posição  $P^M$  (e suas relativas) reservada para constituintes não-hierárquicos (predicado e seus argumentos)”, conforme ilustra o Quadro 4.

$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{I+n}$	$P^{M-n}$	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+n}$	$P^{F-n}$	$P^{F-1}$	$P^F$
hierárquicos			não-hierárquicos				hierárquicos			

**Quadro 4:** Posição de constituintes hierárquicos e não-hierárquicos. (PEZATTI, 2014, p. 91)

A ordenação dos constituintes não-hierárquicos no âmbito de  $P^M$  obedece ao Princípio de Proximidade do Núcleo (Dik 1997a), segundo o qual, os constituintes nucleares colocam-se o mais próximo possível um do outro. Desse modo, como postula Pezatti (2014, p. 92), “a ordenação dos constituintes não-hierárquicos se processa com a colocação do predicado (cf. HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 335) em  $P^M$ , seguida da colocação dos argumentos, dirigindo-se à direita e à esquerda”, conforme demonstrado em (35).



Por último, após a ordenação dos constituintes hierárquicos e não-hierárquicos, são ordenados os elementos vazios, ou seja, palavras gramaticais introduzidas no Nível Morfossintático para o preenchimento de posições obrigatórias para as quais não há material disponível (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 401).

Por fim, para além das posições previstas para a ordenação da Oração, e consequentemente do Sintagma, -  $P^I$ ,  $P^M$ ,  $P^F$  - existem posições marginais (fora da oração) para constituintes extraoracionais, que fazem parte da Expressão Linguística mas não da Oração propriamente dita. Assim, como lembra Pezatti (2014, p. 82) “utiliza-se  $P^{pre}$  para a posição pré-oracional,  $P^{centro}$ , para a posição da Oração, e  $P^{pos}$ , para a posição pós-oracional”, como mostra (36)<sup>9</sup>, em que a barra (|) indica o limite da oração.

(36) Expressão Linguística:  $P^{pre}$  |  $P^{centro}$  |  $P^{pos}$

Oração: |  $P^I P^M P^F$  |

<sup>9</sup> Esquema extraído de Pezatti (2014, p. 82).

Assim, Atos marcados por funções retóricas, como *Orientação*, *Esclarecimento*, *Concessão* e *Motivação*; modificadores interpessoais, como *por exemplo*; e conectores como *porque*, tendem a assumir posições extraoracionais, fazendo parte, portanto, da Expressão Linguística.

A GDF propõe que os mesmos princípios de ordenação que se aplicam à Oração se aplicam aos Sintagmas. Assim, tomando os resultados de Pezatti (2014) aplicados às Orações, analisamos os sintagmas verbais aqui em foco.

No *corpus* analisado, deparamo-nos com ocorrências como (37), (38) e (39):

(37) que eu **tenho também ouvido**... falar [que os alemães são cristãos, mas não são católicos], sim. (PT97:BaseMilitar:120)

(38) não só foi uma universidade tardia, como limitada, e com muitas reservas desde, desde o início, e que [...], e que nunca chegou a tomar desenvolvimento pleno antes da independência, não é, e que foi feita, criada, sobretudo na altura para satisfazer a grande corrente de emigração branca que tinha aumentado muito a população de origem europeia na colónia, que **começava evidentemente já a reivindicar** a formação na colónia para os seus filhos (Ang97:EnsinoAngola:25)

(39) aquilo que era para ser só uma cervejinha que era o combinado **acabou assim saindo** em pizza, não é, acabou em pizza como fala o ditado realmente. (Bra93:FestaEstudante:19)

Até esse momento, tratávamos da ordenação de constituintes de expressões como *tenho também ouvido*, *começava evidentemente já a reivindicar* e *acabou assim saindo* como pertencentes ao domínio do Sintagma, já que entendíamos tais casos como perifrásticos. Esbarramos, no entanto, com as seguintes questões. Como explicar:

1) a presença de um operador do Nível Interpessoal como *também* entre o verbo *ter* e o verbo *ouvir*?

2) a presença de um modificador e de um operador do Nível Representacional, como *evidentemente* e *já*, respectivamente, entre os verbos *começar* e *ouvir*?

3) a presença de um operador anafórico do Nível Representacional, como *assim*, entre os verbos *acabar* e *sair*?

Essas questões nos fizeram repensar e reconsiderar a análise até então efetuada. Como se sabe (Pezatti, 2014, p. 109), *também* constitui um operador da função pragmática Contraste, mais especificamente Contraste Expansivo, já que adiciona uma informação a outra pressuposta ou já mencionada. Conforme postula Pezatti (2014, p. 111), “os operadores interpessoais se colocam sempre antes do núcleo escapado”.

Na ocorrência (37), esse operador escopa o Subato Atributivo representado pelo verbo *ouvir*. Ora, os Subatos são moldados no Nível Morfossintático como Sintagmas. Assim, não há dúvidas de que a ordenação deve ser considerada na camada do Sintagma. Dentro do Sintagma, o operador de Contraste, por ser do Nível Interpessoal, é ordenado primeiramente em posição absoluta  $P^M$ , o verbo principal assume a posição relativa  $P^{M+1}$ , e o verbo auxiliar, a posição relativa  $P^{M-1}$ :

(37)	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
	<b>tenho</b>	<b>também</b>	<b>ouvido</b>

Por outro lado, a ocorrência (38) apresenta o modificador de Conteúdo Proposicional *evidentemente* e o operador de polaridade *já*, pertencente à camada do Estado-de-coisas. Conforme Pezatti (2014, p. 122), modificadores de Conteúdo Proposicional colocam-se nos extremos da Oração, no campo de  $P^I$  ou de  $P^F$ . No caso de (38), claramente o modificador restringe o conteúdo que o segue, ou seja, *reivindicar a formação na colônia para os seus*

*filhos*. Ainda segundo Pezatti (2014, p. 120), os operadores de Estado-de-coisas, como o de polaridade *já*, também assumem posições no domínio de  $P^I$  da oração por ele especificada. Nesse caso, a ordenação é representada em (38a) para a oração principal, e (38b) para a oração subordinada:

(38a)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	que	começava	evidentemente já a reivindicar a formação na colónia para os seus filhos

(38b)	$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{F-1}$	$P^F$
OS	evidentemente	já	a	reivindicar	a formação	na colónia	para os seus filhos

Na ocorrência (39), há o pró-advérbio *assim*, que representa o Modo como ocorre o Estado-de-coisas [*aquilo*] *acabou*. Por ser um elemento fórico, esvaziado de conteúdo semântico, é especificado por *saindo em pizza*<sup>10</sup>. Em outras palavras, a expressão *saindo em pizza* nada mais é do que um aposto explicativo do, neste caso, catafórico *assim*. Segundo Pezatti (2014, p. 127), a função Modo posiciona-se em  $P^F$  da oração que restringe. Desse modo, a ordenação de (39) é representada em (39a) e (39b):

<sup>10</sup> A expressão “sair em pizza” deve, neste caso, ser entendida de forma literal, como é possível perceber pelo contexto em que a expressão se insere: “foi quando a gente combinou com o professor de matemática, a gente sempre brinca “ó, vamos num churrasco? vamos numa pizzaria?” e aquele dia realmente a gente combinou sério de ir. até ele falar “ah! mas é hoje que a gente vai?” a gente falar “se você não quiser ir hoje não tem problema.” de repente todo mundo se animou. não foi a classe inteira, é lógico, que a gente não combinou com a classe inteira, mas foi o Tabajara, eu e alguns alunos. de repente a hora que a gente estava na pizzaria, eu não me, eu não me lembro, ali perto da, da, Trattoria acho que é. aí nisso ia passando a Rosires, que é nossa directora, a Eliana, a Maria, não é, que é de inglês, aí a gente chamou todos ele lá dentro, foi maravilhoso. aquilo que era para ser só uma cervejinha que era o combinado **acabou assim saindo em pizza**, não é?” (Bra93:FestaEstudante)

(39a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OP	aquilo que era para ser só uma cervejinha que era o combinado	<b>acabou</b>	<b>assim</b>	<b>saindo</b> em pizza

(39b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OS	<b>saindo</b>	em pizza

Esses fatos linguísticos revelam que a ordenação de constituintes em ocorrências como (38) e (39) não pode ser explicada no domínio do Sintagma, já que envolve constituintes pertencentes ao domínio da Oração. Isso nos levou a considerar que, na verdade, estamos lidando com dois domínios: o do Sintagma, representado pela ocorrência (37), e o da Oração, representado por ocorrências como (38) e (39). O primeiro caso denominamos construções perifrásticas, e o segundo, não-perifrásticas. Assim, a ordenação dos constituintes é fator crucial para a distinção entre construções perifrásticas e não-perifrásticas, pois revela a necessidade de considerarmos dois diferentes domínios: Oração e Sintagma.

Portanto, com base nos critérios de auxiliaridade e na discussão sobre ordenação, assumimos com Castilho (2010, p. 450) que:

há uma razoável convicção de que são auxiliares *ser, estar, ter, haver* + participio; *estar* + gerúndio e *ir* + infinitivo. Já *tornar a, voltar a, querer, dever, começar, continuar* + infinitivo constituem núcleos contíguos de sentenças distintas.

Desse modo, consideramos auxiliares os verbos *ter, haver, estar* e *ir*, já que constituem elementos vazios empregados na construção de perífrases para veicular as informações de aspecto, modalidade e tempo. Enquanto os demais são verbos plenos, que guardam em sua própria significação as nuances aspectuais e modais, constituem predicados na estruturação de propriedades configuracionais.

Portanto, chegamos à distinção entre dois tipos de construção:

- **Construção perifrástica:** formada por um verbo auxiliar e um verbo lexical em forma nominal, constituindo assim um Sintagma no Nível Morfossintático e uma única Propriedade Configuracional no Nível Representacional;
- **Construção não-perifrástica:** formada por dois verbos lexicais plenos, núcleos de duas Propriedades Configuracionais, que, no Nível Morfossintático, constituem duas Orações em uma relação de subordinação, já que a segunda propriedade é constituinte, argumento ou modificador, da primeira.

Assim, no primeiro caso, a ordenação de constituintes deve ser vista na camada do Sintagma, e no segundo, na da Oração.

Os testes apresentados e a ordenação dos constituintes mostram claramente que se tratam de duas construções com propriedades e ordenação próprias, que serão apresentadas nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO IV

### CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS

Nas próximas seções, tratamos mais detalhadamente da análise e da ordenação das construções perifrásticas no português. Tomando por base a possibilidade de inserção de expressões entre o verbo auxiliar e o principal, discutimos a ordenação e as propriedades dessas construções em português.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, são verbos auxiliares *ter*, *haver*, *estar* e *ir* (indicando futuridade e aspecto), pois resistem a manipulações, como a inserção de sujeitos distintos e de modificadores do Nível Interpessoal, além de serem esvaziados de significado, funcionando, portanto, apenas como indicadores das categorias de *Aspecto*, *Modalidade* e *Tempo*.

Por serem esvaziados semanticamente, apresentando apenas informações gramaticais, esses verbos são tratados como palavras gramaticais que preenchem uma posição obrigatória para a qual não há material disponível dos níveis Interpessoal e Representacional, empregadas para preencher uma posição necessária, veiculando informações de *Aspecto*, *Modalidade* e *Tempo*, além de número e pessoa, que não são objeto desse estudo.

A seção que segue mostra como esses elementos esvazios, denominados aqui de Auxiliares, atuam nas construções de *aspecto progressivo*, *modalidade deôntica* e *tempo composto*, associando-se a outra palavra verbal para a formação de construções perifrásticas.

#### 4.1 Construções perifrásticas aspectuais

Constituem construções perifrásticas aspectuais o sintagma verbal formado pelos verbos auxiliares *estar* ou *ir* seguidos do verbo principal no gerúndio, ou do verbo principal no infinitivo antecedido de preposição. Por meio dessa construção, veicula-se o aspecto progressivo, isto é, indica-se que determinada ação está, esteve ou estará em curso, em progresso, durante um determinado período de tempo.

Câmara Jr. (1979, p. 169) observa que as construções perifrásticas com gerúndio datam do latim vulgar tardio, em casos como: “*Stat spargendo medelas*” - “Está espalhando os unguentos”. Desde então, o verbo auxiliar usual para essas construções perifrásticas é *estar*, em qualquer de seus tempos.

Bagno (2011) destaca o processo de gramaticalização do verbo *estar*, que transfere seu significado de transitoriedade, movimento e circunstância passageira para seu uso como elemento de ligação, indicando que a construção nominal em que se aplica é passageira e transitória. Como próximo passo, “*estar* ampliou seu espectro de auxiliaridade, entrando na formulação de perífrases com o gerúndio” (2011, p. 615).

O português brasileiro conservou essa construção perifrástica formada por *estar* + gerúndio, que é hoje uma das mais produtivas nessa variedade do português. O português europeu e as variedades africanas substituíram a construção gerundiva por uma perífrase com o infinitivo antecedido pela preposição *a* (*estava a cantar*).

As perífrases formadas pelo verbo *ir* também indicam aspecto progressivo, continuidade, mas não são tão produtivas na língua portuguesa quanto as perífrases formadas com *estar*. Destacamos aqui que, ao contrário das perífrases formadas por *estar*, a maioria das construções com *ir* são formadas com o gerúndio, mesmo nas variedades europeia e africanas, sendo, nesse caso, raras as construções com infinitivo precedido de preposição.

No *corpus*, foram encontradas 278 ocorrências de perífrase aspectual, sendo 232 formadas com o auxiliar *estar* e 46 formadas com *ir*. Foram, então, coletadas ocorrências como as seguintes:

- (01) então uma noite nós fomos ao chiqueiro que fica perto dessa fazenda e escureceu muito rapidamente porque **estava ameaçando** chuva. (Bra80:Fazenda:117)
- (02) no caso do Fundo Nacional de Cultura, nós estivemos trabalhando, quer dizer, nós não, o Ministério da Cultura, até o final de noventa e quatro, **esteve trabalhando** com um total de cerca de quatrocentos projectos (Bra80:Planoreal:71)
- (03) até fui parar a um sítio que, mesmo aí próximo do Marçal, não é, perante uns amigos bandidos que roubavam e fumavam liamba, roubavam as suas coisas e metiam ali, não é, então eu vi, v[...], verifiquei que ali não era o sítio ideal para mim, não é, então **fui trabalhando** normalmente, primeiro fui trabalhar numa serra[...], serralharia, não é (Ang97:JovemGaspar:30)
- (04) são muito bons vizinho. são óptimo mesmo, sabe, são vizinho antigos. então, você, quando **vai ficando** numa certa idade, você tem que, você não depende de tudo, mas de um você depende. (Bra80:ViverComOutros:39)
- (05) lembro-me que em mil novecentos e oitenta tive um primo que **estava a tirar** o curso por correspondência de desenho e pintura (Moç83:CantarPintar:28)
- (06) há uma diferença [entre a juventude do campo e da cidade] muito pequena porque, pronto, a maioria qu[...], qu[...], quase, quase eles todos **estão a estudar** na cidade, passam praticamente o dia (PT96:MeioPequeno:14)
- (07) numa noite, eram umas quatro da manhã, eu **ia a sair** daqui e veio-me um rapazinho a correr com a, a fitinha em que dizia "os russos começaram o ataque." (PT73:Jornalismo:35)

O aspecto progressivo pertence à camada da Propriedade Configuracional, do Nível Representacional, é representado, no Nível Morfossintático, pelos verbos auxiliares *estar* e *ir*. O verbo principal da construção, que constitui uma propriedade lexical, é o núcleo da construção perifrástica.

Assim, a ordenação é dada no âmbito de  $P^M$ , pois todos os constituintes se referem à camada da Propriedade Configuracional, ou seja, são constituintes não-hierárquicos. Desse

modo, a propriedade, por ser o predicado, é ordenada primeiramente e assume a posição absoluta  $P^M$  do Sintagma. Os verbos auxiliares *estar* e *ir*, por serem elementos vazios, são sempre ordenados por último, assumindo a posição relativa  $P^{M-1}$ :

	$P^{M-1}$	$P^M$
(01)	estava	ameaçando
(02)	estive	trabalhando
(03)	fui	trabalhando
(04)	vai	ficando

Já nas construções com infinitivo, encontradas especialmente no português europeu e nas variedades africanas, o predicado, como núcleo, segue na posição absoluta  $P^M$  e a ordenação se expande para a esquerda, ficando a preposição *a* na posição relativa  $P^{M-1}$  e o verbo auxiliar, na posição de  $P^{M-2}$ , conforme apresentado nas ocorrências de (05) – (07).

	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$
(05)	estava	a	tirar
(06)	estão	a	estudar
(07)	ia	a	sair

Desse modo, observa-se que há dois padrões de ordenação para os casos de perífrases aspectuais formadas pelos verbos auxiliares *estar* e *ir* seguidos de gerúndio ou de infinitivo, como demonstrado respectivamente em (08) e (09). Em ambos, o predicado, sendo núcleo do

sintagma, assume sempre a posição absoluta ( $P^M$ ) e o verbo auxiliar, é ordenado por último, ocupando assim posição relativa à esquerda do predicado.

(08)	$P^{M-1}$	$P^M$
	Verbo auxiliar	Verbo principal

(09)	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$
	Verbo auxiliar	<i>a</i>	Verbo principal

Esse padrão de ordenação, no entanto, pode ser alterado com a inserção de operadores e modificadores, quebrando a adjacência entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Como destaca Castilho (2010), é esperado que esses elementos ocorram, porém há restrições quanto ao tipo e à forma dos elementos inseridos.

Das 232 ocorrências com o auxiliar *estar*, 207 são formadas apenas pelo verbo auxiliar seguido pelo verbo principal, como nos exemplos anteriores, e 25 apresentam operadores ou modificadores quebrando a adjacência entre o verbo auxiliar e o principal. Já nas 46 construções formadas com o auxiliar *ir*, 44 são formadas pelo verbo auxiliar seguido pelo verbo principal e apenas duas ocorrências apresentam elementos quebrando a adjacência entre o auxiliar e o principal.

Nas perífrases aspectuais, há a ocorrência de elementos dos níveis Interpessoal e Representacional. Entre os provenientes do Nível Interpessoal, há os operadores de Contraste, representados por *só* e *até*, como em (10), (11) e (12), e os Aproximativos, como em (13).

(10) ou piora, ou então melhora. porque o ri[...], o, o, o ritmo de um americano é diferente. e ele **está só entrando** aqui por dentro. e está entrando mole. está entrando na cara de todo mundo. (Bra80:SeEuMandasse:27)

- (11) depois de pôr raminha de mosquito, deixa, depois **vai só mexendo**, mexendo, para não queimar em baixo na panela. (To-Pr96:Sabores:55)
- (12) o Camilo tinha que sustentar isso e ela então com as suas fidalguias, com as suas burguesias, lá sustentava, ia-se polindo, não é, **ia até escrevendo**, que ela também, eh, tem um livro intitulado "Luz Coada por Ferros". (PT97:AmoresCamilo:177)

Segundo Pezatti (2014, p. 110), operadores como *só* “são utilizados pelo Falante para corrigir a informação pragmática do Destinatário, ao restringir um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera ser adequados para a posição envolvida”, como se vê em (10) e (11). Já *até* indica o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais conteúdos comunicados (PEZATTI, 2014), como em (12).

Por se tratar de operadores de Contraste, seu escopo recai sobre o Subato Atributivo, ou seja, sobre o verbo, que é o núcleo do Sintagma. Sendo elementos hierarquicamente superiores, esses operadores são os primeiros a serem ordenados, ocupando a posição absoluta  $P^M$ . O verbo auxiliar assume então a posição relativa  $P^{M-1}$  e o verbo principal, com a função de Contraste, a posição relativa  $P^{M+1}$ . Segundo Pezatti (2014, p. 131), “Contraste, por não ter uma posição específica, é sempre marcado por operadores, que, assim, preservam a ordem canônica dos constituintes tanto hierárquicos quanto não-hierárquicos”.

	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
(10)	está	só	entrando
(11)	vai	só	mexendo
(12)	ia	até	escrevendo

As perífrases formadas por *estar* e *ir* seguidos de preposição e infinitivo, como (13), podem apresentar um operador aproximativo, expresso aqui por *quase*.

(13) fazemos uma escala, para que de cada vez... [...] ca[...], uma criança, eh, vá, vá, portanto, eh, mandar voltar o, o gado, quando está, já **está quase a, a, a entrar** num, numa, [...], numa das machambas que, que lá existam. (Moç86:MeniniceMachamba:43)

Para a GDF, os operadores aproximativos, indicam que “o termo apenas se aproxima da real intenção comunicativa do Falante” (PEZATTI, 2014, p. 107). Esses constituintes escopam diretamente o Subato Atributivo no Nível Interpessoal.

Por ser elemento do Nível Interpessoal, a ordenação segue os princípios dados acima: o operador é o primeiro a ser ordenado, ocupando a posição absoluta de  $P^M$ . A preposição e o predicado ocupam as posições relativas à direita,  $P^{M+1}$  e  $P^{M+2}$ ; o verbo auxiliar, último elemento a ser ordenado, segue na posição relativa à esquerda,  $P^{M-1}$ :

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+2}$
(13)	está	quase	a	entrar

Modificadores do Nível Representacional, como os indicativos de tempo absoluto, de realidade e de aspecto fasal, podem também interromper a adjacência entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Esses elementos escopam e especificam o tempo e a fase em que se encontra o evento descrito, por isso atuam diretamente sobre o auxiliar.

A ocorrência em (14) exemplifica um caso com modificador de tempo absoluto, da camada do Episódio, representado por *sempre*. Sendo hierarquicamente mais alto que os outros constituintes, o modificador assume a posição absoluta  $P^M$ , o predicado ocupará, então,  $P^{M+1}$  e o auxiliar, ordenado por último, ocupará  $P^{M-1}$ :

(14) eles nunca confiam muito no advogado, sabe, que eles **estão sempre achando** que o advogado está do lado do patrão, sabe (Bra80:MundoDireito:58)

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(14)	estão	sempre	achando

Já (15) exemplifica um caso de modificador de realidade, que restringe o Estado-de-Coisas, indicando que sua ocorrência é real. O modificador, por ser da camada do Estado-de-Coisas, assume a posição absoluta  $P^M$ , a preposição e o predicado ocuparão as posições absolutas à direita, respectivamente,  $P^{M+1}$  e  $P^{M+2}$ , e o auxiliar, ordenado por último, ocupará  $P^{M-1}$ :

(15) e está outra vez na moda. as pessoas estão, eu acho que as pessoas **estão mesmo a voltar** para coisas que nós já vimos os nossos pais terem e... (PT95:SaberVender:77)

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+2}$
(15)	estão	mesmo	a	voltar

Em (16), o modificador fasal *imediatamente* indica a fase em que se encontra o evento descrito pela Propriedade Configuracional. Por ser um modificador de aspecto, *imediatamente* pertence à camada da Propriedade Configuracional, como os demais constituintes, por isso a ordenação é feita no domínio de  $P^M$ , iniciando-se pelo modificador de aspecto *imediatamente*, seguindo para a direita nas posições relativas de  $P^M$  e para a esquerda para a colocação do auxiliar em  $P^{M-1}$ :

(16) se você retira o coberto vege[...], vegetal, seja ele de árvores, ou de arbustos, ou de capins, não é, de... herbáceas, ou de gr[...], de gramíneas herbáceas, você **está imediatamente a tirar** ao solo a capacidade de defesa (Ang97:Guerra e Ambiente:83)

	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>	<b>P<sup>M+2</sup></b>
(16)	está	imediatamente	a	tirar

Por esses exemplos, é possível notar que o padrão de ordenação das construções perifrásticas aspectuais, como apresentado anteriormente em (08) e (09), permite a inserção de operadores e modificadores, de camadas e níveis hierarquicamente superiores à da Propriedade Configuracional. No entanto, cabe ressaltar que esses constituintes são limitados a ocorrências de operadores de Contraste e Aproximativos, do Nível Interpessoal, visto que atuam sobre o Subato Atributivo; e modificadores de tempo, de realidade e fasais, do Nível Representacional. Nesses casos, o elemento inserido, por ser de camada superior à da Propriedade Configuracional, ocupa a posição absoluta de P<sup>M</sup> e a ordenação segue para a direita e para a esquerda quantas posições relativas forem necessárias, ficando o verbo auxiliar sempre na posição P<sup>M-1</sup>.

## 4.2 Construções perifrásticas modais

Construções perifrásticas modais são sintagmas verbais formados pelo verbo auxiliar *ter*, e mais raramente pelo auxiliar *haver*, seguidos por *de* ou *que* e pelo verbo no infinitivo. Descrita tradicionalmente como uma expressão modal, essa construção perifrástica é reconhecida por veicular a ideia de obrigação moral ou social imposta ao falante ou ao ouvinte, descrevendo “um participante que se encontra sob uma obrigação ou que tem uma

permissão para se engajar no evento designado pelo predicado” (DALL’AGLIO-HATTNER, 2009, p. 157), indicando, portanto, modalidade deôntica.

Câmara Jr. (1979, p. 170) destaca que

Construção mais gramaticalizada é a de auxiliar *ter* articulando-se com um infinitivo por meio dos conectivos *de* ou *que*. Corresponde à significação inicial da perífrase que deu origem ao futuro românico: um modo de obrigação ou compulsão. A conjugação se estende a todos os tempos verbais, assinalados pelo auxiliar (*tenho de ir, tinha de ir, tive de ir, terei de ir, etc.*), embora as gramáticas só insistam nas perífrases com auxiliar no indicativo presente, que classificam como um futuro obrigatório.

Assim, a construção perifrástica modal é formada, na maioria dos casos, pelo verbo *ter*, mais *que* ou *de* e o verbo principal no infinitivo. No *corpus*, foram encontradas 160 ocorrências de perífrases modais, das quais 133 são formadas pelo verbo *ter* seguido por *que* e 24 ocorrências de verbo auxiliar *ter* seguido por *de*. As três ocorrências restantes são formadas pelo auxiliar *haver* seguido por *de*, reservadas para situações mais formais e usadas por falantes de idade mais elevada.

A junção do verbo auxiliar com o elemento de ligação *que* ou *de* forma uma única unidade no Nível Morfossintático, responsável por veicular a noção de modalidade deôntica, orientada para o participante ou para o evento (cf. OLBERTZ, 1998).

A modalidade deôntica é veiculada pela junção do verbo auxiliar *ter* com o elemento de ligação *de/que*, pois, isolados, esses elementos têm significação própria, não relacionada com modalidade: *ter*, isoladamente, indica posse e *de* ou *que*, como partículas gramaticais da língua, podem ser usadas em diversos contextos, assumindo diferentes significação (*de* pode, por exemplo, indicar origem; *que* pode, por exemplo, funcionar como pronome relativo, etc.). Desse modo, juntos formam uma única unidade, alocada numa única posição.

Foram encontradas ocorrências como as de (17) e (18), com modalidade deôntica voltada para o participante e (19), com modalidade deôntica voltada para o evento.

- (17) então, tanto é que eles adoptam muito, tem leis que eles, tem caso de lei que a gente **teve que estudar** a lei mas que não vale mais porque o costume não aceitava a lei, sabe (Bra80:MundoDireito:09)
- (18) aquilo são quatro[...], ah, quinhentos alunos internos, organizados em castelos da Mocidade Portuguesa, havia réguas, que, ah, mais de vinte réguas a caçar quem fala dialectos. por forma que, através da régua, os alunos **tinham que aprender** à força (TL99:Regras:69)
- (19) enfim, que a, que a Yves en[...], entendia que **havia de, de ter** [uma linha de produtos para homem] (PT96:BomSensoRosto:19)

Independente da modalidade, o verbo auxiliar constitui um elemento vazio e, juntamente com o elemento de ligação, deve ser ordenado após todos os outros constituintes. Desse modo, nos dados coletados, o verbo principal é o primeiro a ser ordenado, ocupando a posição absoluta  $P^M$  e, em seguida, o auxiliar é alocado na posição relativa  $P^{M-1}$ :

	$P^{M-1}$	$P^M$
(17)	teve que	estudar
(18)	tinham que	aprender
(19)	havia de	ter

Dessa maneira, como acontece nas construções perifrásticas aspectuais, as construções modais também apresentam um padrão de ordenação: o verbo principal assume a posição absoluta  $P^M$ , e o verbo auxiliar e o elemento de ligação são ordenados na posição  $P^{M-1}$ :

(20)	$P^{M-1}$	$P^M$
	<i>Ter de/que</i>	Verbo principal

As construções perifrásticas modais raramente permitem a inserção de constituintes entre o verbo auxiliar e o verbo principal, conforme mostra (21), único caso encontrado no *corpus* analisado. Nessa ocorrência, o argumento Locativo *lá* desfaz a adjacência entre a unidade modal (*ter que*) e a palavra verbal. O argumento Locativo é inserido no Nível Representacional, pertencendo, portanto, à camada da Propriedade Configuracional. Por conta da relação predicado-argumento, em que o predicado precede e seleciona o argumento, ordena-se primeiro o predicado na posição absoluta P<sup>M</sup> e a ordenação segue para a esquerda com o clítico ocupando a posição de P<sup>M-1</sup> e a locução modal, a posição P<sup>M-2</sup>:

(21) claro que foi um problema gravíssimo, **tive que lá voltar** três vezes... para reconstituir o crime, dizendo foi assim, foi assado (PT72:AoVolante:39)

	P <sup>M-2</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>
(21)	tive que	lá	voltar

Sendo esse o único dado de inserção de constituinte na adjacência entre verbo auxiliar e principal, podemos concluir que as construções perifrásticas modais são altamente restritivas com relação à quebra de adjacência entre a locução modal e o verbo principal.

### 4.3 Construções perifrásticas temporais

Por construções perifrásticas temporais, reconhecemos as tradicionais construções de *tempo composto*, formadas pela junção dos verbos auxiliares *ter* ou *haver* com um verbo principal no participípio e as construções compostas do verbo *ir* com o verbo principal no infinitivo, indicando futuridade.

Sobre a formação de *haver* e *ter*, Câmara Júnior (1979, p. 167) mostra que as perífrases com particípio derivam do latim a partir de um padrão oracional formado pelo verbo *habere* com o objeto modificado por um particípio perfeito: “*habeo litteram scriptam*” “tenho uma carta escrita (em meu poder)”. No latim vulgar, esse padrão oracional originou conjugações perifrásticas das quais derivam as atuais construções de tempo composto, em que o verbo *haver* é o auxiliar responsável por veicular as informações de tempo, número e pessoa.

Com o passar do tempo e com as modificações sofridas pela língua portuguesa, o verbo *haver* cedeu lugar ao *ter* nas funções apresentacionais e também na de auxiliar. Atualmente, o tempo composto é formado predominantemente com o verbo auxiliar *ter*, sendo o uso de *haver* restrito a poucos casos de fala ou escrita mais monitorados.

Sobre a construção do tempo composto, Câmara Jr. afirma:

A função “condutora”, ou verbal e dinâmica propriamente dita, está concretizada na forma auxiliar. Ao particípio passado cabe a função “denominativa”, que é estática e nominal. Assim, o particípio passado, ao contrário do radical de uma forma verbal simples, serve para disjuntar o semantema verbal das correspondentes condições categóricas. Em – *tenho, tinha, terei, teria amado*, por exemplo, a ideia de *amar* se apresenta de *per si*, num vocábulo autônomo, a que se acrescentam, como numa mistura química, as ideias gramaticais de pessoa, tempo e modo, expressas pelo auxiliar. (1956, p. 82)

No *corpus* foram encontradas 134 ocorrências de construções perifrásticas temporais com os verbos *haver* e *ter*. Desse total, 129 são formadas pelo verbo auxiliar seguido do verbo principal, sendo essa a forma padrão, exemplificada em (22), (23) e (24). As cinco ocorrências restantes apresentam inserção de modificadores e operadores na adjacência do verbo auxiliar com o principal, que serão analisadas posteriormente.

(22) os fluxos migratórios que ultimamente se têm registrado, um pouco por toda a África, e também dentro do nosso país **teriam provocado** graves conseqüências ao ambiente (Ang97:Guerra e Ambiente:02)

(23) através de rádios e gravações que eu tenho, que eu **tenho acompanhado**, estou a ver que quase todas as nações do mundo estão a regressar às raízes. (CV95:AsMornas:54)

(24) os anos passaram, a criança cresceu, e até que atingiu mais ou menos dois anos, a outra família, foi a, a família que **havia emprestado** a pulseira, foi buscar a pulseira. (Ang97:Conto Tradicional:15)

Ao tratar das construções compostas pelo verbo *ir* e o infinitivo do verbo principal, indicando futuridade ou futuro próximo, Bagno (2011, p. 617) observa que ele não deixou de lado sua significação como verbo pleno, que indica movimentação espacial em outros contextos de uso. Para o autor, as noções de espaço e tempo se aglutinaram e o verbo *ir* passou a indicar também deslocamento temporal, expressando tempo futuro e abandonando a indicação de movimento quando empregado junto com outro verbo no infinitivo. O esvaziamento semântico da indicação de deslocamento espacial propiciou, inclusive, que o verbo *ir*, agora auxiliar, fosse usado em conjunto com verbos que indicam posição estática ou imobilidade (*vou ficar, vou parar* etc.) ou movimento em sentido contrário (*vou voltar, vou retornar*).

Como destaca o autor, a perífrase formada por *ir* + infinitivo ocupou o lugar da forma de futuro simples (*falarei, amarei, comerei*, etc.), “hoje, as formas simples (elas mesmas, como sabemos, derivadas de perífrases que se gramaticalizaram) estão restritas aos gêneros textuais falados e escritos mais monitorados” (BAGNO, 2011, p. 618).

Foram coletadas 175 ocorrências dessa perífrase, sendo 164 casos de formação padrão, ou seja, em que há apenas o verbo auxiliar *ir* e o verbo principal no infinitivo, conforme (25) e (26). As demais ocorrências apresentam elementos intervenientes.

(25) açucarinha, como é que se faz? eu **vou dizer** como é que se faz açucarinha (To-Pr96:Sabores:01)

(26) mesmo quando os Mambas foram perder na África do Sul. toda a gente, "esses, quando chegarem cá, **vão passar** mal connosco", "eles foram brincar, não jogaram bem".  
(Moç97:SentimentoDesporto:86)

As perífrases com *ter*, *haver* e *ir* podem ser parafraseadas por formas verbais simples, indicando fatos acabados, habituais, contínuos ou futuros, como se observa nas paráfrases em (22a) a (26a).

(22a) e também dentro do nosso país **provocaram** graves conseqüências ao ambiente.

(23a) eu **acompanhei**.

(24a) a família que **emprestara** a pulseira.

(25a) eu **direi** como é que se faz açúcarinha.

(26a) **passarão** mal conosco.

Do mesmo modo como acontece nas perífrases aspectuais e modais, aqui também o verbo auxiliar é um elemento vazio, isto é, uma partícula esvaziada de significado que guarda apenas informações gramaticais, como as distinções temporais. No caso das construções perifrásticas temporais, os verbos *ter*, *haver* e *ir* expressam a informação temporal vinda do Nível Representacional, podendo tanto indicar um *tempo absoluto*, próprio da camada do Episódio, como um *tempo relativo*, próprio da camada do Estado-de-Coisas.

Como a ordenação se inicia pelo núcleo da perífrase, como nos casos já tratados, é o verbo principal que assume a posição central de  $P^M$ , por ser o núcleo do Sintagma. O verbo auxiliar, tanto em casos de *tempo absoluto* quanto de *tempo relativo*, é posicionado após a colocação de todos os outros constituintes da perífrase, na posição relativa à esquerda, geralmente,  $P^{M-1}$ , conforme segue:

	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>
(22)	teriam	provocado
(23)	tenho	acompanhado
(24)	havia	emprestado
(25)	vou	dizer
(26)	vão	passar

Com a análise dessas ocorrências, é possível notar que as construções perifrásticas temporais apresentam um padrão de ordenação bem definido, conforme ilustrado em (27), em que o verbo auxiliar, *ter*, *haver* ou *ir*, ocupa a posição P<sup>M-1</sup> e o verbo principal, a posição P<sup>M</sup>:

(27)	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>
	Verbo auxiliar	Verbo principal

Como já observado, os dados revelam, entretanto, a existência de ocorrências de tempo composto que apresentam elementos intervenientes, isto é, operadores ou modificadores dos níveis Interpessoal e Representacional entre o verbo auxiliar e o verbo principal, quebrando a adjacência de ambos.

Provenientes do Nível Interpessoal são os operadores de função pragmática, como o operador de Contraste *também* em (28) e (29). De acordo do Pezatti (2014), o Contraste Expansivo adiciona uma informação a outra pressuposta ou já mencionada. Conforme dito anteriormente, o operador de Contraste Expansivo *também* escopa o Subato Atributivo, representado pelo verbo principal subsequente.

(28) quer dizer que não só foi uma universidade tardia, como limitada, e com muitas reservas desde, desde o início, e que [...], e que nunca chegou a tomar desenvolvimento pleno antes da independência, não é, e que foi feita, criada, sobretudo na altura para satisfazer a grande corrente de emigração branca que tinha aumentado muito a população de origem europeia na colónia, que começava evidentemente já a reivindicar a formação na colónia para os seus filhos. o que não quer dizer que alguns angolanos, das mais variadas origens, não **tenham também apanhado** já esses estudos universitários. (Ang97:EnsinoAngola:27)

(29) tu tens SIDA, eu visto as tuas roupas eu **vou também apanhar** SIDA (GB95:SIDA:53)

Essas estruturas apresentam, então, outro padrão de ordenação, justamente por conta da inserção de um elemento do Nível Interpessoal. Por ser de um nível hierárquico superior, o operador de Contraste é ordenado primeiramente na posição absoluta  $P^M$ , o verbo principal assume a posição relativa  $P^{M+1}$ , e o verbo auxiliar, a posição relativa  $P^{M-1}$ :

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(28)	tenham	também	apanhado
(29)	vou	também	apanhar

É possível também a presença de operadores da função pragmática Foco, como *era* em (30). Na ocorrência, o operador marca a função pragmática de Foco, que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), sinaliza a seleção estratégica do Falante de informação nova, ou para preencher uma lacuna na informação do Ouvinte ou para corrigir uma informação do Ouvinte. Conforme postula Pezatti (2014, p. 108), “a função Foco, em português, assume sempre a posição absoluta  $P^F$ , ou seja, o mecanismo de codificação dessa função é a posição final”.

(30) (a Berta) não **tinha era nascido** (GB95:JuventudeGuieneense:41)

Desse modo, o verbo principal com a função Foco é ordenado primeiramente na posição absoluta  $P^F$ , seguido pelo operador de Foco e pelo verbo auxiliar que assumem posições relativas à esquerda, respectivamente,  $P^{F-1}$ ,  $P^{F-2}$ . Assim sendo, a presença de um operador da função Foco modifica o padrão de ordenação de modo que toda a linearização ocorre no domínio de  $P^F$ :

	$P^{F-2}$	$P^{F-1}$	$P^F$
(30)	tinha	era	nascido

Dentre os constituintes hierárquicos do Nível Representacional, podem ocorrer, entre o auxiliar e o verbo principal, modificadores de tempo absoluto, como em (31) e (32). Nessas ocorrências, o modificador *sempre*, que indica tempo absoluto, restringe o tempo indicado pelo verbo auxiliar. Nesse caso, o padrão de ordenação ocorre da seguinte forma: o modificador é ordenado primeiramente, por ser um elemento do Nível Representacional, ocupando a posição absoluta  $P^M$ , seguido pelo verbo principal, que ocupa a posição relativa à direita,  $P^{M+1}$ , e precedido pelo verbo auxiliar que ocupa a posição relativa à esquerda,  $P^{M-1}$ :

(31) politicamente, a Indonésia **tem sempre arranjado** estratégias ou, diplomaticamente, ela tem que jogar assim. (TL99:IdentidadePovo:25)

(32) casa você faz amizade, porque você vai ali na frente, **vai sempre varrer**, limpar uma calçada. então, você faz amizade com vizinho (Bra80:ViverComOutros:51)

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(31)	tem	sempre	arranjado
(32)	vai	sempre	varrer

Também do Nível Representacional, observamos a ocorrência de operadores fasais, como *ainda* em (33). O operador fasal *ainda* especifica o tempo indicado pelo verbo auxiliar (*ter*). A ordenação, então, obedece aos mesmos princípios: o operador fasal, por ser de uma camada superior, é ordenado primeiramente, assumindo a posição absoluta  $P^M$ ; o verbo principal ocupa, então, a posição relativa  $P^{M+1}$  e o verbo auxiliar assume a posição relativa  $P^{M-1}$ :

(33) noutros tempos, se calhar ness[...], nessa altura a Berta não **tinha ainda nascido** (GB95:JuventudeGuieneense:40)

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(33)	tinha	ainda	nascido

A observação dos dados indica a existência de um mesmo padrão de ordenação para todas as perífrases (aspectuais, modais e temporais) no português, segundo o qual, o verbo principal, núcleo da perífrase, ocupará a posição absoluta  $P^M$  e o verbo auxiliar, sendo um elemento esvaziado de significado, ocupará a posição relativa, à esquerda,  $P^{M-1}$ , conforme ilustra (34):

(34)	$P^{M-1}$	$P^M$
	Verbo auxiliar	Verbo principal

Exceção a essa regra são as perífrases aspectuais seguidas de infinitivo, dado que, nesses casos, há a presença de uma preposição entre o verbo auxiliar e o principal, alterando o

padrão de ordenação, fazendo com que o verbo auxiliar ocupe a posição de  $P^{M-2}$  para que a preposição ocupe  $P^{M-1}$  e o predicado permaneça em  $P^M$ , conforme (35):

(35)	$P^{M-1}$	$P^{M-2}$	$P^M$
	Verbo auxiliar	<i>a</i>	Verbo principal

Havendo elementos intervenientes entre o verbo auxiliar e o principal, como operadores e modificadores dos níveis Interpessoal e Representacional, o padrão de ordenação se altera. Por serem elementos hierárquicos superiores, esses operadores e modificadores ocupam a posição absoluta  $P^M$ , o que obriga o predicado a se deslocar para a direita, assumindo a posição relativa  $P^{M+1}$ . O verbo auxiliar, por sua vez, permanece na posição relativa  $P^{M-1}$ , como ilustra (36):

(36)	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
	Verbo auxiliar	$\pi$ e $\sigma$ do NI e NR	Verbo principal

Exceção a esse padrão são apenas os casos de argumento anteposto, como ilustrado anteriormente em (21) e de inserção de operadores de Foco, como mostra (30), também discutido anteriormente. Nesses casos, a ordenação segue princípios próprios estabelecidos para esses constituintes: em (21), por ser um argumento do predicado, a ordenação do argumento é dependente da do predicado, que permanece em  $P^M$  e o argumento é ordenado em  $P^{M-1}$ , obrigando o verbo auxiliar a se deslocar para a posição de  $P^{M-2}$ ; já em (30), a ordenação ocorre no domínio de  $P^F$ , sendo que o constituinte com função de Foco, no caso o verbo principal, é marcado pela posição absoluta  $P^F$ , o operador ocupa então a posição relativa  $P^{F-1}$  e o verbo auxiliar a  $P^{F-2}$ .

## CAPÍTULO V

### CONSTRUÇÕES NÃO-PERIFRÁSTICAS

Conforme argumentamos no capítulo 3, defendemos aqui que construções realizadas com verbos como *acabar*, *passar*, *dever*, *começar*, *poder*, *costumar*, *querer* etc. não são construções perifrásticas. Isso porque esses verbos permitem, de modo geral, diferentes sujeitos e que os constituintes da construção sejam negados isoladamente. Além disso, são verbos que preservam seu conteúdo semântico quando acompanhados de outros verbos, diferentemente do que acontece com os verbos auxiliares, que compõem as construções perifrásticas.

Aliada a essas distinções fundamentais já apontadas, junta-se a possibilidade de inserção de diferentes elementos entre os verbos envolvidos nas construções, que, como veremos neste capítulo, diferem em natureza, número e complexidade dos elementos que podem ser inseridos nas construções perifrásticas. Esse fato foi justamente o que nos levou a concluir que a ordenação dessas construções não se dá na camada do Sintagma, mas sim na camada da Oração, visto que o Sintagma não comporta a inserção de elementos como os que são observados aqui.

Esses fatos nos levam a considerar que essas construções são formadas por dois verbos plenos, núcleos, portanto, de duas Propriedades Configuracionais, em que a primeira tem como constituinte (argumento ou modificador) a segunda, configurando, assim, uma relação de subordinação.

Desse modo, os valores aspectuais e modais dessas construções são diretamente veiculados por seu conteúdo semântico, ou seja, é o significado do verbo pleno que veicula o aspecto ou a modalidade. Por exemplo, em uma construção como *Ele começou a trabalhar*, o

aspecto incoativo é dado pelo significado do verbo, que indica o início de um determinado evento. De mesmo modo, em *A criança quer brincar*, a modalidade volitiva é expressa pelo conteúdo semântico do verbo *querer*.

## 5.1 Construções aspectuais

Conforme argumentamos na seção 1.2.2, não há unanimidade entre os gramáticos e os linguistas sobre os verbos aspectuais que integram essas construções, podendo a lista de verbos aumentar ou diminuir dependendo do autor. Em nossos dados foram encontrados os verbos *acabar*, *andar*, *começar*, *continuar*, *costumar*, *deixar*, *ficar*, *passar* e *vir*, somando um total de 148 ocorrências, das quais 133 não apresentam operadores e/ou modificadores em sua adjacência.

Castilho (1968), assim define cada um dos verbos analisados:

- **Acabar:** indica aspecto *perfectivo pontual* quando descreve uma ação que é acabada tão logo começada; ou *imperfectivo terminativo* quando a ação terminou após ter durado. Em construções regidas por esse verbo, há sempre uma preposição, que pode ser *por* ou *de*, seguidas de infinitivo:

(01) é um método, mas muito deu resultado. e as pessoas depois de três ou quatro meses **acabam por falar** português (TL99:Regras:72)

(02) com uma maça, com uma maça de madeira, eu te[...], ainda tenho lá uma em casa, também. as mulheres lá am[...], amassando aquilo bem amassado, **acabavam de amassar** o linho, o linho entrava outra vez para o forno. (PT96:Linho:43)

- **Andar:** indica o aspecto *iterativo imperfectivo*, designando ações durativas que são repetidas. Pode vir acompanhado de gerúndio ou de infinitivo, neste caso, acompanhado da preposição *a*:

(03) Plínio, um... homem que an[...], **andava a estudar** o vulcanismo. (CV95:IlhaFogo:73)

- **Começar:** verbo de aspecto *inceptivo propriamente dito* por indicar o começo puro e simples da ação, sempre acompanhado de preposição *a* ou *por*, seguidas de infinitivo:

(04) então estava a andar com um amigo e este amigo **começou a procurar** o quarto para mim durante três meses (Ang97:JovemGaspar:66)

(05) bom, em Libreville, **comecei por trabalhar** numa... fábrica de confecção industrial, e depois, dois anos depois, dei aulas de costura, e dois anos, os últimos anos que eu fiz em Libreville trabalhei num atelier público. (To-Pr96:Costureira:10)

- **Continuar:** verbo de aspecto *cursivo propriamente dito* por indicar a duração em seu pleno desenvolvimento. Pode ser expresso em junção com a preposição *a* seguida de infinitivo ou, mais raramente, gerúndio:

(06) de qualquer das formas, houve... aqui questões político-partidárias, eh, havia interesses por trás disso, os trabalhadores **continuaram a trabalhar** com investimento, com afinco, enfim, com, com dedicação à terra (PT97:TrabalhoPosseTerra:11)

(07) eu **continuo fazendo** a minha parte [para divulgação da cultura] (CV95:AsMornas:70)

- **Costumar:** tradicionalmente, é um verbo que designa aspecto *iterativo imperfectivo*, indicando a repetição de ações durativas, seguido de infinitivo:

(08) **costuma ouvir** cá notícias sobre Timor, aqui em Portugal? (TL99:Timor:01)

- **Deixar:** designa aspecto *imperfectivo terminativo*, pois indica um evento do qual se conhece o término. É sempre expresso em junção com a preposição *de* seguido de infinitivo:

(09) foi logo no começo assim. ela chegou assim como um general. ela disse assim que a estrela da classe é o professor. não **deixa de ter** uma razão. só que ela chega com uma certa autoridade, logo no primeiro dia ela não cativou os alunos. (Bra93:FestaEstudante:28)

- **Ficar:** indica aspecto *cursivo propriamente dito*, designando a ação pura e simples de determinado evento. Pode ser seguido por gerúndio ou infinitivo, neste último caso, acompanhado da preposição *a*:

(10) a gente sempre assim com um olhar, uma já sabia o que a outra estava pensando, o que, em relação a alguma coisa, inclusive minha mãe, sempre, a gente levava altos pitos da minha mãe, não é, porque a gente **ficava dando** risada da minha avó, assim, uma olhava para cara da outra e ria por causa de determinada coisa que minha avó fazia, sabe, então essa parte foi engraçada. (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:09)

(11) havendo filhos menores terá que resolver o problema dos filhos menores, entrar em consenso com a mulher sobre... chamada regulação do poder paternal dos filhos menores. concretamente em três aspectos: primeiro lugar, saber a quem ficam confiados os filhos menores; em segundo lugar saber o direito de visita do outro progenitor com quem os filhos não ficam; e em terceiro lugar, a pensão que **ficará a pagar** aquele dos progenitores que não fica com os menores à sua guarda e cuidados. (PT89:LeiCotidiano:34)

- **Passar:** verbo que designa aspecto *inceptivo propriamente dito*, indicando o começo puro e simples da ação. Pode ser acompanhado da preposição *a* seguida de infinitivo ou, mais raramente, de gerúndio:

(12) a Marta, Marta de, de Maxaquene, pouca gente conhece, mas a Lurdes, como está fora, todos nós **passamos a conhecer** (Moç97:SentimentoDesporto:35)

- **Vir:** de todos os verbos, este é o que apresenta maior número de acepções – i) designa aspecto *imperfectivo terminativo*, indicando que a ação terminou após ter durado (nesse caso, geralmente acompanhado da preposição *de* + infinitivo); ii) designa aspecto *cursivo progressivo*, indicando uma duração que importa numa aceleração ou gradação do processo (nesse caso, geralmente acompanhado de gerúndio); iii) designa aspecto *cursivo propriamente dito*, indicando a duração pura e simples (geralmente acompanhado da preposição *a* + infinitivo ou gerúndio). No entanto, no *corpus* analisado foram encontradas apenas ocorrências com a composição *vir + a + infinitivo*:

(13) fez, não me falou nada, quando eu **vim a saber** já tinha feito. (Bra80:GostoDela:52)

Conforme demonstrado no capítulo 3, consideramos esses verbos como núcleos de Propriedades Configuracionais, cuja valência quantitativa exige um complemento que, nos casos aqui tratados, realiza-se em forma oracional. Assim, há duas orações: uma principal e uma subordinada, o que figura um processo de subordinação. Desse modo, em (02), por exemplo, *acabavam* é uma propriedade de dois lugares que se aplica, portanto, a uma entidade com função Ativo, representado por *mulheres*, e uma com função Inativo, representado pela oração composta por *amassar* e seu argumento Inativo *o linho*. Assim, o que temos aqui é uma oração encaixada reduzida de infinitivo que desempenha a função do predicado da oração principal:

(02) com uma maça, com uma maça de madeira, eu te[...], ainda tenho lá uma em casa, também. as mulheres lá am[...], amassando aquilo bem amassado, **acabavam de amassar o linho**, o linho entrava outra vez para o forno. (PT96:Linho:43)

Nesse caso, lidamos então com duas orações, por isso a análise da ordenação dos constituintes dessas construções, implica dois padrões de ordenação: um para a oração principal (OP), e outro para a oração subordinada (OS).

Essas construções podem ocorrer com os dois verbos contíguos, conforme *continuo fazendo*, em (07), e *costuma ouvir*, em (08), ou com a inserção de uma preposição entre eles, conforme *passamos a conhecer*, em (12), e *acabam por falar*, em (01), todos já citados anteriormente. Tratamos primeiramente das construções de verbos contíguos, para, posteriormente, tratarmos das construções com preposição.

Em (07), a oração principal, *eu continuo fazendo minha parte*, é constituída pela propriedade de dois lugares *continuar* que tem como argumento Ativo *eu* e como Inativo o Estado-de-coisas *fazendo minha parte*. Como ao Subato Referencial *eu* é aplicada a função pragmática Tópico (cf. PEZATTI, 2014), ele assume a posição  $P^I$ , e os outros constituintes configuracionais são ordenados no domínio de  $P^M$ , ficando o predicado na posição absoluta  $P^M$  e o argumento oracional na posição relativa  $P^{M+1}$ , conforme representado a seguir:

(07) eu **continuo fazendo** a minha parte [para divulgação da cultura] (CV95:AsMornas:70)

(07a)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	eu	<b>continuo</b>	<b>fazendo</b> a minha parte

A oração subordinada obedece aos mesmos princípios, não havendo, no entanto, um constituinte Tópico, a posição  $P^I$  não é preenchida, ficando a ordenação como em (07b).

(07b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OS	<b>fazendo</b>	a minha parte

Em (08), também não há Tópico, e nem outros constituintes hierárquicos. Assim, o predicado assume a posição absoluta  $P^M$ , e o argumento oracional é inserido na posição relativa  $P^{M+1}$ . O Ato com função retórica Esclarecimento, por ser extraoracional, é ordenado na posição posterior à da oração,  $P^{pós}$ .

(08) **costuma ouvir** cá notícias sobre Timor, aqui em Portugal? (TL99:Timor:01)

(08a)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>	<b>P<sup>pós</sup></b>
OP	<b>costuma</b>	<b>ouvir</b> cá notícias sobre Timor	aqui em Portugal

A oração subordinada, por seu turno, contém o predicado que se posiciona em  $P^M$ , e o pró-advérbio de lugar, *cá*, entre o predicado e seu argumento. Como destaca Pezatti (2014, p. 119), esses operadores, “representados morfossintaticamente pelas proformas dêiticas *cá*, *aqui*, *ali*, *lá*, ocupam o campo de  $P^F$ , ou uma de suas relativas ( $P^{F-n}$ ), quando essa posição já estiver ocupada por um constituinte estruturalmente mais complexo”. No caso apresentado em (08), um constituinte mais complexo ocupa a posição absoluta  $P^F$  e, por este motivo, o pró-advérbio de lugar assume a posição relativa  $P^{F-1}$ :

(08b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OS	<b>ouvir</b>	cá	notícias sobre Timor

O padrão de ordenação da oração principal segue os mesmos princípios da oração independente: o constituinte com função pragmática Tópico assume a  $P^I$ , o predicado, a posição  $P^M$  e o complemento oracional, a posição relativa  $P^{M+1}$ , como representado abaixo.

(14a)	<b><math>P^I</math></b>	<b><math>P^M</math></b>	<b><math>P^{M+1}</math></b>
	Tópico	<b>Predicado</b>	<b>Argumento Oracional</b>

A oração subordinada, por sua vez, por não apresentar um constituinte Tópico, terá preenchida apenas a posição absoluta  $P^M$  pelo predicado e, se for o caso, as posições relativas de  $P^M$ , pelos argumentos do predicado, conforme representado a seguir:

(14b)	<b><math>P^M</math></b>	<b><math>P^{M+1}</math></b>
	<b>Predicado</b>	Argumento

Construções aspectuais, como (04), (02) e (05), já citadas e repetidas aqui por conveniência, envolvem a presença de preposição indicando a relação semântica que se estabelece entre os dois predicados envolvidos e, por isso, serão analisadas diferentemente.

A seleção da preposição gramatical depende do sentido pretendido pelo Falante e da semântica do próprio predicado. Alterações na seleção da preposição geram, conseqüentemente, alterações na ordenação, pois, preposições diferentes estabelecem relações semânticas diferentes, que se refletem na linearização dos constituintes.

Em (04), a preposição gramatical *a*, que introduz a oração subordinada, representa um operador de *aspecto progressivo* do Nível Representacional, que especifica a Propriedade Configuracional ao indicar o início de uma ação em progresso, com determinada duração,

indicada pelo modificador *durante três meses*. Na variedade brasileira, essa construção é realizada por meio do sufixo de gerúndio *-ndo*.

(04) então estava a andar com um amigo e este amigo **começou a procurar** o quarto para mim durante três meses (Ang97:JovemGaspar:66)

Nesse caso, a ordenação principia pela colocação dos constituintes com função pragmática Tópico em  $P^I$ . O predicado assume a posição absoluta  $P^M$ , e seu argumento oracional ocupa a relativa  $P^{M+1}$ . O relator *e*, como elemento extraoracional que une as duas orações, é ordenado na posição de  $P^{pré}$ :

(04a)	$P^{pré}$	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	e	este amigo	<b>começou</b>	<b>a procurar</b> o quarto para mim durante três meses

Na oração subordinada, o predicado, por ser o núcleo, ocupa a posição absoluta,  $P^M$ ; a preposição *a*, representando o aspecto, uma categoria da Propriedade Configuracional, mesma camada do predicado, vai para a posição relativa  $P^{M-1}$ , e o argumento Inativo, para a posição  $P^{M+1}$ . O modificador Beneficiário *para mim*, por ser hierárquico, assume a posição relativa  $P^{F-1}$ , já que o modificador de Duração, também hierárquico, porém mais complexo, assume a posição absoluta  $P^F$ :

(04b)	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{F-1}$	$P^F$
OS	<b>a</b>	<b>procurar</b>	o quarto	para mim	durante três meses

Há também ocorrências cuja oração subordinada é introduzida pela preposição *de*. Diferentemente de *a*, *de*, em (02), representa a função argumental Locativo, pertencendo também à Propriedade Configuracional.

(02) com uma maça, com uma maça de madeira, eu te[...], ainda tenho lá uma em casa, também. as mulheres lá am[...], amassando aquilo bem amassado, **acabavam de amassar** o linho, o linho entrava outra vez para o forno. (PT96:Linho:43)

A oração principal *acabavam de amassar o linho* tem a seguinte ordenação:  $P^M$  é ocupada pelo predicado, seguido pelo argumento Locativo na posição relativa  $P^{M+1}$ :

(02a)	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	<b>acabavam</b>	<b>de amassar</b> o linho

Na ordenação da oração subordinada, a preposição *de*, representante da função Locativo ocupa a posição absoluta  $P^M$ , o predicado, a posição relativa  $P^{M+1}$ , e o argumento, a posição  $P^{M+2}$ :

(02b)	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+2}$
OS	<b>de</b>	<b>amassar</b>	o linho

Em (05), por outro lado, a preposição *por* designa o Modo como o Estado-de-Coisas ocorre, já que responde à pergunta “Como é que começou?”. Assim, mostra uma ação inicial que será seguida por outras ações, ou seja, mostra o ponto de partida de uma sequência possível de outras ações. Portanto, diferentemente de *a* e *de* que atuam na camada da Propriedade Configuracional, *por* atua na camada do Estado-de-coisas.

(05) bom, em Libreville, **comecei por trabalhar** numa... fábrica de confecção industrial, e depois, dois anos depois, dei aulas de costura, e dois anos, os últimos anos que eu fiz em Libreville trabalhei num atelier público. (To-Pr96:Costureira:10)

Desse modo, o Estado-de-coisas *por trabalhar numa fábrica de confecção industrial* constitui um modificador, um constituinte hierárquico, que restringe o Estado-de-coisas principal. Isso o leva para a posição final da oração principal.

Novamente, a ordenação principia pela colocação dos constituintes com função pragmática Tópico em  $P^I$ , neste caso, um modificador de Locação. O predicado assume a posição absoluta  $P^M$ , e o modificador de modo assume a posição absoluta  $P^F$ . O constituinte extraoracional *bom* é ordenado na posição  $P^{Pré}$ :

(05a)	$P^{Pré}$	$P^I$	$P^M$	$P^F$
OP	bom	em Libreville	<b>começou</b>	<b>por trabalhar</b> numa... fábrica de confecção industrial

Na oração subordinada, a ordenação ocorre do seguinte modo: o operador de Modo, por ser um constituinte hierárquico, ocupa a posição inicial,  $P^I$ ; o predicado, a  $P^M$ , o modificador de Locação, a posição relativa  $P^F$ :

(05b)	$P^I$	$P^M$	$P^F$
OS	<b>por</b>	<b>trabalhar</b>	numa... fábrica de confecção industrial

Observamos, portanto, a existência de três preposições com diferentes funções: *a*, indicando aspecto progressivo; *de*, indicando argumento Locativo; *por*, indicando modo. Todas ordenadas na oração subordinada. No caso da preposição *a*, por ser da Propriedade Configuracional, a mesma camada do predicado, vai para a posição relativa  $P^{M-1}$ , já que o

predicado, por ser núcleo, tem precedência na ordenação, ocupando a posição absoluta  $P^M$ , conforme ilustra (15). Já a preposição *de*, também da camada da Propriedade Configuracional, por designar uma função, tem precedência na ordenação, ocupando a posição absoluta  $P^M$ , fazendo com que o verbo principal assuma a posição relativa  $P^{M+1}$ , seguido pelo argumento em  $P^{M+2}$ , como ilustra (16). No caso da preposição *por*, como Modo, portanto, um constituinte hierárquico da camada do Estado-de-Coisas, ocupa a posição absoluta  $P^I$ , e o predicado mantém-se na posição absoluta  $P^M$ , tal como mostra (17):

(15)	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
OS	<i>a</i>	<b>Predicado</b>	Argumento

(16)	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+2}$
OS	<i>de</i>	<b>Predicado</b>	Argumento

(17)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OS	<i>por</i>	<b>Predicado</b>	Argumento

Construções não-perifrásticas admitem a presença de operadores e modificadores de diferentes camadas entre a oração principal e a oração subordinada. Nesses casos, o elemento inserido delimita a fronteira entre as duas orações, podendo seu escopo recair sobre a primeira ou a segunda oração, dependendo da restrição ou especificação que esses elementos operam.

Com modificadores e operadores provenientes do Nível Representacional, foram encontradas diversas ocorrências. Trataremos, primeiramente, das ocorrências com modificadores de Tempo, como *depois* em (18) e *sempre* (19).

A ocorrência em (18) apresenta o modificador de tempo relativo *depois*, que atua sobre o Estado-de-coisas expresso na oração principal, especificando o tempo de ocorrência do Estado-de-coisas. Como destaca Pezatti (2014), modificadores da camada do Estado-de-coisas são ordenados na posição periférica  $P^F$ .

(18) e eles **acabaram depois por vender** [os móveis]. e faziam aí uma venda, que era muito engraçada, de coisas já usadas deles. (PT97:BaseMilitar:55)

Assim, na oração principal, o Tópico coloca-se em  $P^I$ , o predicado, por sua vez, assume a posição absoluta  $P^M$  e o modificador de tempo relativo assume uma posição no domínio de  $P^F$ , a posição  $P^{F-1}$ , já que o modificador de Modo, por ser mais complexo estruturalmente, assume a posição absoluta  $P^F$ . O constituinte extraoracional *e* é ordenado na posição pré-oracional,  $P^{pré}$ , pois estabelece uma relação não-dependente com a oração anterior:

(18a)	$P^{pré}$	$P^I$	$P^M$	$P^{F-1}$	$P^F$
OP	e	eles	acabaram	depois	por vender

Na oração subordinada, a preposição indicativa da função Modo *por* assume a posição inicial,  $P^I$ , e o predicado, a posição absoluta  $P^M$ :

(18b)	$P^I$	$P^M$
OS	por	vender

Ao contrário do que ocorre no exemplo anterior, em (19), é a ordenação da oração subordinada que será afetada pela inserção do constituinte hierárquico, pertencente à camada do Episódio, pois o modificador de tempo *sempre* indica o Tempo Absoluto de ocorrência da ação descrita na oração subordinada e não na oração principal, cujo predicado apenas indica uma ação durativa, graças ao significado de *vir*. Como mostra Pezatti (2014), operadores de Tempo Absoluto podem ocorrer em ambas as posições periféricas, tanto  $P^I$  quanto  $P^F$ , porém, prevalece uma preferência pela posição absoluta inicial,  $P^I$ , ou uma de suas relativas, caso a absoluta já esteja ocupada por outro constituinte.

(19) andei lá com um tratamento qualquer que at[...] - eu não me senti pior! mas, pronto, eu **vim sempre a melhorar**, não sei se também foi de ir lá se não.  
(PT97:MalDesconhecido:47)

Desse modo, a ordenação da oração principal começa pela colocação do Tópico na posição inicial,  $P^I$ ; o predicado continua na posição medial,  $P^M$ ; e seu o argumento Locativo oracional, escopado pelo modificador de Tempo Absoluto, é ordenado na posição relativa  $p^{M+1}$ :

(19a)	$P^I$	$P^M$	$p^{M+1}$
OP	eu	<b>vim</b>	<b>sempre a melhorar</b>

Na ordenação da oração subordinada, o modificador de Tempo Absoluto *sempre* assume a posição  $P^I$ , por ser hierarquicamente mais alto e escopar o Estado-de-coisas descrito na oração subordinada. O operador de aspecto progressivo *a* é ordenado na posição relativa  $P^{M-1}$ , visto que o predicado é ordenado na posição absoluta  $P^M$ :

(19b)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>
OS	<b>sempre</b>	<b>a</b>	<b>melhorar</b>

Por outro lado, a ocorrência (20) apresenta o modificador de Realidade *mesmo*, que atua na camada do Estado-de-coisas. Segundo Pezatti (2014, p. 123), modificadores de Realidade colocam-se em posição P<sup>F</sup>.

(20) deixei de tomar aquela porcaria toda, comecei-me a sentir cada vez melhor, cada vez melhor, **comecei mesmo a pensar** "não, isto será, isto é mesmo sistema nervoso". pronto, acabou. (PT97:MalDesconhecido:29)

Na ordenação da oração principal, o predicado permanece ocupando a posição absoluta P<sup>M</sup>. O operador de Realidade *mesmo*, sendo um constituinte que escopa o Estado-de-coisas, é ordenado, então, em P<sup>F-1</sup>, visto que o argumento oracional, por ser um constituinte mais complexo estruturalmente, ocupa a posição absoluta P<sup>F</sup>:

(20a)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OP	<b>comecei</b>	<b>mesmo</b>	<b>a pensar</b> "não, isto será, isto é mesmo sistema nervoso".

A ordenação da oração subordinada, por sua vez, não sofre alterações: o predicado permanece na posição absoluta medial, P<sup>M</sup>; a preposição *a* é ordenada, então, na posição relativa à esquerda, P<sup>M-1</sup>; e o argumento, por sua vez, na posição relativa à direita, P<sup>M+1</sup>:

(20b)	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OS	<b>a</b>	<b>pensar</b>	"não, isto será, isto é mesmo sistema nervoso".

É possível ainda a ocorrência de um ato interativo na fronteira das orações, como em (21).

(21) comecei a minha experiência de hotelaria e três meses depois fiz o curso de hotelaria, aprovei, não é, como um dos melhores empregados, e fui para o, o Afrodísíaco funcionar como empregado de mesa e depois passei para o Farol Velho durante cinco meses e agora **continuo no, no Imoca, não é?, a trabalhar**, normalmente. (Ang97: JovemGaspar:36)

O Ato Interativo *não é?*, por marcar a interação entre Falante e Ouvinte, é um constituinte extraoracional, que ocorre sempre após um Ato Discursivo para checar a concordância do ouvinte com relação ao conteúdo enunciado. Por ser um elemento pós-oracional, marca a fronteira entre a primeira e a segunda oração, mostrando que essas construções não constituem perífrases, mas sim duas orações relacionadas pelo processo de subordinação. Em construções perifrásticas, por outro lado, não há ocorrência de Atos Interativos entre os verbos envolvidos, o que reforça tratar-se de um único Sintagma.

Na ocorrência (21), o Ato Interativo marca a fronteira entre a oração principal e a subordinada, que aqui se constitui como outro Ato, com a função retórica Correção, ou seja, um ato que corrige e/ou esclarece uma informação considerada pelo Falante importante para conseguir o seu objetivo comunicativo.

Assim, na oração principal, o operador de tempo *agora* coloca-se na posição  $P^I$ , por ser o Tópico. O predicado *continuo* e seu argumento *no Imoca*, ficam no domínio de  $P^M$ , indo o verbo para  $P^M$  e o argumento, para  $P^{M+1}$ . O Ato Interativo, sendo um constituinte pós-oracional, assume, portanto, a posição de  $P^{pós-1}$ , visto que Ato de Correção, por ser mais complexo morfologicamente, ocupa a posição absoluta  $P^{pós}$ . O constituinte pré-oracional, *e*, é ordenado em  $P^{pré}$ :

(21a)	<b>P<sub>pré</sub></b>	<b>P<sub>I</sub></b>	<b>P<sub>M</sub></b>	<b>P<sub>M+1</sub></b>	<b>P<sub>pós-1</sub></b>	<b>P<sub>pós</sub></b>
OP	e	agora	contínuo	no Imoca	não é?	a trabalhar normalmente

Já na ordenação da oração subordinada, o operador de aspecto é ordenado em  $P^{M-1}$ , o predicado, em  $P^M$ , e o modificador de Modo, constituinte hierárquico, pertencente à camada do Estado-de-coisas, é ordenado em  $P^F$ :

(21b)	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OS	a	trabalhar	normalmente

Assim, a análise dos dados revela que, de acordo com o elemento inserido e seu escopo, a oração principal e a subordinada podem sofrer alterações em seu padrão de ordenação. Modificadores de Tempo Relativo, Realidade e Modo, por exemplo, atuam sobre a oração principal, enquanto modificadores de Conteúdo Proposicional, de Tempo Absoluto e de polaridade atuam sobre a oração subordinada.

## 5.2 Construções modais

Na seção 1.4.2, mostramos que não há unanimidade de definição entre gramáticos e linguistas sobre a categoria modalidade, sendo por vezes confundida com outras categorias da língua. Como acontece com os verbos aspectuais, não há consenso sobre os verbos modais que integram essas construções. No *corpus* analisado, foram encontrados os verbos *conseguir*, *dever*, *poder* e *querer*, somando 419 ocorrências, das quais 381 não apresentam operadores e/ou modificadores em sua adjacência.

- **Conseguir:** segundo Kury (1973), esse verbo designa consecução. A GDF o classifica como indicador de modalidade facultativa, que indica a capacidade de realização do evento expresso na oração seguinte, como em (22) e (23):

(22) você não **consegue arrancar** um pé de capim, por mais fraquinho que seja (Ang97:Guerra e Ambiente:76)

(23) o que é que acontece? ele foi para o campo e por acaso não **conseguiu brilhar**, porque estava com aquela, a pensar no, no que se passou, não é (PT97:DesportoDinheiro:70)

- **Dever:** considerado por Kury (1973) um verbo indicador de necessidade, é entendido pela GDF, como designador de modalidade deôntica e epistêmica, já que indica a necessidade ou obrigatoriedade da realização do evento que o segue, como em (24) e (25):

(24) sim, sim. pois. nós **devemos perdoar** à Ana Plácido. e eu perdoo-lhe, mas, eh, sei que ela que fez mal. (PT97:AmoresCamilo:137)

(25) os jovens **deviam pensar** antes, ter uma consciência do que vão fazer. (GB95:Aborto:38)

- **Poder:** segundo Kury (1973), esse verbo designa a possibilidade ou capacidade de realização do evento que o segue; pela GDF, trata-se de verbo que pode indicar modalidade deôntica ou epistêmica, conforme exemplificado em (26) e (27):

(26) hoje você **pode pensar** em produzir o dia inteiro. você sabe que o teu, que o teu dinheiro está... aplicado (Bra80:Planoreal:85)

(27) porque eu estou a falar em questões que vêm muito de trás, nós não **podemos esquecer** que o nosso país esteve parado no tempo durante cinquenta anos (PT90:PoderesCE:01)

- **Querer:** de acordo com Kury (1973), trata-se de um verbo que designa volição. Segundo a GDF, designa a modalidade volitiva, já que indica o desejo, a vontade de que determinado evento seja realizado, como ilustrado em (28) e (29):

- (28) eu **queria tirar** foto de tudo, eu queria experimentar tudo, eu queria ver tudo, não é  
(Bra80:SurpresasFotografia:97)
- (29) as pessoas não **queriam fugir** (CV95:IlhaFogo:120)

Como demonstrado no capítulo 3, tanto no caso das construções aspectuais como no das modais, as não-perífrases são formadas por verbos plenos que constituem o predicado de duas orações: uma principal e outra subordinada, numa relação de subordinação, sendo o predicado da oração principal um verbo de significado modal. Exemplos como (24) apresentam um núcleo, que é o verbo com significado modal *dever*, cujo argumento é constituído por uma propriedade configuracional *perdoar à Ana Plácido*. Morfossintaticamente, portanto, há uma oração subordinada com a função de argumento do predicado *dever*.

- (24) sim, sim. pois. nós **devemos perdoar** à Ana Plácido. e eu perdoe-lhe, mas, eh, sei que ela que fez mal. (PT97:AmoresCamilo:137)

Como se trata de duas orações, a ordenação, do mesmo modo como acontece com as construções não-perifrásticas aspectuais, deve ser analisada na camada da Oração. Assim, como na análise das construções não-perifrásticas aspectuais, a análise das construções modais envolve a ordenação da oração principal e da oração subordinada.

Ao contrário do que ocorre com as construções não-perifrásticas aspectuais, as modais são sempre formadas por dois verbos contíguos, nunca apresentando preposição: um verbo de significado modal, seguido por outro verbo no infinitivo, conforme (22).

- (22) você não **consegue arrancar** um pé de capim, por mais fraquinho que seja  
(Ang97:Guerra e Ambiente:76)

Primeiramente são alocados os constituintes com função Tópico, se houver, em posição  $P^I$ . A seguir, o operador de polaridade negativa assume a posição relativa  $P^{I+1}$ . O predicado, constituinte nuclear não-hierárquico, é ordenado na posição absoluta,  $P^M$ , seguido por seu argumento, neste caso, oracional, em  $P^{M+1}$ .

(22a)	$P^I$	$P^{I+1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	você	não	<b>consegue</b>	<b>arrancar</b> um pé de capim por mais fraquinho que seja

A oração subordinada é constituída, então, pelo predicado, ordenado na posição absoluta,  $P^M$ , seu argumento, que ocupa a posição relativa  $P^{M+1}$ , e pelo modificador de Concessão, que, por ser um elemento hierárquico da camada do Conteúdo Proposicional, assume a posição de  $P^F$  da oração subordinada, pois seu escopo abrange apenas essa oração:

(22b)	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^F$
OS	<b>arrancar</b>	um pé de capim	por mais fraquinho que seja

Esse padrão pode ser observado também em construções deônticas, como (24).

(24) sim, sim. pois. nós **devemos perdoar** à Ana Plácido. e eu perdoo-lhe, mas, eh, sei que ela que fez mal. (PT97:AmoresCamilo:137)

O Tópico, como já discutido, é ordenado na posição  $P^I$ ; o predicado segue na posição absoluta medial,  $P^M$ ; seguido por seu argumento oracional em  $P^{M+1}$ :

(24a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	nós	<b>devemos</b>	<b>perdoar</b> à Ana Plácido

Na ordenação da O<sub>2</sub>, o predicado novamente assume a posição P<sup>M</sup>, seguido por seu argumento, em P<sup>M+1</sup>:

(24b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OS	<b>perdoar</b>	à Ana Plácido

Construções volitivas também seguem o mesmo padrão, como em (28).

(28) eu **queria tirar** foto de tudo, eu queria experimentar tudo, eu queria ver tudo, não é  
(Bra80:SurpresasFotografia:97)

Do mesmo modo como nas outras ordenações, o Tópico é ordenado em P<sup>I</sup>; o predicado, em P<sup>M</sup>; e o argumento oracional, em P<sup>M+1</sup>:

(28a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	eu	<b>queria</b>	<b>tirar</b> foto de tudo

Na ordenação da oração subordinada, o predicado assume a posição P<sup>M</sup> e o argumento, a posição P<sup>M+1</sup>:

(28b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OS	<b>tirar</b>	foto de tudo

Pela análise dos dados, podemos perceber que as construções não-perifrásticas modais apresentam o mesmo padrão de ordenação das construções não-perifrásticas aspectuais destituídas de preposição, ou seja, o predicado é ordenado na posição absoluta,  $P^M$ , e a oração subordinada, sendo argumento oracional do predicado da oração principal, é ordenada em  $P^{M+1}$ , como mostra (14a), repetido aqui por conveniência. Na oração subordinada, o predicado coloca-se em  $P^M$  e o argumento permanece em  $P^{M+1}$ , caso não haja um constituinte hierárquico que force a mudança de posição, como ilustra (14b), também repetido por conveniência:

(14a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
	Tópico	<b>Predicado</b>	<b>Argumento Oracional</b>

(14b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
	<b>Predicado</b>	Argumento

As construções modais também permitem a inserção de operadores e modificadores na fronteira entre as duas orações. No caso das construções modais, no entanto, essas ocorrências são abundantes e mostram que diferentes operadores e modificadores, de várias camadas dos níveis Interpessoal e Representacional, podem ocorrer entre as orações, delimitando a fronteira entre elas.

Dentre os constituintes do Nível Interpessoal, observamos a ocorrência de operadores de função pragmática, como o operador de Ênfase *até*, em (30).

(30) eu seria pretenciosa se eu estivesse falando que eu sou melhor do que ela, entendeu, eu **posso até quebrar** muito minha cara ainda por ser assim, entendeu, mas eu acredito que eu sou uma pessoa mais aberta (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:69)

Neste caso, o operador de Ênfase escopa o Conteúdo Comunicado da segunda oração, assinalando o desejo do Falante de realçar o conteúdo expresso na oração subordinada. Dessa forma, a oração principal é ordenada de acordo com o padrão já observado: o Tópico é colocado em P<sup>I</sup>; o predicado permanece na posição absoluta P<sup>M</sup>, seguido por seu argumento oracional, em P<sup>M+1</sup>:

(30a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	eu	<b>posso</b>	<b>até quebrar</b> minha cara ainda por ser assim

Já na ordenação da oração subordinada o operador de Ênfase assume a posição absoluta, P<sup>I</sup>; o predicado, a P<sup>M</sup>, seguido por seu argumento, em P<sup>M+1</sup>. O operador de polaridade assume a posição de P<sup>F-1</sup>, tenho em vista a presença do modificador de Causa *por ser assim*, que também é hierárquico, porém, mais complexo morfologicamente, e ocupa a posição absoluta P<sup>F</sup>:

(30b)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OS	<b>até</b>	<b>quebrar</b>	minha cara	ainda	por ser assim

Há ainda ocorrências com operadores de Foco, como em (31).

(31) exactamente. eu **queria era aproveitar**, ver o que dava para poder, assim, conhecer o lugar e eu acho assim que eu até aproveitei muita coisa (Bra80:SurpresasFotografia:47)

O operador de Foco *era*, nesse caso, atua sobre o Subato Atributivo, sinalizando a escolha do Falante de informação nova, para preencher uma lacuna na informação do Ouvinte. Desse modo, a ordenação da oração principal ocorre como em (31a): o Tópico é ordenado em  $P^I$  e o predicado, em  $P^M$ , como observado até aqui. O argumento oracional, por ser marcado com a função Foco, ocupará a posição final  $P^F$ , típica para a marcação de Foco em português, como postula Pezatti (2014):

(31a)	<b><math>P^I</math></b>	<b><math>P^M</math></b>	<b><math>P^F</math></b>
OP	eu	queria	era aproveitar

A ordenação da oração subordinada, sendo tudo Foco, ocorrerá no âmbito de  $P^F$ : o constituinte com a função pragmática de Foco assume a posição absoluta  $P^F$ , e o operador, a posição relativa à esquerda,  $P^{F-1}$ :

(31b)	<b><math>P^{F-1}</math></b>	<b><math>P^F</math></b>
OS	era	aproveitar

Ocorrem também casos em que há um modificador do Nível Interpessoal, como Exemplificação, conforme ilustra (32).

- (32) eu **posso, por exemplo, estar** cansada ou, hum, hum, necessitada de, de umas férias, e se tiver pessoas capazes para me, para me substituir, essas pessoas podem ficar no meu lugar (To-Pr96:Costureira:93)

O modificador de exemplificação, nesse caso, restringe o Conteúdo Comunicado, que o segue, estabelecendo um claro limite entre as duas orações. O escopo do modificador é,

portanto, a segunda oração, cuja ordenação encontra-se em (32b). Já na ordenação da oração principal, o Tópico se posiciona em  $P^I$ ; o predicado, em  $P^M$ ; e o argumento oracional, precedido pelo modificador de exemplificação, em  $P^{M+1}$ :

(32a)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	eu	posso	por exemplo estar cansada ou, hum, hum, necessitada de, de umas férias

Na oração subordinada, o modificador de exemplificação, pertencente ao nível Interpessoal, assume a posição  $P^I$ ; o predicado, a  $P^M$  e seu argumento, a  $P^{M+1}$ :

(32b)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OS	por exemplo	estar	cansada ou, hum, hum, necessitada de, de umas férias

Os operadores e modificadores inseridos podem ainda pertencer ao Nível Representacional, como o modificador de Realidade *mesmo*, da camada do Estado-de-coisas, em (33).

(33) e depois, pronto, daí os portugueses introduziram, aplicaram aquele, aquele método, **conseguiram mesmo introduzir** a, o cristianismo e, abafaram, não é, posso dizer assim, o, a religião tradicional daquele povo. (TL99:IdentidadePovo:77)

Nesta ocorrência, o modificador de Realidade atua sobre o Estado-de-coisas expresso na primeira oração, ocupando, por isso, a posição  $P^{F-1}$ , já que a absoluta  $P^F$  é ocupada pelo argumento oracional do predicado *conseguir*, que assume sua posição  $P^M$ , conforme (33a):

(33a)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
OP	<b>conseguiram</b>	<b>mesmo</b>	<b>introduzir</b> a, o cristianismo

A ordenação da oração subordinada, por sua vez, ocorre normalmente: o predicado, em P<sup>M</sup>, seguido pelo argumento, em P<sup>M+1</sup>:

(33b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OS	<b>introduzir</b>	a, o cristianismo

O operador de polaridade, como *não* em (34), escopa o Estado-de-coisas descrito na segunda oração. Desse modo, na oração principal, o Tópico se posiciona em P<sup>I</sup>; o predicado permanece em P<sup>M</sup>; e seu argumento oracional, em P<sup>M+1</sup>:

(34) você **pode não pensar** assim agora, não é, mas um dia você ainda vai pensar  
(Bra80:JogoBicho:85)

(34a)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	você	<b>pode</b>	<b>não pensar</b> assim agora

Na oração subordinada, o operador de polaridade *não* assume a posição absoluta P<sup>I</sup>; o predicado, sua posição típica, P<sup>M</sup>. O operador de Modo *assim*, pertencente à camada do Estado-de-coisas, ocupa a posição relativa P<sup>F-1</sup> e o operador de Tempo Absoluto *agora* assume a posição P<sup>F</sup>, já que pertence à camada do Episódio:

(34b)	<b>PI</b>	<b>PM</b>	<b>PF-1</b>	<b>PF</b>
OS	<b>não</b>	<b>pensar</b>	assim	agora

Nas construções não-perifrásticas modais, os elementos intervenientes escopam o Estado-de-coisas descrito na oração subordinada. Ocorrências com modificadores de exemplificação corroboram a hipótese aqui defendida de que essas são construções subordinadas e não perifrásticas, já que casos como estes não podem ser encontrados na constituição de perífrases.

## CAPÍTULO VI

### CONSTRUÇÕES COMPLEXAS: PERÍFRASES E NÃO-PERÍFRASES

A língua, como instrumento de interação social, não é estática, está em constante mudança e transformação, assim como a sociedade que faz uso da língua. Dessa forma, é impossível conceber categorias estáticas e construções isoladas para algo que está em constante modificação. Assim como as categorias sofrem alterações, acompanhando o movimento da língua e da sociedade, também as construções se mesclam com o passar do tempo, ajustando-se à necessidade dos falantes.

Igualmente, as construções aqui estudadas podem se combinar, originando construções complexas, ou seja, construções em que há perífrases e não-perífrases, como exemplifica (01):

(01) ninguém pode assim dizer que não conhece a lei, porque a partir do momento que ela foi publicada, só aí ela **vai começar a valer**, sabe, então que são as leis assim... comuns.  
(Bra80:MundoDireito:44)

Para explicar essas construções complexas, as propostas de ordenação e de análise apresentadas neste trabalho devem também ser tão abrangentes quanto possível, de modo a analisar casos complexos como esse que revelam a capacidade de combinação entre as construções apresentadas até aqui.

A ordenação dessas construções obedece aos princípios e regras de ordenação já apresentados: (i) constituintes com função pragmática e hierárquicos serão ordenados primeiramente nos domínios de  $P^I$  e  $P^F$ ; (ii) constituintes não-hierárquicos ocuparão o domínio de  $P^M$ , com o predicado na posição absoluta; (iii) constituintes pré e pós-oracionais serão ordenados nas posições de  $P^{Pré}$  e  $P^{Pós}$ , respectivamente.

Portanto, lidamos aqui com dois domínios de análise: Sintagma e Oração. O objetivo desse capítulo é mostrar o lugar que cada construção ocupa na ordenação da oração, destacando as distinções e as possibilidades de combinação entre elas.

No *corpus* foram encontradas construções que combinam:

i) *Perífrase temporal e não-perífrase aspectual*, como em (01), repetida por conveniência, e em (02):

(01) ninguém pode assim dizer que não conhece a lei, porque a partir do momento que ela foi publicada, *só aí ela vai começar a valer*, sabe, então que são as leis assim... comuns. (Bra80:MundoDireito:44)

(02) porque se o Estado vem "ah! nós temos que fazer isso." o povo vai "*não, não vamos passar a fazer nada* porque vocês não nos pagam". (GB95:Democracia:60)

Em (01), a expressão *só aí ela vai começar a valer* é assim constituída: o Subato Atributivo, representado morfossintaticamente pelo pró-advérbio *aí*, além da função de Tópico, tem também a função Contraste, o que lhe garante a posição  $P^I$ . O outro Tópico<sup>11</sup>, o Subato representado por *ela*, assume então a posição relativa  $P^{I+1}$ . O predicado, formado pela perífrase temporal *vai começar*, é posicionado em  $P^M$  e seu argumento oracional, *a valer*, em  $P^{M+1}$ .

(01)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>I+1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	só aí	ela	<b>vai começar</b>	<b>a valer</b>

Como fica claro, há uma perífrase temporal formada pelo verbo auxiliar *ir*, indicando tempo, e pelo verbo pleno *começar*, indicando aspecto, que tem como argumento a segunda oração *a valer*.

<sup>11</sup> A GDF admite a possibilidade de existência de Tópicos Múltiplos (cf. HENGEVELD e MACKENZIE, 2008)

Na ocorrência (02), a expressão *vamos passar a fazer nada* apresenta um operador de polaridade que tem clara preferência pela posição inicial, ocupando a posição absoluta P<sup>I</sup>; a perífrase temporal, composta pelo verbo auxiliar *ir* e pelo verbo pleno *passar*, ocupa a posição absoluta medial, P<sup>M</sup>, ficando o argumento oracional, na posição relativa P<sup>M+1</sup>:

(02)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	não	<b>vamos passar</b>	<b>a fazer nada</b>

ii) *Perífrase temporal e não-perífrase modal*, como se observa em (03) e (04):

Em (03), o Tópico ocupa a posição P<sup>I</sup>. A perífrase temporal, composta pelo verbo auxiliar *ir* e o verbo pleno *poder*, ocupa a posição de predicado, P<sup>M</sup>, seguida pelo argumento oracional na posição relativa P<sup>M+1</sup>. O constituinte pré-oracional, *e*, é ordenado na posição P<sup>pre</sup>:

(03) *e você vai, vai poder prender o marido dentro de casa?* não, eu não.  
(Bra80:NadaCiumenta:26)

(03)	<b>P<sup>pre</sup></b>	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	e	você	<b>vai poder</b>	<b>prender o marido dentro de casa?</b>

Na expressão em (04), o operador de polaridade *não* assume a posição inicial P<sup>I</sup>. A perífrase temporal, composta pelo verbo auxiliar *ir* e o verbo modal *poder*, ocupa a posição P<sup>M</sup>, por ser o predicado da primeira oração, e o argumento oracional, a posição relativa P<sup>M+1</sup>. O relator *porque* é ordenado na posição extraoracional P<sup>pre</sup>:

(04) o Estado, o esta[...], o Estado fica numa situação... de inferioridade perante o povo.  
*porque não, não, não, não vai poder re[...], exigir nada ao povo.* (GB95:Democracia:58)

(04)	<b>P<sup>pre</sup></b>	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	porque	não	<b>vai poder</b>	<b>exigir nada ao povo</b>

iii) *Não-perífrase modal e perífrase aspectual*, como ilustram (05) e (06):

A principal distinção a ser notada, na ocorrência (05), é que a perífrase *estar levando* ocorre na oração subordinada, que é argumento do predicado modal *poder*. Dessa forma, o operador de polaridade ocupa a posição absoluta P<sup>I</sup>, o verbo *poder*, a posição do predicado da primeira oração, P<sup>M</sup>. A oração subordinada, por sua vez, como argumento do predicado, é ordenada na posição relativa P<sup>M+1</sup>:

(05) não pode ser ciumenta, *não pode estar levando o negócio assim*, você quer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. você imaginou a mulher de médico ciumenta?  
 (Bra80:NadaCiumenta:03)

(05)	<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
OP	não	<b>pode</b>	<b>estar levando o negócio assim</b>

A ocorrência em (06) merece destaque pelo fato de ser composta por três orações em relação hierárquica.

Como se pode observar, a oração principal *pode continuar a fumar* tem como argumento a oração *continuar a fumar*, que, por sua vez, tem a oração *a fumar* como seu argumento.

(06) "o senhor fuma uns cigarros, *pode continuar a fumar*". (PT97:MalDesconhecido:94)

O<sub>1</sub>: **pode continuar a fumar**

O<sub>2</sub>: **continuar a fumar** – argumento oracional do verbo pleno *poder*

O<sub>3</sub>: **a fumar** – argumento oracional do verbo pleno *continuar*

Sendo assim, não há perífrase, apenas a combinação de duas construções não-perifrásticas formadas pelos verbos *poder* e *continuar*, o primeiro modal e o segundo aspectual. Apresentamos apenas a ordenação da O<sub>1</sub> e da O<sub>2</sub>, pois são constituídas pelos verbos plenos que nos interessam: *poder* e *continuar*. Por não haver elementos hierárquicos, a ordenação ocorre no âmbito de P<sup>M</sup>. Na O<sub>1</sub>, portanto, o predicado, composto pelo modal *poder*, é ordenado na posição absoluta medial, P<sup>M</sup>; seguido do argumento oracional na posição relativa P<sup>M+1</sup>:

(06a)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
O <sub>1</sub>	<b>pode</b>	<b>continuar a fumar</b>

A oração *continuar a fumar* segue o mesmo padrão da anterior: o predicado, composto pelo verbo aspectual *continuar*, é ordenado em P<sup>M</sup>, seguido por seu argumento também oracional em P<sup>M+1</sup>:

(06b)	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>
O <sub>2</sub>	<b>continuar</b>	<b>a fumar</b>

iv) *Não-perífrase modal e perífrase temporal*, conforme se pode observar em (07) e (08):

(07) que bom! ah, isso é bom. *mas você **deve ter sofrido** imenso durante aquele, aquele tempo.*  
(PT97:MalDesconhecido:31)

Nesta ocorrência, a perífrase ocorre no argumento oracional, subordinada ao verbo modal *dever*. Em P<sup>I</sup> é alocado o constituinte Tópico, *você*; o predicado, constituído pelo verbo *dever*, é ordenado na posição absoluta P<sup>M</sup>, seguido por seu argumento oracional, do qual a perífrase é o predicado, na posição relativa P<sup>M+1</sup>. O relator *mas* é ordenado na posição P<sup>pré</sup>.

(07)	P <sup>pré</sup>	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
OP	mas	você	<b>deve</b>	<b>ter sofrido</b> imenso durante aquele, aquele tempo

Em (08) a perífrase compõe o argumento oracional do verbo modal *poder*. Dessa forma, o padrão de ordenação permanece o mesmo: o Tópico *ela* é ordenado na posição inicial P<sup>I</sup>, o predicado, na posição P<sup>M</sup> e seu argumento oracional, na posição relativa P<sup>M+1</sup>:

(08) *ela **podia ter ganho** o segundo [lugar].* (Moç97:SentimentoDesporto:49)

(08)	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
OP	ela	<b>podia</b>	<b>ter ganho</b> o segundo [lugar]

v) *Perífrase aspectual e não-perífrase modal*, como em (09) e (10).

Em (09), a perífrase aspectual compõe o predicado da primeira oração, à qual a segunda oração está subordinada como seu argumento. Desse modo, o operador de polaridade

é ordenado na posição absoluta  $P^I$ ; o predicado, composto pela perífrase aspectual, é ordenado em  $P^M$ , seguido pelo argumento oracional, em  $P^{M+1}$ :

- (09) o que não quer dizer que alguns angolanos, das mais variadas origens, não tenham também apanhado já esses estudos universitários. mas, é bom termos a percepção que o ensino universitário em Angola aparece muito tarde. e estou a comparar com as outras colónias africanas, *não estou a querer comparar com mais nada.*  
(Ang97:EnsinoAngola:29)

(09)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	não	<b>estou a querer</b>	<b>comparar</b> com mais nada.

Do mesmo modo, (10) é composta pela perífrase *estão querendo* e a oração subordinada, *fazer tudo*, na posição de argumento da perífrase. Assim, o padrão de ordenação para os constituintes não-hierárquicos é o mesmo: o predicado, composto pela perífrase aspectual, é ordenado na posição absoluta,  $P^M$ , seguido por seu argumento oracional em  $P^{M+1}$ . Há aqui dois Tópicos, *eles* e *agora*, que são ordenados, respectivamente, nas posições  $P^I$  e  $P^{I+1}$ . O constituinte extraoracional *e* assume a posição  $P^{pré}$ :

- (10) estão querendo fazer. estão querendo fazer. gente, *e[...]*, *eles agora estão querendo fazer tudo.* que eles estão a fim de correr (Bra80:SeEuMandasse:20)

(10)	$P^{pré}$	$P^I$	$P^{I+1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
OP	e	eles	agora	<b>estão querendo</b>	<b>fazer tudo.</b>

Dentre os dados coletados e analisados, a única combinação que não foi encontrada é a de verbo com significado aspectual seguido de perífrase temporal.

Como observamos pela organização de camadas da GDF, o Aspecto ocorre na camada da Propriedade Configuracional, onde os constituintes são não-hierárquicos, ou seja, a categoria de aspecto especifica o predicado, escopando apenas os constituintes que também se

inserir nessa camada. Tempo e Modalidade, por seu turno, pertencem a camadas mais altas, isso faz com que seu escopo seja mais amplo e possa incluir constituintes de diferentes camadas. Desse modo, quando associamos perífrases e não-perífrases, estamos lidando com questões de escopo: aspecto, por ser mais nuclear, não pode escopar constituintes mais altos, como é o caso de Tempo, por isso, a impossibilidade de uma combinação entre não-perífrase aspectual e perífrase temporal.

Para encerrar esse breve capítulo, destacamos que a análise dos dados, aqui apresentada, mostra que é possível tratar construções complexas, em que se combinam tempo, modalidade e aspecto, graças à relação de escopo. Como observamos, casos como o das construções não-perifrásticas modais seguidas de perífrases temporais são possíveis graças às relações de escopo, já que o tempo marcado pela perífrase recai apenas sobre a segunda oração, permitindo que a primeira tenha seu próprio tempo e modalidade.

Enfatizamos, no entanto, que este capítulo apresenta apenas um esboço de um aspecto que merece ser estudado mais detalhadamente. Tendo em vista as limitações desta pesquisa, não abordamos detalhadamente esse tema, mas esperamos que esse seja um impulso para questionamentos e estudos futuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem sabem os pesquisadores que lidam com *corpus*, são os dados que conduzem as pesquisas. No caso desta dissertação, o objetivo inicial de averiguar a ordenação dos sintagmas verbais levou-nos a investigar a natureza das construções perifrásticas e não-perifrásticas em português. Isso significa que a ordenação de constituintes é um indício forte para explicar fenômenos gramaticais, o que raramente é considerado pelos analistas.

Com a aplicação dos testes de auxiliaridade, foi possível depreender as primeiras distinções, classificando dois grupos verbais. De um lado, *estar, ir, ter de/que, ter e haver*, verbos que não permitem a inserção de diferentes sujeitos em suas construções, bem como são restritivos quanto ao escopo da negação, além de, fundamentalmente, apresentarem esvaziamento semântico quando empregados juntos a verbos plenos. Por outro lado, *começar, acabar, continuar, passar, dever, querer e poder* permitem a inserção de diferentes sujeitos, são pouco restritivos quanto ao escopo da negação e, principalmente, mantêm seu conteúdo semântico tanto quando acompanhados por complementos nominais, quanto quando seguidos por outros verbos plenos.

Esses resultados permitiram uma primeira distinção entre perífrases e não-perífrases, mas não resolviam outras questões levantadas na análise dos dados. A ordenação dos constituintes foi, então, peça-chave para delimitar essas construções.

Tomando por base os princípios de ordenação da GDF e a obra de Pezatti (2014) sobre a ordenação de constituintes da Oração em português, realizamos as análises aqui apresentadas e, como resultado, obtivemos diferentes padrões de ordenação para construções perifrásticas e não-perifrásticas em português.

Chegamos, portanto, às seguintes definições para cada construção:

*Construção perifrástica* é formada por um verbo auxiliar e um verbo lexical em forma nominal, constituindo assim um Sintagma no Nível Morfossintático e uma única Propriedade Configuracional no Nível Representacional.

A ordenação das construções perifrásticas é dada na camada da Sintagma, em que o predicado, verbo principal, permanece sempre na posição de  $P^M$  e o verbo auxiliar, esvaziado de significação, assume sempre a posição relativa à esquerda de  $P^M$ , variando entre  $P^{M-1}$  ou  $P^{M-2}$  caso haja ou não preposição:

(01)	$P^{M-1}$	$P^M$
	Verbo Auxiliar	Verbo principal

(02)	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$
	Verbo Auxiliar	<i>a</i>	Verbo principal

As construções perifrásticas somente admitem i) operadores do Nível Interpessoal que especificam o Subato Atributivo, que corresponde ao predicado no Nível Representacional; ii) operadores e modificadores do Nível Representacional das camadas mais baixas, a do Estado-de-coisas e a da Propriedade Configuracional.

*Construção não-perifrástica* é formada por dois verbos lexicais, núcleos de duas Propriedades Configuracionais, que, no Nível Morfossintático, constituem duas Orações em uma relação de subordinação, já que a segunda oração é argumento ou modificador da primeira.

Nas construções não-perifrásticas, a ordenação ocorre na camada da Oração, já que há dois núcleos contíguos que constituem orações distintas, cada qual com sua própria linearização.

Assim, o padrão de ordenação é o mesmo para a oração principal das construções aspectuais e modais: o Tópico, se houver, é ordenado em  $P^I$ ; o predicado, em  $P^M$ , e seu argumento ou modificador, composto pela oração subordinada, ocupa a posição  $P^{M+1}$  (quando argumento) ou  $P^F$  (quando modificador).

(03)	$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}/P^F$
OP	Sujeito	Núcleo verbal	Argumento/Modificador Oracional

A ordenação da oração subordinada obedece aos mesmos princípios da oração principal, permanecendo o predicado em  $P^M$ , seu argumento, em  $P^{M+1}$  e os constituintes com função pragmática ou hierárquicos, nos domínios de  $P^I$  ou  $P^F$ .

Como é possível notar pelos dados, uma variedade de constituintes, todos de camadas mais altas do que nas construções perifrásticas, pode ser alocada nas construções não-perifrásticas, que permitem, portanto: i) operadores e modificadores do Nível Interpessoal, da camada do Conteúdo Comunicado; ii) operadores e modificadores do Nível Representacional de camadas mais altas, a do Conteúdo Proposicional e a do Episódio e iii) argumentos de Propriedade Configuracional. Dentre esses elementos, os operadores e modificadores de Estado-de-coisas escopam a oração principal, e ocupam a posição final. Já os operadores e modificadores de Conteúdo Comunicado (Nível Interpessoal) e os operadores de Conteúdo Proposicional e Episódio (Nível Representacional) escopam a oração subordinada, ocupando a posição inicial.

Os dados mostram, portanto, a existência de padrões de ordenação para cada tipo de construção estudada, comprovando o postulado de que a ordenação dos constituintes sintagmáticos e oracionais não é livre, obedece, portanto, a um padrão bem definido, mesmo nos casos em que há a inserção de outros elementos na adjacência entre os verbos, obedecendo aos princípios de ordenação, como bem observa Pezatti (2014).

Operadores e modificadores que rompem a adjacência dos verbos ocorrem raramente em construções perifrásticas, sendo, no entanto, abundantes nas construções não-perifrásticas. Isso revela que essas construções ainda não se gramaticalizaram, constituindo, na verdade, construções subordinadas.

Os resultados revelam também a necessidade de trabalhos mais aprofundados a respeito das construções perifrásticas compostas com os verbos auxiliares *estar* e *ir*. Como demonstrado nos testes de auxiliaridade e ordenações, embora verbos sejam auxiliares, seu estatuto é distinto do de verbos como *ter* e *haver*, pois aqueles ainda mantêm resquícios do significado original, transmitindo-o para as construções nas quais são empregadas. Esse fato não invalida a análise aqui apresentada, pois, como discutimos, há elementos mais do que suficientes para comprovar o emprego desses verbos como auxiliares. Esperamos, no entanto, que as distinções existentes entre eles e outros verbos auxiliares sejam o tema para um trabalho futuro mais direcionado e que se proponha a investigar os mistérios desses verbos tão produtivos em português.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília – SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tese de Doutorado, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CÂMARA JR, J. M. **Uma forma verbal portuguesa**. Um estudo estilístico gramatical. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de filologia e gramática referente à Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Jozon Editor, 1973.
- \_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Gragoatá**, v. 27, p. 155-168, 2. sem. 2009.
- DIK, Simon. **Functional Grammar**. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981a.
- \_\_\_\_\_. The interaction of subject and Topic in Portuguese. In: Machtelt Bolkestein *et al.* Orgs. **Predication and Expression in Functional Grammar**. New York: Academic Press, 1981b.
- \_\_\_\_\_. **The Theory of Functional Grammar**. Part I. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA: Foris Publications, 1989.
- \_\_\_\_\_. **The Theory of Functional Grammar**. Pt 1: The structure of the clause. Ed. Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **The Theory of Functional Grammar**. Pt 2: Complex and derived constructions. Ed. Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- HENGEVELD, K. Mood and Modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed.). **Morphology: A handbook on inflection and word formation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 1190-1202.
- HENGEVELD, K. **A new approach to constituent order typology**. Amsterdam: Amsterdam Center for Language and Communication, University of Amsterdam, 2012.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: Org. CASTILHO, A. T., ILARI, R., NEVES, M. H. M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. vol. II. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

KURY, A. G. **Pequena gramática – para explicação da nova nomenclatura gramatical**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. **Lições de análise sintática: teoria e prática**. 7. ed. São Paulo: Lisa-Livros Irradiantes, 1973.

LOBATO, L. M. P. et al. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade. In: \_\_\_\_\_. **Análises Linguísticas**. Tradução por Maria Ângelo Botelho Pereira. Petrópolis: Vozes, 1975.

OLBERTZ, H. **Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish**. Berlin, New York, NY: Mouton de Gruyter, 1998.

PEZATTI, E. G. **A ordem de palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 05/09/2014

DANYTIELE CRISTINA FERNANDES DE PAULA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'D. Paula', is centered on the page. The signature is written in a cursive style with a horizontal line underlining the name.

---

Assinatura